This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

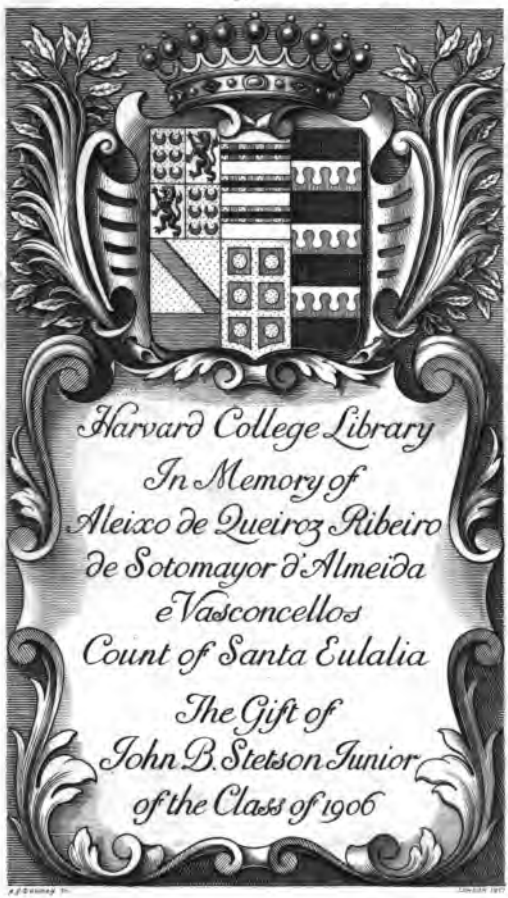
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

FA 745.20

TRANSFERRED TO
FINE ARTS LIBRARY



Ribeiro Arthur

Arte e Artistas Contemporaneos

3.ª serie

LIVRARIA MODERNA
95, Rua Augusta — Lisboa

9. I

ARTE

E

ARTISTAS CONTEMPORANEOS

3.ª serie

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

---

2 exemplares em papel Japão assignados pelo auctor.
3 exemplares em papel Whatman assignados pelo auctor.
1:000 exemplares em papel algodão de 1.ª qualidade.

RIBEIRO ARTHUR

ARTE

E

ARTISTAS CONTEMPORANEOS

3.ª serie

ILLUSTRAÇÕES

DE

VELLOZO SALGADO, JOÃO VAZ,
ANTONIO RAMALHO, CELSO HERMINIO
COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO, ERNESTO
CONDEIXA, ALMEIDA E SILVA, EZEQUIEL PEREIRA,
J. GYRÃO, TORQUATO PINHEIRO, COSTA MOTTA,
CHRISTINO DA SILVA, MANUEL DE MACEDO
ROQUE GAMEIRO, JOSÉ MALHOA, ALFREDO
DE MORAES, JORGE COLLAÇO
E ARTHUR LOUREIRO

LISBOA
LIVRARIA MODERNA
RUA AUGUSTA, 95
M CM III

FA7 45.20
~~FA7 38.19~~

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

MAY 28 1924

Os poucos annos decorridos desde a publicação da segunda parte d'esta obra á sua terceira não dão margem a que se affirme qualquer modificação importante na nossa vida artistica; alguns acontecimentos porem se tem dado que merecem mencionar-se e a galeria dos artistas contemporaneos está ainda bastante incompleta no nosso trabalho, em que desejariamos abranger todos aquelles que pelo seu talento e originalidade, ou pelo seu esforço para o bem no culto da arte, se tem distinguido, conseguindo merecer o applauso e a consideração dos que prezam essa bella manifestação do espirito humano, que tanto enobrece os paizes que a honram.

E' pois o desejo de collocar n'esta galeria, onde se encontram já tantos nomes

illustres, mais alguns dos que n'ella tem honroso logar quem me apressa na publicação da terceira parte da minha obra, embora alguns annos de espera a podessem tornar mais completa.

Quem póde, porém, contar com o dia d'ámanhã?

Mais algumas pedras serão pois collocadas na modesta pyramide em que estão commemorados os mais notaveis acontecimentos artisticos dos ultimos tempos e gravados os nomes dos maiores entre os artistas que tem collaborado no desenvolvimento da arte moderna em Portugal.

A' MEMORIA

DO

BOM E GRANDE

SILVA PORTO

MEU AMIGO E MESTRE

Ribeiro Arthur.

I

PERFIS

FERREIRA CHAVES

Notavel coincidencia, que mostra o quanto por muito tempo o nosso meio foi ingratamente safaro para a arte, dois artistas que successivamente vieram occupar o logar de professor de pintura historica na Escola de Bellas Artes de Lisboa, Miguel Angelo Lupi e José Ferreira Chaves, tiveram de acolher-se á burocracia para viverem.

Lupi, tendo cursado sete annos a Academia de Bellas Artes, desanimou e fez-se amanuense do Tribunal de contas, depois offerecendo-se-lhe occasião de pin-

tar o retrato de D. Pedro V, obteve, pela revelação que do seu merito deu esse trabalho, a pensão que lhe permtttiu continuar em Roma os seus estudos, vindo, concluidos estes, occupar a cadeira de professor.

José Ferreira Chaves, morreu chefe de contabilidade da Camara municipal de Lisboa.

Nascera em Chaves em 1837, e viéra ainda creança cursar a Academia, estudando com Metrass, um mallogrado mestre que substituira o velho Fonseca na cadeira de pintura historica, e que mal poude, tão cedo a morte o levou, transmittir aos discipulos o que da sua arte aprendera, pela Italia e pela França, preclaro espirito que irradiou a luz de muita esperança.

Foi tambem Chaves discipulo de Lupi, e a sua carreira artistica não começou obscuramente. Em 1871 concorreu á exposição de Madrid com o retrato de *José Ignacio d'Araujo* e *Flores e fructas* Rangel de Lima que a esse tempo se oc-

cupava conscienciosamente de critica d'arte, fallando da boa apreciação que aquelles trabalhos tinham recebido no visinho reino, dizia: «O sr. Chaves é um artista muito applicado e de talento, eram já conhecidos estes seus quadros pelo muito merecimento da forma e da côr.»

O velho e finissimo artista, possuidor de vasta illustração, que foi pae d'uma geração illustre na arte e na sciencia, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, fallando d'alguns artistas que concorriam ás exposições desse tempo, cita entre outros moços de talento José Ferreira Chaves, cujos trabalhos, diz, revelam grandes qualidades.

Em noticias e apreciações das exposições da Sociedade Promotora de Bellas Artes encontram-se sempre singularmente elogiadas as obras de Chaves, n'uma d'ellas, a nona, é citado um retrato de senhora, considerado como uma verdadeira e sentida obra d'arte.

Estas qualidades d'artista, que os annos d'estudo aperfeiçoaram ainda, poderam

ser devidamente apreciadas pelo publico na surprehendente exposição posthuma, realisada em 1901, poucos mezes depois da morte do artista.

Era em religioso silencio que se percorria a sala onde numerosos retratos, alguns primorissimos, alternavam com flôres, variadas, mimosas, de feição viva. Os retratos nas suas attitudes socegadas, affaveis, cerimoniosas ou altivas, parecia entreolharem-se communicando o mesmo pensamento, como que o pezar por elle, que, no topo da sala, cercado de pessoas de familia, se inclinava na moldura dourada, dominando a scena, a phisionomia tão bondosa attrahindo-lhe as sympathias dos mais estranhos, dos que nunca haviam podido gozar o convivio do espirito delicado e superior que o animava.

Para bem se julgar do valor d'um artista nada ha como a analyse d'uma grande parte reunida da sua obra, é um interessante estudo subjectivo, principalmente quando n'ella vêmos representadas epocas diversas da sua vida, e podemos

observar as hesitações, cortadas pelo fôgo do enthusiasmo, dos primeiros annos.

Em todos os retratos de Chaves se nota uma calma serenidade, uma doce abstração de quem na quietação do pensar se entreteve devaneando alguma cousa de bom e de suave, desfazendo a aspera contracção phisionomica, stigma das paixões que convulsionam a alma.

O desenho em todos de mestre, magnifica em muitas a carnação, e os estofos flexiveis envolvendo os corpos em harmoniosas pregas. Entre estes retratos alguns chamavam particularmente a attenção, como a fidalga figura de D. Emilia Osorio Alarcão, a gentil phisionomia de M.lle Fuschini, em que o mestre, cujo espirito estava sempre aberto á idéa d'aperfeiçoamento, mostra a influencia recebida e acceite do seu grande e dilecto discipulo Salgado, e outros de que agora, tempo já passado, me não recorda a personalidade.

Pensava-se ali no muito que valera o artista desapparecido do mundo, mas que

já havia bastante tempo deixára fazer silencio em volta do seu nome affastando-se da publicidade das modernas exposições, onde as obras de alguns dos seus discipulos, como Salgado, Luciano Freire e Conceição Silva vinham proclamando alto o louvor do mestre.

Desde a morte de Lupi, em 1881, até 1897 regeu José Ferreira Chaves a cadeira de pintura historica e accumulava as funcções de professor zeloso, que sempre foi, com o seu emprego na Camara Municipal, onde tinha d'occupar-se com o trabalho absorvente e estupidamente massador d'um guarda-livros.

Parece incrivel, mas é verdade.

Certamente que apenas os dias feriados lhe sobrariam para o *atelier* onde ia amorosamente entreter-se com as suas flôres tão queridas, para pintar a sua numerosa galeria de retratos.

É curioso um episodio passado entre Chaves e o conselheiro Fuschini quando este, em 1886, acceitou o logar de vereador da camara. Pensando em organizar

as atrapalhadas finanças municipaes, dirigiu-se o conselheiro ao chefe de contabilidade, e ambos juntos, trabalhando noite e dia, occupavam-se assiduamente de pôr as contas em ordem. Uma occasião, tratando-se de distribuição de trabalho, Fuschini marcou tarefa para um domingo.

«Impossivel, accudiu Chaves, tenho d'acabar os quadros para a Camara Municipal já um pouco atrazados.»

«Quaes quadros?»

«Os retratos de José Estevam e de Mousinho da Silveira para a sala das sessões», explicou Chaves.

«O que? exclamou Fuschini, ao lado do Marquez de Pombal, do Lupi? Então é um grande pintor?»

O Chaves encolheu ligeiramente os hombros e sorriu.

Assim nos conta o conselheiro Fuschini, biographando aquelle que depois foi seu intimo amigo, a maneira como descobriu a identidade do director geral da fazenda da Camara Municipal de Lisboa

com o distincto professor de pintura historica da Escola de Bellas Artes.

Esta vida d'esmagador trabalho faz-me comprehender sem surpreza como Chaves apezar do seu talento não deixou mais rica bagagem artistica, e n'ella faltem largas composições. Todavia, como para demonstrar que não era falta d'inspiração o pintor de flôres e retratos deixou incompletas duas obras que teriam dado gloria ao seu nome e honra á arte nacional — *As nymphas do Mondego chorando a morte d'Ignez de Castro* — e — *As nereidas evitando que a nau de Vasco da Gama se despedaçasse contra os rochedos.* —

A quem reflectir sobre o estado desolador em que o nosso paiz ficou em seguida á terrivel primeira dezena do seculo XIX, nos annos d'agitação que depois se succederam, nenhuma admiração pódem causar as tristes condições da vida artistica em Portugal na primeira metade d'esse seculo.

Pina Manique, cujo nome ficou para

muitos justamente odioso fôra, na verdade, um protector das artes; foi creação sua uma escola de desenho e devemos lhe o grande nome de Domingos Antonio de Sequeira, pois por sua influencia foram mandados, a expensas do governo, estudar em Roma alguns pintores que revelaram merito e entre elles o glorioso auctor do — *Juizo final* — esse poderoso e original talento que nos assombra quando vemos o que da sua obra encerra a sala do Museu Nacional de Bellas Artes que lhe está consagrada.

De volta a Portugal foi Sequeira o festejado director da Escola de Desenho d'Ajuda, que poucos resultados chegou a dar pelo desmoronamento da sociedade d'então.

Passado o periodo heroico das luctas contra o estrangeiro, apasiguada a tormenta das guerras de principios em que os ideaes livres tinham necessariamente de vencer, Passos Manuel conseguiu a creação da Academia de Bellas Artes de

Lisboa em 1836 e um dos subsidiados para estudar arte no estrangeiro pelo illustre conde de Farrobo, Antonio Manuel da Fonseca, recemchegado d'Italia, d'onde trouxera a sciencia decadente da escola romana, a visão de muitos classicos e duas grandes copias, a da *Transfiguração*, de Raphael e a d'um *S. Jeronymo*, do Dominiquino, que chamam ainda hoje a attenção dos visitantes do museu das Janellas Verdes, foi nomeado professor de pintura historica.

Tinha talento o Fonseca, mas não tivera a fortuna de ver despontar o alvorecer da arte moderna a irradiar já pela Allemanha e pela França.

Era archaico o seu ensino, mas elle era talvez o melhor professor da Academia, e teve uma selecção de discipulos que deixaram nome. Metrass e Patricio que morreram moços, Christino, Leonel e Lupi.

Metrass que era relativamente rico, poude ir satisfazer a sua ancia d'aperfeiçoamento no estrangeiro, mas para quasi

todos os outros que desanimadora lucta!... Annunciação, o notavel animalista, sentia-se desamparado n'essa escola onde em vez de lhe apontarem tudo quanto a natureza ensina á arte, lhe davam copias a fazer, imbecis ás vezes. Verdadeira alma d'artista, elle concentrou-se no estudo, foi a natureza o seu primeiro mestre, depois os bons livros que lhe ensinavam a technica da sua arte, e na falta d'outros directores que satisfizessem o seu espirito era a elles que recorria. Foi um grande artista pela energia da sua vontade, Annunciação. Não desanimou no começo da carreira, mas que lucta a sustentar para chegar a ser o que foi e viver da pintura, n'um paiz onde não tinha mestres, nem grandes museus replectos d'obras d'arte, onde quasi não havia quem comprasse quadros e até mesmo escasseava quem vendesse telas e tintas para pintar!

Chaves encontrou já a animal-o a Sociedade Protectora de Bellas Artes, que desde 1862 procurava auxiliar o movi-

mento artistico, abrindo exposições, facultando aos amadores a aquisição de quadros, mas os amadores eram tão raros ainda no paiz em que as classes medias demoravam n'uma obscura quietação d'espirito, a nobreza ia vendo desmoronar-se o resto da sua grandeza e os dirigentes, absorvidos, como ainda hoje se absorvem n'uma politica corrompida e corruptora, desprezavam quasi inteiramente as artes.

O que admira não é que Chaves procurasse entrar para a burocracia, a admiração está em que, apesar d'isso, continuasse a ser um artista devotado á sua arte, um mestre considerado n'ella.

Possuia a bondade dos fortes e tambem a sua tenacidade. Como bom que era amava as cousas simples, pintava flôres e fructas carinhosamente, pintava retratos de familia e dos amigos como quem se compraz na presença d'entes amados.

Foi vice-presidente da Academia de Bellas Artes que o nomeou academico de

merito. O governo agraciou-o com o habito de S. Thiago e nas exposições a que concorreu obteve honrosas medalhas, alcançando a de ouro n'uma exposição do Porto.

Concorreu ao *Salon* de Paris com o retrato de D. Emilia Osorio Alarcão.

Se tivesse consagrado á Arte toda a sua vida, tão laboriosa, todas as faculdades da sua clara intelligencia, o mestre sempre tão respeitado pelos seus mais illustres discipulos, que glorioso nome teria alcançado entre os seus contemporaneos!

MANUEL DE MACEDO

Um exemplo admiravel de dignidade e de coragem é a vida d'este ancião d'alma e olhar juvenil, ainda hoje trabalhador incansavel, sempre alegre, enthusiasta e firme, que nunca vergou ao peso do desanimo, que nunca uma prevaricação manchou.

Oriundo d'uma nobre e opulenta familia, sendo seu pae o illustre par do reino Antonio de Macedo Pereira Coutinho de Menezes, viu-se, quasi creança

ainda, em lucta com a adversidade e a pobreza, interrompidos os estudos que deviam abrir-lhe uma larga carrreira. Não seguiu o caminho que quasi sempre em taes casos segue a nossa mocidade dourada, o de mendigar do estado umas migalhas á mesa do orçamento, adquirindo o direito de bocejar n'uma secretaria ou de cruzar os braços na ociosidade.

Manuel de Macedo era um altivo e resolveu pedir ao trabalho os recursos para viver.

Seu pae, homem illustrado que recebera esmerada educação no estrangeiro, acolhia em sua casa muitos estrangeiros de elvevada cultura e vivia n'uma athmosphera intellectual que muito auxiliava o desenvolvimento da natural inclinação de Manuel para as artes. As lições recebidas de professores estrangeiros na infancia, e a frequencia d'anno e meio no *atelier* d'Annunciação, que por amisade para ali o convidára, foram o cabedal de sciencia artista com que Manuel de Ma-

cedo se lançou ao trabalho para ganhar a vida; possuia tambem a vontade e a crença e tinha a visão educada artisticamente. A sua educação esmeradissima, abrindo-lhe logo nos primeiros annos horisontes largos, e encontrando uma previlegiada intelligencia, tornou-o um artista distincto pela vastidão dos seus conhecimentos.

Em 1858, com 19 annos foi para o Porto, onde tinha parentes e amigos, e lá viveu na Foz durante dois annos, estudando e trabalhando sempre, conseguindo, milagre d'energia nas suas circumstancias, viver do trabalho. Dedicava-se especialmente ao estudo de costumes e a colonia estrangeira no Porto, entre a qual se encontravam antigos condiscipulos de seu pae na Allemanha e na Dinamarca, amigos do tempo da emigração, favorecia-o na tendencia para esse genero de pintura comprando-lhe os trabalhos, muitos dos quaes existem hoje na Inglaterra; tendo adquirido os mais importantes dos seus estudos um com-

merciante allemão, estabelecido em Liverpool irmão do celebre pintor de genero Meyerheim. Do Porto foi Manuel de Macedo para Coimbra em 1860, indo viver com seu irmão Henrique, o qual a esse tempo concluia ali a sua formatura. Foi em Coimbra que, guiado pelos conselhos d'Eugenio Lucini, um scenographo da escola de Barcelona, seu bom amigo, fez os primeiros ensaios scenographicos, trabalhando para o theatro de S. Luiz e no Academico, com uma febre de producção que revelava já no rapaz de poucos annos o energico trabalhador que sempre tem sido.

Em 1862, vindo seu irmão para Lisboa fazer um concurso para a Polytechnica, Manuel de Macedo acompanhou-o, e pouco depois, por intervenção d'Eduardo Garrido, que então punha em scena a a sua celebre magica *Pera de Satanaz*, estreiou-se n'ella como scenographo, e encetando uma tentativa d'unidade no espectaculo scenico, compôz e delineou não só grande parte do scenario, mas trajos

e adereços, contribuindo muito para o grande exito da peça.

Durante nove annos absorveu-lhe a scenographia o melhor da sua actividade, o seu espirito illustrado não se conformava porém com os velhos processos empregados então geralmente nos theatros, d'onde procurou banir muitas convenções absurdas, esforçando-se porque fossem respeitadas, quanto posssivel, a côr local e a verdade historica. Entrou depois com Santos para o theatro de D. Maria, trabalhando cumulativamente para o Gymnasio e outros theatros.

Mas se a scenographia lhe absorveu então o melhor da sua actividade, sendo considerado o nosso primeiro scenographo no seu tempo, e muito elogiados os effeitos de perspectiva e as combinações de tintas com que procurava dar a illusão da natureza, estes trabalhos não o affastavam do desenho com que enchia formosos albuns, entre os quaes teve nomeada um que foi adquirido por El-rei D. Fernando; dos tempos da residencia em

Coimbra deve existir tambem um album na posse da familia Ferreira da Regoa.

Em 1872 houve uma tentativa em favor da publicação illustrada e, a convite do gravador Pedroso, fez Manuel de Macedo alguns ensaios d'illustração; popularisando-se a gravura, o nosso artista lançou-se abertamente n'este novo genero de trabalho em que algumas vezes trabalhou juntamente com Bordallo Pinheiro.

Na formosa revista *Artes e Letras*, publicada n'esta epoca, se encontram bellos desenhos de Manuel de Macedo, typos populares d'uma rigorosa naturalidade, animados d'intensa vida e d'uma scintillante veia humoristica, que os torna congeneres dos typos do immortal Gavarni.

As suas tendencias eram para o realismo, a sinceridade na arte, a verdade historica foram sempre por elle procuradas com escrupulo.

Nas exposições da Sociedade Promo-

tora de Bellas Artes distinguiram-se trabalhos seus, que a critica elogiava calorosamente. Era considerado como o artista então possuidor de maiores conhecimentos theoricos. — «Poucos como elle fallam tão bem a linguagem d'*atelier*, e entram mais facilmente na parte technologica da arte». Isto dizia Andrade Ferreira a proposito dos seus trabalhos expostos n'aquella sociedade e lamentava que a sua attracção para a realidade lhe desse seccura ás tintas. Enthusiasmava-se este escriptor por *Uma noite de luar no Mondego* em que a phantasia do artista, sob a influencia da formosa lampada celeste animara os bellos effeitos de perspectiva com a suavidade luminosa dos tons.

Em 1878 Manuel de Macedo, Guilherme d'Azevedo e Caetano Alberto fundavam *O Occidente*, revista illustrada que ainda existe e da qual Caetano Alberto se conserva o proprietario. Guilherme d'Azevedo, o scintillante chronista, ha muito que partiu, os dois artistas ficaram

trabalhando em boa camaradagem, gravando Caetano Alberto os desenhos de Manuel de Macedo, que se occupava não só da parte artistica d'*O Occidente*, mas muito da sua parte litteraria.

Em 1884 era nomeado conservador do Museu Nacional de Bellas Artes, instituido n'esse anno, em 1886 recebia tambem a nomeação de professor de desenho para o Instituto Industrial de Lisboa, cargo que ainda exerce. Fez durante dois annos parte do Conselho Superior d'Instrucção Publica, como vogal da secção d'arte e industria.

O desempenho d'estes encargos affastou-o muito tempo de lapis e pinceis, obrigando-o a dedicar-se a particulares estudos. De 1893 a 1897 escreveu e publicou alguns livros de vulgarisação artistica e de technica respectiva a especialidades d'arte. Entre os seus trabalhos litterarios contam-se tambem algumas traducções de obras notaveis principalmente das litteraturas do norte.

Em 1899 renasce vivamente a publi-

cação illustrada, Roque Gameiro, que começava a sua carreira de distincto illustrador, recorreu á experiencia erudita de Manuel de Macedo, reclamando a sua collaboração, e eil-o trabalhando com os novos, tão moço d'espirito como elles, fervoroso, enthusiasta e da sua collaboração com Roque Gameiro tem resultado magnificos trabalhos. Para os avaliar basta percorrer as paginas da *Sereia*, o formoso e commovente romance de Camillo Castelo Branco. Ninguem melhor illustraria esse livro em que palpita a vida que animou uma parte da sociedade portugueza nos fins do seculo XVIII, estando os preconceitos sociaes em lucta com os sentimentos; episodio tragico do despotismo familiar.

A existencia nas fidalgas moradias, o viver dos conventos, os costumes, o aspecto d'uma epoca tão caracteristica como o foi a que começou sob a influencia do faustoso D. João V, são pelo lapis de Manuel de Macedo e de Roque Gameiro ali evocados deliciosamente.

Ninguem entre nós melhor que Manuel de Macedo recompõe uma epoca do nosso passado; tem estudado a vida portugueza em todos os seculos da sua existencia, conhece-a no que tem de mais intimo, nos seus costumes, no seu mobiliario, o que elle não conhece é o cançasso na velhice assim como não conheceu o desalento na mocidade. Trabalhar, trabalhar ainda, trabalhar sempre, é a sua divisa.

A sua consolação é, disse-me elle um dia bem satisfeito, ter rabiscado tanto papel, tanta chapa de buxo para gravura, tanta tela scenographica, etc., que o total estendido em superficie ao comprido, transformado em ponte lhe facultaria um passeio a pé enxuto pelo menos até aos Açores.

Seu irmão Henrique de Macedo, lente de mathematica na Escola Polytechnica, par do reino, ministro d'estado e mais tarde conde de Macedo e nosso ministro plenipotenciario em Madrid, foi tambem um trabalhador que não desdenhou de

firmar com o seu nome as magnificas traducções d'alguns dos mais notaveis romances de Julio Verne.

É ainda uma honra para o nobre espirito independente de Manuel de Macedo o ter sabido resistir ás seducções que a situação politica do irmão podia offerecer-lhe, dados os exemplos, tão frequentes entre nós. dos homens d'estado considerarem o paiz como apanagio dos seus.

Cercado de respeitosas sympathias vae vendo correr os annos, tem assistido feliz ao desenvolvimento moderno da arte em Portugal, os conselhos da sua erudição impeccavel, auxiliando muitas vezes os novos hesitantes. Agora, já passados os sessenta, iremos encontral-o, como nos annos de maximo vigor da vida, descançando dos seus trabalhos de publicação illustrada, tomando apontamentos para algum livro de vulgarisação artistica ou polindo alguma formosa traducção litteraria, e pegando novamente no lapis para repousar a penna.

O trabalho desanda em vicio, diz como desculpa, é a mordedura da tarantula.

ERNESTO CONDEIXA

«O desenho é o sexo masculino da arte, a côr é o sexo feminino.»

Assim se expressa Charles Blanc na Grammatica das Artes de desenho, livro que considero como um evangelho que respeitosamente devem folhear os que se consagram ao cultivo de algum ramo de arte.

«Na architectura o desenho é o pensamento mesmo do artista, diz aquelle notavel auctor, é a imagem presente d'um edificio futuro. Antes de se levantar sobre o terreno o monumento le-

vanta-se e desenha-se no espirito do architecto.»

«Na esculptura o desenho é tudo.»

«Na pintura não succede o mesmo, é a côr ahi essencial embora occupe o segundo logar. A união do desenho e da côr é necessaria para engendrar a pintura como a união do homem e da mulher para engendrar a humanidade, mas é necessario que o desenho conserve a preponderancia. D'outro modo a pintura ficará perdida e perdida pela côr como a humanidade o foi por Eva.»

«A superioridade do desenho sobre a côr está escripta nas proprias leis da natureza, ella quiz que os objectos nos fossem conhecidos pelo que os desenha e não pelo que os colore. Um grande numero d'objectos inanimados ou vivos tem a mesma côr emquanto que não ha dois que tenham exactamente a mesma forma.»

Estes axiomas do auctor d'esse extraordinario livro de pedagogia artistica o mais completo que se tem escripto, provam que não é necessario ser um colorista brilhan-

te para ser um pintor de merito, e o quanto essa arte, tão difficil, de bem desenhar deve ser ambicionada pelos que se consagram á pintura.

Um mestre no desenho póde considerar-se o nosso Condeixa e quando os seus quadros historicos lhe não tivessem, pelo valor da composição, marcado um logar distincto entre os nossos artistas, bastava essa sciencia perfeita do desenho para lh'o assignalar.

É natural de Lisboa, onde nasceu em 1858, e quando em 1877 entrou para a aula de Lupi a estudar pintura historica, tinha alcançado nos quatro annos successivos do curso geral de desenho sempre o primerio premio pecuniario.

Em 1879 Ernesto Condeixa passou a alternar os seus estudos historicos com os de paisagem, que então eram dirigidos por Antonio Carvalho da Silva Porto; foi um dos distinctos discipulos d'aquelle grande mestre e as suas paisagens têm a sentida nota da sincera emoção do artista que estuda d'alma a natureza.

No periodo de 1879 a 1880 concorreu tres vezes ao logar de pensionista do estado no estrangeiro, tendo no primeiro concurso, que era de paisagem, por competidores Arthur Loureiro e Columbano Bordallo Pinheiro. No segundo, de pintura historica e realisado no Porto, foi-lhe preferido Sousa Pinto. Vênceu, finalmente, no terceiro, em que teve por concorrentes Columbano e Rocha, alumno da escola do Porto.

Em dezembro de 1880 partiu Condeixa para Paris, onde permaneceu até abril de 1886. Realisára a grande ambição dos laureados das nossas escolas, o poder completar a sua educação artistica com algum dos grandes mestres da arte moderna.

Condeixa foi discipulo d'Alexandre Cabanel. Nos dois primeiros annos d'estudo em Paris, ganhou cinco medalhas de prata em concursos de desenho na Escola Nacional de Bellas Artes de Paris.

Em 1883 expoz no *Salon* dois retratos e, em 1886, outro retrato e o seu primei-

ro quadro de pintura historica, ultima prova d'aproveitamento dos seus estudos no estrangeiro: — *D. João II ante o corpo inanimado de seu filho o infante D. Affonso.*

É este quadro um trabalho de verdadeiro merecimento, que ficará considerado como uma das boas composições apresentadas pelos artistas da actualidade.

O seu assumpto uma historica tragedia que fez sangrar o coração do nosso povo, no tempo em que o nome dos reis estava tão identificado com o da patria que as dores que feriam o monarcha rasgavam toda a alma da nação.

Em pobre cabana, n'um misero leito de pescador, o principe herdeiro da corôa, um mancebo formoso, robusto, galante, com dezesseis annos apenas, jaz inanimado, agonisante. Não ouve as palavras angustiosas com que a mãe inclinada para elle tenta chamal-o á vida, não sente os beijos ardentes com que a esposa juvenil procura aquecer-lhe as geladas mãos.

El-Rei, o severo D. João II, que fizera vergar, tremula, toda o nobreza revoltada, que mandára ao cadafalso um duque e apunhalára outro em cujas veias corria sangue real, aperta entre as mãos a cabeça, o olhar espavorido ante a medonha desgraça que vae roubar-lhe o maior amor da sua vida, o unico ente que abrandára á ternura o seu peito d'aço.

Momentos antes vira elle risonho o seu filho amado, e um incidente, trivial na vida d'um homem, mas espantoso porque esse homem era um principe, uma queda, entregára-o assim á coma que precede a morte, cerrados os olhos para nunca mais se abrirem.

Mudos d'assombro vêem os assistentes a dôr do rei, tamanha que elles, compungidos, dariam a vida de seus filhos por aquella vida que se vae.

É este momento angustioso que Condeixa procura reproduzir no seu quadro, e consegue exprimir na attitude e no olhar de todos a impresão pungente da catastrophe. D. João II esqueceu n'aquel-

le instante a sua altiva magestade de rei poderoso, é um homem que soffre e chora.

A vez primeira que El-Rei chorou em vida.

Docemente graciosa a figura da princeza, soltas as louras tranças que ella em breve cortará quando, louca de dôr, se vestir d'almafega e cubrir a cabeça de negro raso, essa figura gentil de linhas ondulantes, evoca o idyllio, tão curto, que a morte ali brutalmente despedaça.

Na exposição do centenario da India este quadro de Condeixa, entre tantas escolhidas obras que então foram expostas, attrahia a attenção mesmo d'aquelles que já o conheciam, mas que pela comparação lhe aquilatavam ainda o merito.

Acabados os estudos em Paris, Condeixa voltou a Lisboa resolvido a viver e trabalhar na sua terra natal, onde o honrado artifice que lhe déra a vida devia sentir-se feliz ao ver os brilhantes inicios da sua carreira artistica.

Installado aqui, entre outros trabalhos

executou o retrato d'El-Rei D. Carlos para o Supremo Tribunal de Contas, o de Prosper Laserre, a decoração do tecto da egreja de N. Senhora da Conceição da Rocha em Carnaxide. Depois tem sempre trabalhado activamente, occupando-se de varios assumptos, quadros historicos, de genero, paisagens, retratos. Tomou parte no concurso aberto pela Camara Municipal de Lisboa para a execução d'um quadro representando: — *A partida de Vasco da Gama para a India*, obtendo o terceiro premio, e, em 1898, no concurso aberto pela Sociedade de Geographia de Lisboa para a pintura do quadro *Vasco da Gama ante o Samorim de Calicut na sua primeira viagem á India* e o seu quadro se não alcançou a preferencia no concurso era porém um trabalho de bastante merecimento.

N'este mesmo anno foi nomeado academico de merito e por essa occasião offereceu ao Museu Nacional de Bellas Artes uma das suas mais formosas telas *Á volta da fonte*.

Tem concorrido a quasi todas as exposições do Gremio Artistico, actualmente Sociedade Nacional de Bellas Artes. Em 1891 expoz o *Infante D. Henrique*, em 1892 varias paisagens entre as quaes *O rio d'Alcantara em Campolide*, em 1893 expoz o seu proprio retrato, *Jogando o diabrete*, *Tarefa* e varias paisagens, em 1894 um retrato e *A' volta da fonte*, em 1896, *El-Rei D. Fernando e o infante D. Diniz*, inspirando-se para este trabalho n'um capitulo das *Lendas e Narrativas* de Herculano, *Arrhas por fóro d'Hespanha*, em que se encontra tão admiravelmente descripta a influencia malefica da formosa Leonor Telles. Expoz tambem *A quinta do Marquez de Bellas em dia de romaria*, episodio de costumes populares de Lisboa, *O pinhal da Fonte Eireira*, *Um pescador*, *Uma officina de lanterneiro*, etc.

Na exposicão de 1899 apresentou o seu quadro para concurso da Sociedade de Geographia, que teve da critica lisongeiro acolhimento, e varias paisagens

da Extremadura, *O castello de Leiria*, *Arredores d'Alcobaça*, *Margens do Liz*, *Arredores de Bellas*, em 1901, *A praia do plano inclinado em Paço d'Arcos*, *A hora da sesta* e varias paisagens francezas. Na exposição de 1902 lá encontramos, *Um homem do mar*, magnifico typo, *Esperando a maré*, as praias do *Dafundo e Pedrouços*, e uns deliciosos *Chrisanthemos*.

E' tambem seu um ensaio de pintura militar *O quadrado de Marracuene*, destinada a vulgarisar n'um chromo esse episodio notabilissimo das nossas modernas campanhas no ultramar. Caldas Xavier, o heroe que tomou tão activa parte n'esse feito extraordinario, era parente de Condeixa e o artista devia ter mais d'uma vez escutado a narração d'essa epica noite em que os nossos pobres soldados, o corpo exausto de febres e fadigas, encontraram na energia d'alma a força para resistirem á indomita furia dos assaltantes.

Não póde dizer-se que fosse inteira-

mente feliz na fórma esse ensaio, pois sendo o assumpto complexo requeria mais particular estudo, mas sim o foi na idéa, verdadeiramente patriotica, e como tal bem acceite pelo publico, grato á intenção do artista.

Bastante moço ainda, dotado de muita actividade, extremamente methodico e consciencioso nas suas investigações, Ernesto Condeixa não disse ainda a sua ultima palavra. Recreando-se no estudo da natureza de que nos reproduz ás vezes tão attrahentes aspectos, o seu espirito intelligente não esquece o nosso passado historico, de que tem desvendado recantos, e do qual alguma grande ou commovente pagina fará ainda reviver na tela.

A historia da nossa patria abunda em lances dramaticos como aquelle que serviu de thema á obra prima de Condeixa e que tão singularmente impressionou a sua sensibilidade artistica.

Esse rico manancial fertilizando a inspiração do pintor, produzirá formosas crea-

ções, se elle encontrar um assumpto, que, como a tragedia do grande rei, consiga emocionar-lhe profundamente a alma.

CHRISTINO DA SILVA

É velho dictado portugez: filho de peixe sabe nadar.

Christino o colorista rutilo, feixe de nervos vibrantes que pintou — *Cinco artistas em Cintra* — *A Fonte das Lagrimas* —, e cujos excessos pictoraes traduziam um temperamento de lava, teve a levantar-lhe o merito a resistencia á pressão esmagadora da patria ignorancia em materia artistica no tempo da sua mocidade, quando se era pintor á *outrance*, guerreando a Academia, fugindo aos mestres

para as thebaidas das aguas-furtadas, poeticas por ficarem mais perto das estrellas e deixarem ver nesgas mais luminosas d'horisonte, e ali, estabelecendo clandestino convivio com a natureza, recatada amante que era necessario occultar da maledicencia academica, vivendo na embriaguez dos ceus movediços, das atmospheras transparentes, a que a poeira das escolas tinha um pudico horror, se passavam tantas horas felizes. Christino foi o companheiro d'Annunciação, enthusiasta como elle e deixou um successor que tem o mesmo nome, e que lhe herdou tambem grande parte do talento.

Differenças de caracter ou de temperamento, ou, talvez, simplesmente de meio, deram ao filho o calmo equilibrio que faltou ao pae, e se no author do — *Pinhal* — ou do — *Pôr do sol á beira-mar* — não se encontra a poetica inspiração da — *Cruz alta de Cintra* —, compensam-lh'a qualidades solidas d'observador sagaz.

O pae teve epocas de desanimo, soffrera grandes desillusões, e a experiencia propria ensinara-lhe o quanto era difficil viver em Portugal só da pintura.

Occupava já o logar de professor da aula de paysagem na *Escola de Bellas Artes* de Lisboa quando o filho, dose annos feitos, ali se matriculou, em 1870, e quando elle completou, em 1876, o curso geral de desenho, resolveu fazel-o cursar simultaneamente as aulas de pintura, esculptura e gravura.

Mais uma vez, com esta resolução, Christino escandalisou a academia.

O rapaz, porem, estudando a gravura com Pedroso, a pintura com Lupi, a esculptura com Sousa Bastos, ia conseguindo obter bôa classificação, recebendo até alguns elogios especiaes de Lupi, que era mestre severo.

Praticava tambem sob a direcção do pae a natureza morta e quando o distincto gravador hespánhol Severini esteve em Lisboa, em 1874, o moço Chris-

tino foi particularmente seu discipulo na gravura em madeira.

Em 1877 fallecia, d'uma lesão no coração, João Christino da Silva, trabalhara, soffrera, e amara, talvez, em excesso; o cerebro exaltara-se-lhe até á loucura algum tempo antes da morte, mas, pae previdente, o fogoso artista que legou á nossa arte alem dos seus conhecidos quadros tanta *pochade* em que chispava o talento, legou ao filho, orphão antes dos vintes annos, uma educação que lhe permittiu desde logo ganhar a vida sem ter d'affastar-se do campo da arte.

João Ribeiro Christino da Silva principiou pois a trabalhar na gravura em madeira para o Diario Illustrado, dirigido então por João Correia e Francisco Serra; foi a sua apresentação ao publico.

Pouco depois sollicitava-lhe o *Occidente* a entrada para o seu grupo de gravadores, mas o prazer da independencia, tão natural na mocidade, levou-o

a recusar a offerta, acceitando apenas a collaboração externa e o seu primeiro trabalho para aquella revista foi a reproducção pela gravura do gracioso quadro de Gonçalves Pereira — *Romeu e Julietta* —. Agradou muito a estampa que mais tarde foi reproduzida pela Illustração Hespanhola.

Em 1879 expunha ao lado dos que haviam sido seus mestres, Severini e Pedroso, na *Sociedade Promotora de Bellas Artes*, um grupo de estampas que obtiveram uma menção honrosa.

N'este mesmo anno uma das mais formosas publicações d'então *A Arte*, publicava uma sentida biographia de seu pae; era Rangel de Lima quem a assignava, e o retrato do sympathico artista morto, desenhado por José Ferreira Chaves, foi gravado pelo filho «custando ao joven gravador cada traço uma lagrima.»

Para esta publicação, e varias outras, assim como para diversos romances, trabalhou Christino como gravador, concorrendo a varias exposições com gravu-

ras, alcançando nas do *Gremio Artistico* em 1898, uma medalha.

Como verdadeiro artista que era, desenhava muitas vezes as chapas que devia gravar, occupando-se tambem de desenho lithographico. Auxiliou no trabalho Manuel de Macedo, quando este distincto artista, enfermando dos olhos, necessitou d'um collaborador, durando esta collaboração quatro annos.

Quando Antonio Ramalho que cooperava no desenho lithographico do *Antonio Maria* foi estudar em Paris, Raphael Bordallo convidou Christino para o substituir, o que fez durante um anno, tendo n'aquelle jornal assignado duas paginas, uma commemorativa a Lupi, outra ao major Quilinan. Ainda n'esta especialidade trabalhou em panoramas portuguezes para o editor Belem, e algumas vezes de sociedade com Roque Gameiro.

Não obstante a necessidade de accudir á sua subsistencia o fazer preferir os trabalhos d'arte applicada, a arte pura

sempre teve para elle atractivos, a inclinação natural e a influencia de Silva Porto levaram-no para a pintura de paysagem e n'este genero tem Christino alguns trabalhos de merecimento.

Companheiro das mesas do Leão d'Ouro, fazendo parte do grupo de rapazes, que ali em volta do grande paysagista, então chegado ha pouco de Paris, iniciaram o nosso movimento artistico moderno, tomou parte na primeira exposição do *Grupo de Leão*, que aquelle bom e fervoroso Alberto d'Oliveira organisou e conseguiu se realisasse em 1881. Apresentou n'ella Christino alguns estudos de paysagem e tambem algumas gravuras. Concorreu successivamente a todas as que se lhe seguiram, a cada uma com um grupo de paysagens e alguns outros estudos. Entre os que mais agradaram posso citar — *Um Pinhal — Na Serra de Montejunto — O passeio das aguas em Alemquer — Na eira — Lago do jardim da Estrella — Matta da Tenigeira — Mendigo — Vestido para a noiva.*

El-rei D. Fernando, que procurava sempre animar os novos artistas, adquiriu-lhe — *O Pinhal*.

Concorreu tambem Christino a algumas das exposições do *Gremio Artistico*, onde foi premiado o seu — *Pôr do sol á beira-mar* — e ás duas da *Sociedade Nacional de Bellas Artes* em que se distinguiam entre outras suas telas na primeira — *Um iguarapé na floresta virgem* — e na segunda a alegre nota — *Festeiros* —.

Junta este artista aos seus meritos profissionaes uma vasta illustração, que eleva muito o bom conceito em que é tido. Graceja sobre este assumpto attribuindo essas vantagens á memoria, de que realmente em notavel grau dispõe, e ao habito da leitura que lhe ficou de pequeno, quando devorava a Biblia, a Historia Universal e as Viagens de Julio Verne; a verdade porem é que Christino possue clara intelligencia, viva curiosidade de espirito e excellente criterio d'estudo; d'ahi provem a solidez dos seus conhecimentos.

Todas estas qualidades o indicavam idoneamente para o logar de professor que primeiro desempenhou na *Escola de Desenho Industrial Domingos Sequeira*, em Leiria, para a qual foi nomeado em 1889, passando depois a director. Durante seis annos n'aquella escola ministrou ensino e conseguiu vel-a notabilisar-se entre as suas congeneres e fazer boa figura nas exposições do museu industrial de Belem. Foi por este tempo recompensado officialmente por distincção de serviço e louvado em portaria publicada no *Diario do Governo*, assignada pelo conselheiro Bernardino Machado, um dos nossos ministros que mais se tem preoccupado com assumptos d'instrucção.

Tendo pedido a sua transferencia para Lisboa foi, em 1894, para a *Escola Rodrigues Sampaio*, e, em 1896, para a *Escola Marquez de Pombal*, em Alcantara, onde se conserva.

Licenciado de 1899 a 1901 sahiu de Portugal, indo ao Pará organizar o ensino industrial no *Instituto Lauro Sodré*.

Do perfeito relatorio que apresentou sobre a sua direcção n'aquelle instituto se deprehende a proficiencia com que organizou e dirigiu ali o ensino profissional. Difficuldades administrativas não permittiram que completasse o tempo do contracto e regressou a Portugal tendo recebido os maiores testemunhos de consideração, e confirmando o seu talento de pintor com algumas boas télas.

Caracter amavel e attrahente o de Christino, é o seu maior prazer o occupar-se de assumptos artisticos, todas as manifestações d'arte o attrahem, litteratura e musica ambas teem para elle encantos e prehenchem-lhe os momentos que os seus trabalhos nas artes do desenho lhe deixam vagos.

Na musica tambem o auxilia a sua extraordinaria memoria, pois retem variadissimos trechos d'opera e de varias composições musicaes, sendo um dos seus grandes prazeres o repetil-as.

Fez mais d'uma vez parte da direcção do *Gremio Artistico*, occupando-se com

zelo de todos os assumptos favoraveis ao desenvolvimento artistico do paiz, o que tambem prende a sua attenção como professor.

Todos o estimam e uma prova de estima representam estas palavras em que nunca o louvor vae alem da verdade.

FERNANDES DE SA

O Porto, terra fertil em trabalhadores energicos, orgulha-se de serem seus filhos um grande numero d'artistas portuguezes, que nos modernos tempos teem alcançado distincto nome.

Architetos, esculptores, pintores, recebidas as primeiras lições dos professores da *Academia Portuense*, teem, no curso da *Escola de Bellas Artes* de Paris, deixado honrosa recordação do seu talento, e, d'entre esses, alguns ficaram sendo glorias da nossa terra.

Os nomes saudosos de Pousão, Soares dos Reis, Silva Porto; os nomes de Teixeira Lopes, Loureiro, Sousa Pinto, Ventura Terra, Thomaz Costa e outros affirmam esta verdade tão lisonjeira para os brios da activa cidade do norte.

Mas, após d'estes nomes, que homem algum illustrado entre nós póde ignorar, um numeroso grupo d'artistas talentosos trabalham no Porto, cultivando a arte afincadamente, procurando alcançar a perfeição ideal que todo o artista sonha, e n'esse numero encontramos figuras que se salientam e possuem nomes distinctos como Marques d'Oliveira, Brito, Ramos, Marques Guimarães, Costa, Carneiro; e entre os que começam, tantas almas corajosas que o labor nunca desanima e que, tarde ou cedo, alcançarão a sua hora de triumpho, a satisfação dos vencedores que luctaram.

Ás vezes um cae, ferido em pleno bater d'azas, alma ardente em fraco envolucro terrestre desfaz o barro quebradiço e vae libar-se para as regiões do infinito

sonho, do ideal tangivel — como o malogrado author do—*Arrependido* —a quem corações amigos debalde quizeram aconchegar.

Não é, porém, d'esse pobre e esperançoso artista perdido, cuja primeira obra apresentada ao publico, tanto enthusiasmo despertou, que vamos tratar, mas de um outro portuense ante quem se rasga a visão d'um porvir brilhante e que volta de Paris com uma bagagem, em que ás suas esperanças se junta uma alta somma d'invejaveis realidades.

Diz a parabola evangelica, ser a luz para brilhar e não para esconder-se debaixo do alqueire.

A nós, homens que fallamos ao publico, quando encontramos occulta entre a a lide afanosa do *atelier*, a gemma fulgurante de um talento, devemos fazel-o brilhar á luz da publicidade.

Para o artista, a gloria é como para as plantas o sol: aquece, anima e faz produzir.

Em 1896, concluido o curso da *Acade-*

mia de Bellas Artes do Porto, ganhava o concurso de pensionista do Estado, em Paris o esculptor Fernandes Sá, e partia animado para a grande capital, entrando ahi para a *Academia Julian*, a continuar os seus estudos, sob a direcção de Pucch. Pouco depois fazia o concurso d'admissão á *Escola de Bellas Artes* de Paris, e, sendo acceite, passava para a officina artistica de Falguière.

A influencia de tão notaveis directores e o natural talento de Fernandes de Sá, desenvolveram rapidamente o artista que, com incitamento e applauso dos mestres, expunha no *Salon* de 1898 — *Ganymedes* — que obteve o premio d'uma menção honrosa, chegando a alcancar do jury alguns votos para uma terceira medalha d'ouro.

Uma bella estreia.

Pena foi que a falta de recursos não permitisse então ao artista, passar ao marmore esse formoso grupo de linhas preciosas, o que deverá fazer assim que possa.

Falguière inspirava ao joven artista a mais viva admiração.—«A maneira como aquelle homem, um dos vultos mais eminentes da estatuaria franceza, genial author de:—*S. Vicente de Paula*—de—*La Rochejàquelin*—e muitas mais obras notaveis que ficaram, dirigia os seus discipulos era admiravel» diz o proprio Fernandes de Sá do grande mestre, o mais moderno dos esculptores da actualidade, sabendo aliar, como nenhum outro, a expressão e a graça á nobre serenidade da estatua. Tinha o grande estatuario como professor a qualidade de procurar que os discipulos conservassem nos seus estudos o caracter de originalidade natural.

Pucch, em cujo *atelier* o nosso esculptor tambem estudava, havia-o aconselhado a arranjar officina sua em que trabalhasse independente.

Seguindo estes abalisados conselhos foi estudando só, ao impulso da propria inspiração, que Fernandes de Sá deu a nota do seu individual merito na obra

com que, tão felizmente, abriu a sua carreira.

Na Exposição Universal de 1900, obteve o artista uma terceira medalha, apresentando o retrato do — *Dr. Correia de Barros* —, o busto do distincto pintor hespanhol — *F. Cano* —, obra de valor; a — *Vaga* — estatua em que o esculptor empregou, com felicidade, grande somma d'estudo e de trabalho; e um primoroso estudo de cabeça — *Velha* —, em bronze, que ha pouco tempo M. Rejain, director de Bellas Artes, em França, participou officialmente ao nosso artista, lhe fôra adquirido pelo governo francez para um dos museus d'aquelle paiz, o que honra e lisongeia o seu merito.

No mesmo anno expunha tan bem no *Salon* o busto—*Desafio*—que depois enviou a uma exposição de Monaco e hoje é propriedade d'um distincto amador.

Em 1901, enviou Fernandes de Sá a sua ultima prova como pensionista do Estado, um bello grupo — *Beijo materno* — figura de mulher robusta, symbolo de pujante

maternidade que, n'um encantador caricioso gesto, aconchega ao seio o filhinho, beijando-o.

É um trabalho de larga e simples factura, repousado, obra d'astista que realisa com mão firme, e que o meu illustre amigo, o professor portuense Marques d'Oliveira deve ter applaudido com a satisfação de quem vê um dilecto discipulo entrar no caminho dos mestres.

Fernandes Sá não esquecendo o quanto importa ao esculptor a perfeita scieucia do desenho, frequentou o curso nocturno regido por Gerome e por Girardot, mas, vivendo entre celebridades artisticas, das maiores do nosso tempo, não esquecia os conselhos do seu bom mestre portuense, cuja segura mão o guiára no principio da sua carreira e por quem manifesta honroso respeito.

Terminados os seus estudos, feita uma instructiva viagem pelos museus da Belgica, da Allemanha e da Hespanha, o nosso esculptor voltou á patria, para consagrar-se ao trabalho.

Na segunda exposição da *Sociedade Nacional de Bellas Artes*, realisada em abril, teve o nosso publico occasião de apreciar algumas das suas obras, entre as quaes se encontrava o — *Rapto de Ganymedes* — que n'essa exposição foi tambem premiado.

Natural de Villa Nova de Gaia, onde em 1874 nasceu, na freguesia d'Avintes, Fernandes Sá foi estabelecer-se na capital do norte, onde estudára e cuja *Academia de Bellas Artes* o nomeou seu academico de merito.

O Porto ama e considera os seus artistas, acolhe alegremente aquelles que voltam com a sua reputação feita a engrossar a legião dos trabalhadores de que tanto se orgulha.

Ha pouco ainda, no parlamento, o distincto escriptor, sr. Christovão Ayres, no seu discurso sobre o projecto de reforma da *Academia de Bellas Artes* do Porto que deseja ver equiparada á de Lisboa, disse da antiga cidade do Douro estas palavras justissimas:

«O Porto que é, a um tempo, um operario e um estheta; o Porto, a patria do Vieira Portuense, tem um Museu de Bellas Artes mais antigo que o de Lisboa, pois foi fundado em 1833 pelo proprio duque de Bragança; o Porto realisou em Portugal a primeira Exposição Internacional, e em 1867, a primeira exposição retrospectiva de arte e archeologia; o Municipio do Porto comprou todo um museu muito valioso, exemplo digno de ser seguido pelos edis de Lisboa; no Porto até os particulares estimulam as artes, creando premios, subsidiando artistas que no estrangeiro se distinguem, honrando assim o seu paiz; no Porto a Associação Commercial é um constante estimulo ás artes e o sumptuoso Palacio da Bolsa é uma manifestação brilhante de como aquella valorosa cidade, ao mesmo tempo que se vota a um trabalho indefesso, comprehende bem que no mundo culto não ha trabalho sem ideal!»

Fernandes Sá que em plena juventude deu já provas indiscutiveis de singular

talento e de resistente actividade, é para o Porto uma satisfação e uma esperança.

Actualmente occupa-se de estudos para a estatua de — *Camões* — destinada a uma das salas grandiosas, que sob a intelligentissima direcção do sr. general Castelbranco, se estão organizando no museu d'artilheria e onde devem ser expostos os uniformes usados pelo nosso exercito desde a organização militar do conde de Lippe, no tempo de Pombal.

A sala que dará o logar d'honra á estatua do cantor da epopeia portugueza, é decorada com *panneaux* pintados por Columbano e representando episodios dos Lusiadas.

Emprehendendo dar ao nosso museu de guerra toda a grandeza compativel com os meios de que para esse fim dispõe, desejando tornal o digno de uma nação civilissda que respeita as suas recordações historicas e os tropheus das suas glorias passadas, o general Castelbranco procura tambem que as decora-

ções das novas salas sejam o mais artisticas possivel. Na porta d'entrada uma soberba allegoria da guerra por Teixeira Lopes, dá logo uma idéa da magnificencia do interior.

Á inspiração de Fernandes de Sá foi confiada a estatua de Camões, e este trabalho absorve hoje inteiramente o espirito do moço esculptor, que n'uma febre de composição accumula estudos, *maquettes*, tendo o fito de tornar a sua obra o menos banal, o mais esculptural que lhe seja possivel. D'entre esses estudos ha um que parece ter a inteira approvação do artista e que representa o—*Poeta depois do naufragio.*—Será o definitivo ?

Concluida a obra, que as primicias do author nos fazem esperar seja verdadeira obra d'arte, o que duplamente desejamos, pois a figura do nosso immortal cantor deve ser uma gloria para o estàtuario que a levanta e um ornamento do maximo valor para as bellas salas do nosso museu de guerra.

Com prazer teremos occasião de mais uma vez felicitar a cidade do Porto por este seu novo, sympathico e talentoso artista.

ARTHUR LOUREIRO

Partiu aos vinte annos, levando na bagagem, a ligar um grosso feixe de esperanças, a saude e a alegria; moço impressionavel sentia palpitar com violencia o coração ao choque das emoções, sabia amar, odiar não, quem conhecerá o odio aos vinte annos? O que então se sente é a colera quando alguem ou alguma cousa se atravessa no caminho dos nossos ideaes, colera generosa que empurra para a lucta, frente a frente, peito a peito.

Arthur Loureiro, talentoso, apaixona-

do, valente, foi na mocidade, em toda a amplidão da palavra, um luctador; tinha, para vingar uma afronta, o seu braço tanta energia como inabalavel firmeza no trabalho. Eram qualidades de raça.

Dos irmãos, que todos como homens se salientaram do vulgo banal, um deixou *silhoette* vivissima, tracejada a agua forte, no grupo dos contemporaneos, Urbano Loureiro, o temido polemista do «Diario da Tarde», tão celebre no Porto.

Arthur que completara o curso da escola de Bellas Artes d'aquella cidade, viveiro de notaveis artistas, fez com o grande paysagista dos — *Campinos* — e da — *Volta do Rebanho* — o seu primeiro concurso.

Silva Porto tinha porém já o quinto anno do curso e Loureiro, com o terceiro apenas, então, desistiu.

No anno seguinte veio a Lisboa concorrer com Malhôa e Henrique Pinto, ficando-lhe o concurso empatado com o primeiro. O — *Alfeite* — paysagem apresentada por Loureiro n'este concurso, existe no museu municipal do Porto.

O director da *Academia de Bellas Artes* de Lisboa, Delphim Guedes, mais tarde conde d'Almedina tomou em alto apreço o talento de Arthur Loureiro, e, pensionado por esse grande amador d'arte, foi o moço pintor estudar em Roma, onde se conservou dois annos. Ainda hoje Arthur Loureiro recorda profundamente grato a protecção, tão valiosa para o artista nos começos penosos da sua carreira, que o conde d'Almedina e sua esposa lhe dispensaram na mocidade — Devo-lhes tudo o que sou — diz.

Voltou ainda para um novo concurso, d'esta vez com Malhoa e Columbano, e obteve a preferencia. Partiu então, pensionista do estado, para Paris, frequentou o atelier de Cabanel e no campo, em frente da natureza, consagrou-se d'alma á comprehensão artistica da paysagem.

Partira, novo, alegre, feliz, mas quatro annos decorridos, em 1882, já casado, gravemente enfermo abandonou Paris, por conselho de Charcot, e foi procurar

a saude na patria de sua esposa em Melbourne, na Australia.

Perto de trinta annos ausente, e nunca foi esquecido, o que é bem raro. O Loureiro? — Era um talento, foi pena ter-se expatriado, pois seria um dos melhores ornamentos da nossa sociedade artistica. —Quantas vezes estas palavras foram durante a sua longa ausencia repetidas!

Um dia circulou uma noticia: voltara o Loureiro, mas viera doente, uma terrivel neurasthenia consumia-lhe a existencia. O moço artista, alegre, saudavel, a transbordar de esperanças chegava alquebrado, triste, quasi um velho. Uma cousa não perdera e essa riquissima: a confiança.

Os ares patrios deram-lhe novo talento e dentro em pouco eil'o activamente entregue ao trabalho e á arte.

Magoam-n'o as saudades das filhas louras e lindas? A patria, porém, disputa-o aos climas que lhe foram inhospitos, offerece-lhe a vida e elle tem d'acceitar-lh'a; a vida é sempre a esperança.

Os amigos de Loureiro, e são seus amigos todos os bons artistas d'hoje, seus antigos companheiros nas escolas, seus rivaes nos concursos, exultaram com a sua volta.

Querem-n'o entre si, rijo e forte, livre da acção enervante dos tropicos, servindo a patria com o seu talento hoje reforçado por longos annos de trabalho e de estudo. Está vaga a cadeira de paysagem da *Academia de Bellas Artes* do Porto? —É para o Loureiro.—Tal a vontade de todos. Para quê um concurso se ninguem melhor do que elle desempenhará esse cargo? Honra ao merito e applauso ao companheiro glorioso, filho prodigo esbanjador d'um thesouro intellectual em proveito d'estranhos, que regressou ao patrio lar sempre amado.

Arthur Loureiro honrou o seu paiz durante a sua longa ausencia no estrangeiro pelo valor do seu trabalho. Em Pariz, nos annos do estudo, foram bem recebidas no *Salon* as suas obras, tendo ali exposto paysagens, quadros de costu-

mes, e o retrato de — *Trigueiros Martel.*

Em Melbourne trabalhou muito como artista e como professor, tendo occupado n'aquella cidade o logar de director e professor de primeira classe das classes de desenho e pintura do *Presbyterian Ladies College*, onde se dedicou com particular interesse d'artista ao estudo e á pratica das artes decorativas, e exerceu tambem, por nomeação do governo, o cargo de examinador das classes d'arte da *National Gallery of Victoria.*

É um trabalhador infatigavel e tem concorrido com os seus quadros a varias exposições no estrangeiro, tendo sido cinco vezes premiado. Em 1899 na *Greater Britian Exibition at London* onde expoz — *A morte de Burk* — obteve um diploma d'honra e a medalha d'ouro. A sua — *Visão de Santo Etanislau* — foi lhe adquirida pela *Galeria de Melbourne* por 300 libras; este quadro, recebeu n'uma exposição d'arte religiosa, na Belgica, as mais lisongeiras apreciações da critica.

A Galeria de Melbourne adquiriu um outro quadro de Loureiro — *Um cão de S. Bernardo* — e a de Sanderstan ou outro — *Tigres.*

Já depois da sua volta a Portugal recebeu a noticia de ter sido nomeado academico de numero da Academia de Victoria, honra que pela primeira vez aquella corporação concede a um estrangeiro.

Pouco depois da sua chegada ao Porto, organisou um formoso atelier no Palacio de Crystal, sendo toda a mobilia que o guarnece feita por desenhos seus, e esculpida pela sua mão; pois Loureiro alem de pintor é um habil e original entalhador, e n'essa officina abriu um curso de desenho para senhoras, semelhando o seu curso australiano, precedendo a sua abertura, em março de 1902, uma exposição de trabalhos do pintor, que despertou o mais vivo interesse e occupou toda a imprensa Portuense.

D'essa exposição destacou a critica, para especial louvor, quatro formosos estudos da — *Torre dos Clerigos* — uma

Marinha — de suavissima luz, — *Um inglez* —pintado a bordo na sua viagem para Portugal e ainda da viagem — O *Cabo da Bóa Esperança* — e o *Porto de Durban* — Recordação da sua longa residencia na Oceania apresentou o pintor — *Um australiano.*

Expoz mais tarde — A *primavera* — paysagem portugueza em que uma linda creança representa o florir da vida.

Em outubro realisou uma outra exposição onde se encontravam retratos, differentes paysagens, entre as quaes se viam aspectos de Villa do Conde, panoramas do Douro, e um magnifico trecho d'esculptura em madeira — *Maternidade* — bella amostra d'arte decorativa que deve fazer parte d'uma caixa destinada a sua esposa e que o artista tenciona enviar depois de completa a uma exposição de de Londres.

Um critico portuense fallando d'esta exposição diz: «Arthur Loureiro pinta tão habilmente a figura humana como as paysagens, as naturezas mortas, etc. E'

um decorador eximio, dirigido por criterio poetico e philosophico, muito difficil d'encontrar entre artistas nossos. Este pintor não é sómente um manipulador de de inconscientes maravilhas, é um pensador que a experiencia da vida e a cultura intellectual tornou philosopho e poeta.»

Esta serie de trabalhos realisados em poucos mezes por um homem que chega abatido pela doença e exausto de forças provam a excepcional actividade de Arthur Loureiro.

Todos os que teem o prazer d'analysar os trabalhos d'este notavel artista são accordes em encontrar-lhe uma rara delicadeza, é delicado na côr, no desenho, na interpretação e escolha de assumptos no toque de pincel; é esta qualidade certamente uma caracteristica da sua alma, que attrahe assim geraes e indestructiveis sympathias.

Com os velhos amigos de Loureiro, nós folgamos com o seu regresso e desejamos que a vida lhe decorra tão fagueira na terra patria, que não possam

visital'o saudades das regiões affastadas a que o destino prendeu os fecundos annos da sua juventude.

II

NOTAS E IMPRESSÕES

Meu caro Ribeiro Arthur.

Não pude vêr a inauguração da estatua do Martins, que foi assistida do rei e grande numero de gentes d'evidencia, segundo nos jornaes se lê, por entre o superfluo da reportage mesureira. Tinha visto no concurso das maquetas, a prova do Sr. Queiroz Ribeiro, que me parecera a mais limpa e detalhada de todas, e entre ellas figurava com silhueta interessante, se bem que pouco original de concepção.

Fui dos que preferiram o esboceto Queiroz Ribeiro aos demais monotonos esboços, sem considerar a violação da escala e minucioso acabamento d'essa

prova entre as artimanhas destinadas a forçar as preferencias do jury ingenuo que devia dar a palma ao preferido; e isto fiado em que a maqueta supradita, em vez d'uma cabula vulgar a que não é licito descer sem gravames no orgulho, seria antes uma animadora promessa das aptidões profissionaes do estatuario, subindo do simples ao complexo, e dando no definitivo da estatua, realisado, o sonho sugerido apenas no esboceto.

Quando, algumas semanas depois de desvendada ao publico a «memoria», pude vir vêr no bronze postero, a face do mestre redemptor que tão fervoroso culto deixára por Lisboa, a alma me cahiu aos pés, da afronta impune, e pedi á colera da turba vingasse o genio morto com todas as pedras da rua, e todas as imprecações da boa fé ludibriada.

Ah meu amigo! que ramelosa e destemperada borracheira!

Por mais precatados venhamos contra a apatia soez do gosto publico, e os mamarrachos que a mingua de talento ac-

tualmente faz nas artes e nas letras, forçoso é confessar que se não espera vêr os estatuarios nacionaes hombrearem c'os pretos na confeção de tão fantomaticos bonecos! O abuso que hoje se faz da consagração rethorica, á memoria de pessoas que, ou pela feição especial da sua grandeza, d'algum modo são enxovalhadas pelo espalhafato da homenagem, ou pela vulgaridade redonda, tornam a consagração coisa de pouco — o abuso está a pedir uma liga contra mais esse exhibismo charro de que se servem as gerações para arrumar memorias importunas, ou reclamar idolatrias que ninguem sabe a que vem, adentro mesmo do transitorio periodo mercantil em que nos vamos.

O monumento a Sousa Martins não devia obstruir a praça publica, senão pousar no jardim botanico, na sala de honra ou no atrio da Nova Escola Medica, e ser seguido por outros, de illustres nomes que já conta o obituario da faculdade medica de Lisboa. José Lou-

renço da Luz, Magalhães Coutinho, Camara Pestana, etc, foram outros tantos luminares do ensino medico da capital, que amanhã, violado o recato religioso d'estas consagrações para iniciados, a que o publico não chega, por seu turno reclamarão sequare onde exibir-se, fazendo concorrencia com os generaes, os politicantes e os reis, na megalomania de se exporem na rua sobre pedestaes-pelourinhos em que é costume (pelo menos em Portugal) empoleirar charlatães. Adentro da escola que honraram com o seu talento d'educadores, a sua palavra de tribunos, a sua lição d'evangelistas, na severa penumbra do sanctuario scientifico onde não chega a vaia ingrata das plebes e a sardonica duvida das gerações esquecidas, é que deviam ter soclo as estatuas d'esses bravos, em termos de se estremar o culto, e não irem de rodilhão deuses com titeres.

Não no entendeu assim a gente enthusiasta que erigiu a Sousa Martins o monumento; mas já que tinha de ser a ex-

hibição ostentosa, devia ao menos a obra justificar-se pela arte, ser um producto de força expressiva e de bom senso esthetico falante.

Escuso de lhe perguntar o que pensa dos mamarrachos que o Sr. Queiroz Ribeiro aglomerou no mausoleu chafariz do Campo de Sant'Anna! A'parte a cabeça da estatua, que d'alguma fórma lembra no bronze aquella estranha cabeça mobil do mestre, vertiginosa machina d'ideias, chispando espirito, com a bondade complexa dos psychicos, facil á ironia e á ternura (n'um periodo de vinte e cinco annos, encanto e pasmo de tantas gerações estudiosas) — tudo o mais, no monumento, é uma bonecagem de pasta, por algum Miguel Angelo de Porrinhos, em transição dos bonecos de pão doce para os tritões de cascata brazileira. A figura esgalgada que olha para a Escola, nua de tronco, e com um cobertor do Albergue tapando-lhe os baixos, é uma seresma d'uma boneca de fogueteiro minhoto que eu ainda hontem vi re-

bentar de bombas e valverdes, no terraço d'uma hospedaria de Vizella, onde me acoito.

A fórma do pedestal, comum, de jazigo burguez, com bicas de carranca pingando agua do contador sobre bacias de barba quasi réles, mais acentua a derreada invenção do imaginario architecto agarrado a reminiscencias pifias, e juntando no mesmo culto o chafariz de S. Paulo e o cemiterio do Alto de S. João, que é d'onde foi inspirado o triste pezapapeis que o Sr. Queiroz Ribeiro levantou á gloria do desfortunado e estranho professor. Por isso vacticino a esse monumento um trasitorio cyclo d'existencia: tem de sahir d'alli dentro de pouco, ou qualquer manhã a cidade desperta, mais lucida, e escaváca n'um bom repente a borracheira.

Será um movimento vibratil de justiça, d'uns taes que vem ás multidões ludibriadas, e que entretanto só resultará salutar dentro da clausula de não dar motivo a faltas de gosto, novas, fazendo

os esculptores reflectir em que não basta chamar Souza Martins a monos de bronze, pretos, de focinho parado e com mãos de mestre sala...; a estatua só é coiza digna de pousar na praça publica quando em primeiro logar seja uma obra d'arte irrefutavel, e quando em segundo reflicta do estatuado, no movimento e no todo, alguma coiza da sua psycologia, da sua individuação social e da sua historia.

Eis sumaria e precipitadamente a minha opinião sobre o monumento Queiroz Ribeiro, e acrescentarei se começa a abusar d'estatuas e centenarios, que em vez de significarem, como deviam, na massa da população, uma subida de nivel, são ao contrario producto da rethorica chôcha dos de cima, pela indiferença charra dos de baixo.

FIALHO D'ALMEIDA.

A ESTATUA DO CORAÇÃO DE JESUS

Exposta na Sociedade de Geographia

Vianna, a formosa cidade do Minho, empenhou-se em construir, n'uma elevada montanha que lhe fica sobranceira, um santuario, que ali, em devotas perigrinações, trouxesse os fieis de toda essa provincia, onde a ideia religiosa domina ainda tão profundamente. No alto da montanha, denominada de Santa Luzia, devia erguer-se uma estatua, Jesus offerecendo o seu coração á humanidade soffredora, e essa estatua encommendaram-na os viannenses, a um artista da sua terra, Queiroz Ribeiro, que seguia o estudo da escultura em Paris.

Ha dias espalhou-se largamente a noticia de que o artista trouxera de Paris a sua obra concluida, e projectava apresental-a ao publico de Lisboa antes de seguir para o logar a que é destinada. Disse-se primeiro que tivera a nephlibatica ideia de expol-a na Avenida da Liberdade ladeada por cyprestes, depois que pensara, para esse fim, no templo de S. Domingos, onde estivera exposta a Rainha Santa, de Teixeira Lopes, mas praxes liturgicas impediram, n'esta epoca do anno, a realisação d'esse projecto. Afinal, foi a estatua exposta no pateo da Sociedade de Geographia e eu, com todos aquelles a quem estes assumptos interessam, corri a vel-a.

Se em logar d'encontral-a exposta ao publico como objecto d'arte, a encontrasse no sanctuario, limitada ao seu papel d'objecto de devoção, nada a seu respeito diria; áquelles que a tinham encommendado para um fim proposto competiria dizer se estavam satisfeitos. Exposta porém, como objecto d'arte, essa obra per-

tence á critica, não á critica dos bispos que poderão dizer convictos — está ali o Christo que padeceu — nem á dos fieis que saberão escutar o — *Venite ad me omnes qui laboratis* — mas á critica d'arte, a qual tem direito de dizer ao esculptor o que julga da sua obra.

N'este ponto, apezar da sympathia que nunca deixei de manifestar a Queiroz Ribeiro, eu que fallando d'artistas, procuro ser sempre o mais benevolo possivel, não posso deixar de ser bastante severo. Bem sei que Queiroz Ribeiro não tem tempo de estudo que lhe permitta ser um mestre, e quem conhece o duro labor intellectual e manual que é a genese d'um artista, quem conhece o quanto, mesmo a um mestre, custa a realisação d'uma obra, não se admira de que Queiroz Ribeiro não possa apresentar uma obra prima; mas tendo ousado encarregar-se d'esta estatua, o que sobretudo lhe censuro é, em primeiro logar, a maneira leviana por que encarou um trabalho serio, depois, o ruido que tem pro-

curado fazer em volta da sua obra, attento o valor d'ella.

Conheço que esta sinceridade de critico vae ferir o amor proprio do artista, adulado por numerosos amigos, e que muitos d'estes, meus amigos tambem, se voltarão contra o rude censor, mas acima de tudo está a Arte.

—E' uma obra de expressão, de muita expressão —não sei quem disse, a proposito d'este Christo de que a cabeça exprime realmente o sentir doloroso e meigo do redemptor, mas, além de que aqui se não trata d'uma simples cabeça d'estudo, a esculptura não póde ser de nenhum modo assim encarada.

Que a pintura, uma arte toda de effeitos, necessitando de golpes de luz que a animem e precisando, para lhe encontrar-mos realidade ser vista a varias distancias, se preste a servir a phantasia de symbolistas, decadistas e varios outros anarchistas da arte, vá, mas a esculptura, obrigada a reproduzir a fórma nitida e palpavel na sua verdade mais pura, a

esculptura, a arte classica por excellencia, não pode affastar-se da sua attitude de serenidade soberana para entregar-se a devaneios.

O Christo de Queiroz Ribeiro é uma *esquisse* em bronze, se o artista até lhe conservou a tunica sobre os pés trespassada de golpes! Mas esta *esquisse* é incorrecta pela muita falta de observação anatomica.

Um dos homens que com mais auctoridade escreveu sobre arte, Charles Blanc, diz-nos: «Effectivamente o caracter, que pode bastar á pintura, não basta á estatuaria, torna-se-lhe precisa ainda a belleza. Porquê?

Porque o estatuario não tendo outro meio d'expressão senão a fórma não pode por preço algum sacrifical-a...

O esculptor não dispõe senão de um marmore frio ou de um bronze duro, e este bronze e este marmore sem a belleza das formas, não são mais que uma desgraça pesada, uma offensa material que se impõe ao olhar occupando-o, obs-

truindo o espaço, e que é tanto mais ultrajante quanto ella ameaça de durar eternamente. Portanto desde que se põe pé no dominio da esculptura, não se pode dar um passo sem que a belleza appareça como uma necessidade fatal, como sendo o destino mesmo d'essa grande arte.»

Se Queiroz Ribeiro meditar n'estas palavras, a sua consciencia d'artista ha de encontrar muito que censurar na sua obra. A impressão que produz esse corpo descarnado, de extremidades disformes, não está em harmonia com a suave expressão que o artista procurou dar á cabeça, e os fieis devem sentir ao vel-o um certo pavor.

O artista tratou levianamente esta obra de grande estatuario, porque descurou n'ella não só a belleza mas a propria verdade anatomica.

A estatua caminha, mas como poderá equilibrar-se, avançando, se tem ambos os joelhos unidos, e, não sei por que estranho esforço, collados á tunica?

Na sua posição violenta o dorso parece quebrar-se. O jogo d'articulações dos pés é nullo.

As proporções faltam-lhe; parece que o artista, esquecendo o modelo, tentou executar uma obra de phantasia. Onde está a modelação d'esse peito? Que formas accusa essa longa tunica de bronze? O rithmo das pregas da tunica não está mesmo em harmonia com o movimento do corpo.

E' possivel que Queiroz Ribeiro, apezar dos annos passados já no estudo das artes plasticas esteja ainda tão cego que não visse a somma de erros que amontuou na sua obra? Ou, se os viu, porque ousou assim vir desafiar a critica, que bem devia suppor não se curvaria ante os desejos dos seus amigos ignorantes de arte? Queiroz Ribeiro bem sabia que, apezar da indifferença do maior numero, das imposições das *coteries* tem havido sempre quem possua a independencia de julgar severamente os trabalhos dos que entre nós são já considerados mestres.

Não comprehendo tambem o singular pensamento que o fez acompanhar a sua estatua de cyprestes! Que effeitos imaginou produzir com aquelle que lhe collocou ao pé, rompendo d'um minusculo vasinho, que se fendeu no espanto de encontrar-se em tal logar?

A verdadeira obra d'arte não necessita de scenario para ser comprehendida e admirada.

A forma, o culto impecavel da forma, é tudo para o esculptor, para o estatuario.

A attitude, o gesto em harmonia com a expressão da cabeça são indispensaveis na estatua. Se a arte grega é ainda a grande mestra da esculptura é porque a Grecia estudou, como povo algum, a verdade e a belleza da forma, e nas suas estatuas mutiladas, um dorso, um membro tem uma expressão tão completa como uma figura inteira.

Se Queiroz Ribeiro quer ser um verdadeiro cultor da nobre arte que escolheu, é necessario convencer-se d'essas indis-

cutiveis verdades, deixar-se de nephlibatismos, e entregar-se ao rigoroso e profundo estudo do corpo humano, de que o estatuario não pode desconhecer o mais pequeno musculo, o mais insignificante jogo d'articulações.

Só assim poderá alcançar ser considerado como um artista sério, e ver todos prestarem justiça á sua sinceridade, applaudindo-lhe os passos que der no caminho da verdadeira arte.

5 de Abril de 1898.

O MONUMENTO A SOUSA MARTINS

No concurso realisado para a apresentação dos projectos do monumento a Souza Martins, obteve a approvação do jury, composto de eminentes artistas, o projecto do esculptor Costa Motta, mas a commissão de medicos, encarregada da realisação do monumento, despresando o veridictum do jury, preferiu o projecto do esculptor Queiroz Ribeiro, ou seduzida por bellezas que encontrou na *maquette*, ou influenciada pela protecção politica que favorecia o auctor.

O jury, que conhecia devidamente o merito e capacidade de cada um dos concorrentes, havia preferido o projecto do

sr. Costa Motta, não só por encontrar-lhe merecimento, mas tambem porque estava certo de que a seriedade artistica d'esse concorrente empregaria na execução do monumento todos os meios de tornal-o uma verdadeira obra d'arte; recusando a sua approvação ao projecto do sr. Queiroz Ribeiro, apezar da seductora apparencia que o revestia.

Nada dissemos então sobre este acontecimento, ainda que nos parecesse bastante incongruente a acção dos medicos em assumpto d'arte, e absurda a ideia de convocar um jury de peritos para revogar absolutamente as decisões d'elle.

Tinhamos sido o primeiro a atrevernos a defender a Esculptura dos ataques do sr. Queiroz Ribeiro, apezar das relações de amisade que com elle mantinhamos; criticamos desassombradamente as obras do artista, quando viamos tratar com descuidado dilettantismo a mais seria das artes plasticas; aconselhamos-lhe que estudasse em vez de devanear, que profundasse os segredos da grande arte

que parecera seduzil-o; mas, como não sabiamos o quanto calaria fundo no espirito do sr. Queiroz Ribeiro a grave responsabilidade de encarregar-se da execução d'um monumento que uma das mais illustradas classes do paiz fazia erguer na capital a um notabilissimo homem de sciencia, nada quizemos dizer sem que vissemos como o sr. Queiroz Ribeiro se desempenhava do honroso encargo que tomára. Limitamo-nos a recear.

Infelizmente os nossos receios foram mais que fundádos, e o monumento a Souza Martins nada deixa a desejar ao *Christo* de Vianna.

E' executado com a mesma inconsciencia artistica; nenhum estudo anatomico precedeu a modelação das suas figuras; nenhum modelo pousou para ellas; são feitas de cór por um homem que devaneia em esculptura, procurando imitar, mas só nos desvarios, o colossal Rodin.

Não falta harmonia nem elegancia nas linhas geraes do monumento; a ideia, a concepção, não é indigna d'um artista;

ao sr. Queiroz Ribeiro não falta imaginação: de que elle carece é de saber ser um esculptor. Não houve honestidade na execução d'esse monumento, cujas faltas graves chegam a ser encobertas por *trucs* tão grosseiros que nem sequer illudem a vista, como a chapa de bronze que foi arremessada contra o obelisco, para dar apoio á estatua da *Sciencia*. Todas as trez figuras são inteiramente desprovidas de estudo, não acabadas; é uma *pochade*, não é um monumento. As pochades guardam-se nos ateliers, para conservarem um pensamento ainda não realisado do artista, mas não veem para as praças publicas, onde a multidão só deve encontrar obras completas que a moralisem e eduquem.

Esta impressão foi a que me deixou o monumento, quando na vespera da inauguração fui, de manhã cedo, surprehendel-o na sua ultima *toilette;* um operario enfadado com os laivos esverdeados, que, da *patine*, com que haviam sido besuntadas as figuras, tinham escorrido para a

base do monumento, resmungava: - querem ver que temos mais lavagem?!...

A phantasia do sr. Queiroz Ribeiro quizera dar por meio de *patine* ás suas figuras o *vert de gris* das velhas estatuas. Se elle até fizera pintar o obelisco d'amarello, transgredindo as posturas municipaes, e tentára pintar as nuvens, sobre que pousa a *Sciencia*, d'azul, como as que aos pés da Virgem da Conceição encontramos em devotas capellas!

Analysando as figuras, além da chapada de bronze e de cimento contra o obelisco — descuidadamente applicada, como se quillo fosse um monumento de pasta destinada a figurar, entre balões venezianos, n'alguma improvisada noite de festa — encontramos tão graves incorrecções que até nos custa descrevel-as.

As estatuas não teem formas, e as roupagens da *Sciencia*, que, mesmo no bronze, deviam fluctuar com leveza, são pesadissimas! A figura principal do monumento, a do illustre medico cuja memoria deve perpetuar, é deploravel! O

olhar tem expressão, mas a cabelleira caracteristica de Souza Martins dá ares de postiça! A figura senta-se d'um tal modo deselegante que a cadeira não nos lembra a de professor, mas uma outra pertencente a reservados quartos. D'aqui resulta que a linha de perspectiva, principalmente do lado esquerdo da figura, é pessima. A perna direita, com o joelho demasiadamente erguido, está contrafeita, e o angulo agudo formado pelo pé é exagerado. Qualquer alumno do primeiro anno de anatomia notará que ninguem pode collocar um pé assim, a não ser deslocado ou aleijado.

A figura da rapariga, offerecendo uma flôr, o que é um bello pensamento, podia ser encantadora, mas não passa d'uma triste figurinha desharmonica nas formas, um pobre corpo deformado e gasto de canceira e de miseria e falta-lhe a mão esquerda!

Uma outra desharmonia notamos. Sendo a projecção horisontal da base do obelisco quadrada, por que razão deter-

minaria o artista que o canteiro de relva, em taludes, fosse um rectangulo de duas faces maiores?

O obelisco está encimado pela bandeira nacional e pelo escudo com as armas portuguezas; ora este remate, tão mal apropriado, seria bem substituido por emblemas scientificos.

Soubemos que uma commissão technica de vigilancia fôra nomeada para ir observando a construcção do monumento, mas que o sr. Queiroz Ribeiro desattendera sempre os conselhos experimentados d'um illustre artista que d'ella fazia parte a instancias d'alguns amigos.

A fundição das figuras, pela inconsciente ignorancia do esculptor, teve serias difficuldades, causando grandes impaciencias ao director da Fundição de Canhões, onde o sr. Queiroz Ribeiro obtivera que fosse esse trabalho feito. Esquartejando as figuras sem methodo, e sem prever os inconvenientes resultantes, ver-se-ia seriamente embaraçado se o formador Guido Lippe, hoje já fal-

lecido, o não tivesse auxiliado com a sua experiencia.

Em conclusão do que vimos, temos de lamentar que a politica, estragadora de tudo quanto de bom existe cá no paiz, conseguisse introduzir-se no campo da arte; á sua influencia, mais do que a qualquer outra causa, attribuimos este desastre.

Ao sr. Queiroz Ribeiro só dizemos que nos causa pena, e por muitos motivos, que a sua obra não seja o que a *maquette* apresentada no concurso promettia. Estimariamos muito vel-o um artista completo, sabendo não só conceber bellos projectos, mas realisal-os por uma perfeita execução.

Pensamos tambem no juizo que da mentalidade portugueza farão os estrangeiros que, em frente do grandioso edificio da escola medica, encontrarem aquelle monumento, revelador de tão grande ignorancia, quando foi uma agremiação scientifica quem o mandou collocar ali.

Desejamos ver a nossa formosissima

capital tão bella pela arte como é pela natureza; mas vemos agglomerar-se em volta do impulso dado ao seu engrandecimento erros sobre erros, faltas sobre faltas.

10 de Março de 1900.

AINDA
O
MONUMENTO A SOUSA MARTINS

Receiavamos, e com razão, que o monumento a Souza Martins se assemelhasse ao *Christo* de Vianna. Revelara-nos este a maneira por que o sr. Queiroz Ribeiro entendia a sciencia do estatuario, e não suppunhamos que, em tão curto lapso de tempo, elle pudesse soffrer, nos seus processos artisticos, transformação apreciavel.

Sonhar devanear, é proprio dos que nascem nos paizes em que o sol ardente estonteia as cabeças. Que de ideias se apresentam, que de projectos se formam! Mas para se entrar no campo da realisação é necessario a intelligencia clara, o saber solido e a firme vontade.

Nos seus devaneios d'esculptura, concebeu o sr. Queiroz Ribeiro a *maquette* que a commissão medica, encarregada de levantar o monumento a Souza Martins, approvou contradictoriamente ao voto do jury technico, que preferia o projecto do esculptor Costa Motta.

Devem estar satisfeitos os doutores, pois teem na frente do grandioso edificio da sua escola um permanente caso pathologico para estudo.

Pobre Souza Martins, em que ridicula posição ficarás continuando, por indefinido tempo, a dar essas licções que foram a tua gloria!

Lamentamos esta fatalidade, porque desejavamos que o monumento pudesse, como joia artistica, embellesar a nossa linda Lisboa, desejavamos até poder felicitar o esculptor, applaudir a sua obra.

Era impossivel; seria um milagre d'esforço que o sr. Queiroz Ribeiro adquirisse, em tão poucos mezes, todo o saber que mostrava faltar-lhe quando fez o seu *Christo;* pois ninguem podia acreditar

que a ideia de imitar Rodin, na sua extrema simplificação de linhas, pudesse levar a erros technicos, tão graves como os d'aquella estatua, um artista conhecedor dos segredos da sua profissão.

Queiroz Ribeiro faz esculptura de cór como, provavelmente, toca qualquer instrumento d'ouvido. E' uma prenda de sala, bonita, que lhe dá lustre ao nome aristocratico, e lhe embelleza as horas de solidão; mas a arte, a grande e severa arte, exige mais dos seus adeptos, quer que elles sacrifiquem em holocausto cruento não só algumas parcellas de cerebro, mas todas as fibras do coração; quer que lhe dediquem todas as horas da existencia n'um penoso labor d'iniciação longa e fervorosa. Só depois ella realisará com o neophito essa união mystica geradora das grandes obras.

Trabalhando n'um inconsciente dilettantismo, sem se preoccupar com a seriedade da sua arte, fazendo ao acaso, sem estudo, figuras cuja anatomia deveria ter profundado nos modelos, enco-

brindo as faltas apparentes com *trucs* inadmissiveis, realisou o sr. Queiroz Ribeiro aquelle monumento, que podia ser uma obra formosa e não passa d'uma lamentavel cousa.

Não o analysamos aqui, não vale a pena. Com magua pensamos que olhos extranhos o analysarão, julgando por elle o merito dos nossos artistas, o valor intellectual da nossa sociedade.

O monumento de Souza Martins já ficava ali deslocado, completava mal o edificio da escola e não tinha proporções para aformosear a praça. No atrio do grande estabelecimento scientifico é que o monumento do illustre professor devia erguer se, era lá que elle seria sempre comprehendido e venerado.

O que, porém, ainda mais me indigna n'esta desastrosa historia do monumento é a coacção da politica á imprensa, de tal modo imposta, que a maioria dos jornaes de Lisboa recusam tratar do assumpto. Aquelles que se não sujeitam, por decoro de consciencia, a elogiar o sr. Queiroz

Ribeiro, teem, pelo menos, de fechar as portas á critica que lhe é contraria, tal a pressão que os protectores do auctor do monumento exercem.

Demolir o monumento, refundir o bronze seria o unico remedio possivel para um tal desastre.

10 de Março de 1900.

PROJECTO DE UM NOVO MONUMENTO

A

SOUSA MARTINS

A demolição do monumento levantado a Souza Martins era, dissemos, o unico remedio para aquelle desastre e assim o entendeu tambem a commissão que, procurando honrar a memoria do illustre professor, o fizera levantar.

Essa commissão, composta de membros d'uma classe superiormente illustrada, não podia dar a sua approvação a um trabalho revelador de tanta ignorancia e descuido e que era, ao mesmo tempo, um desacato á sciencia e á arte.

Reconheceu que se deixara illudir, e bem haja pela coragem de confessar o seu involuntario erro e pela magnanimidade

com que procura remedial o confiando a um artista de incontestavel seriedade a execução d'um novo monumento.

O estatuario Antonio da Costa Motta, de quem o jury technico preferira o projecto por occasião do concurso, é que está encarregado de levantar um segundo monumento a Souza Martins, após a demolição do primeiro.

Bem haja tambem a Camara municipal de Lisboa por ter concedido authorisação para que elle fosse demolido. A camara consultou não só os seus technicos, mas tambem a commissão, da qual todos os membros affirmaram estarem d'accordo na deliberação do monumento ser substituido.

Na officina de Motta, vimos a *maquette*, apresentada pelo já conhecido auctor da estatua de *Affonso d'Albuquerque;* é um trabalho de nobre simplicidade, que não podendo, attenta a modestia do concurso, deslumbrar pela grandeza, procura pelo sentimento e harmonia ser digno da memoria do homem illustre que representa.

Sobre uma robusta columna, realçada por simplissimos ornatos e nos degraus de cujo pedestal repousa, sentada em tranquilla e nobre attitude, a *Sciencia*, ergue-se a distincta figura do grande medico, envergando a toga de professor e explicando uma licção com esse expressivo gesto que o recorda vivamente aos discipulos.

O monumento, devendo ter de maior largura, na base, 7^m, tem 6^m,60 d'altura até aos pés da estatua, que deve medir 3^m 60, o que dá ao conjuncto harmoniosa proporção.

Temos, pois, na *maquette* a linha geral do monumento, e podemos avaliar a maneira por que o artista interpretou e compoz a sua obra; sobre a execução, de que a seu tempo falaremos imparcialmente, nenhum receio nos inquieta; é inteira a confiança que temos no merito e no saber do artista portuguez, tão modesto, mas tão devotadamente dedicado á sua arte. Os trabalhos apresentados ao publico por Antonio Motta hão-lhe creado

um nome e attrahido o respeito de quantos se dedicam a assumptos d'arte.

Discipulo do illustre professor Simões d'Almeida, só ao proprio talento e ás lições d'aquelle mestre abalisado, deve o que vale. Compenetrado da responsabilidade que n'este trabalho toma de rehabilitar o credito do seu paiz, no ponto de vista do gosto artistico, que o actual monumento do Campo dos Martyres da Patria compromette aos olhos de todos quantos virem em frente d'um edificio grandioso, a recordar a memoria d'um homem illustre, aquelle monumental desastre, Antonio Motta tomará como ponto de honra o trabalho que acceitou, executando-o de modo que fique sendo, embora singela, digna homenagem ao nome glorioso de Souza Martins.

E' necessario que a Camara municipal de Lisboa se compenetre da responsabilidade que tambem agora lhe cabe n'este assumpto e não se demore em retirar o actual monumento do logar que occupa, afim de poder ser substituido.

Ouvimos que o sr. Queiroz Ribeiro ia tentar um processo por perdas e damnos contra a commissão, o que achamos extraordinario; a haver processo, quer-me parecer que quem devia ser processado era o esculptor, pois a commissão é que ficou roubada.

2 de Agosto de 1900.

O NOVO MONUMENTO

A

SOUSA MARTINS

Quando na primavera de 1900 foi inaugurado o primeiro monumento a Souza Martins, levantaram-se na imprensa algumas vozes a elogial-o, era a *claque* assallariada que se põe ao serviço de todas as *cotteries,* e tambem a *claque* ignorante que bate palmas a todas as novidades.

O author d'esse monumento adularame sempre com attenções, pertencia a uma familia que eu respeitava, até me inspiravam sympathia certas originalidades do seu caracter; se não era um meu amigo era, pelo menos, um homem a quem desejaria ser agradavel.

O projecto do monumento apresentava formosa concepção, executado por um artista consciencioso, poderia transformar-se n'uma bella obra d'arte.

Mas, oh desillusão! que lamentaveis esboços de figuras fui encontrar agrupadas n'um pedestal em frente d'aquelle edificio da Escola Medica, onde devia ficar perpetuada a memoria do sabio e eloquente professor!

Era um monumento para ser demolido, seria vergonha deixal-o á vista na praça publica d'uma capital.

Nunca me assombrou tanto a venalidade como ao recordar-me, ante esse monumento a Souza Martins, dos elogios escriptos a encomial-o.

O culto da arte e o amor da verdade impunham-me um dever penoso: fechar os ouvidos a todas as razões de sympathia ou de interesse pessoal e dizer bem alto que aquella miseria era inadmissivel. Assim fiz; algumas vozes foram o ecco da minha voz, demoliu-se o pedestal, o bronze refundiu-se, e uma nova estatua

de Souza Martins em breve se erguerá a demonstrar a alta veneração que a sua individualidade merece.

Antonio da Costa Motta, o author do novo monumento, é já sobejamente conhecido para aqui fazer-lhe elogio, só direi que realisou uma obra digna da sua reputação artistica.

Um d'esses grandiosos monumentos que se impõem á admiração das multidões e atravessam os seculos evocando uma phase dos destinos d'um povo, bradando um nome escripto em letras maiusculas na historia, não caberia ali, no reduzido espaço que é destinado ao de Souza Martins, nem poderiam bastar-lhe os modestos recursos angariados pela commissão de homens de sciencia que o manda levantar, para que a memoria do grande e inolvidavel medico nunca seja esquecida na escola que o seu saber portentoso illustrou, onde a sua palavra arrebatou os espiritos e captivou os corações.

Impunha-se ao artista uma obra de linhas simples, uma composição grave,

d'acessorios modestos, em que a figura do illustre professor prendesse logo o olhar, dominasse toda a idéa.

Costa Motta representou Souza Martins de pé, vestida a béca, durante uma das suas luminosas prelecções scientificas.

Aquelles que o conheceram, admirarão, avaliando a semelhança, o sentimento com que o esculptor espiritualisou essa figura, em que o olhar, o gesto e o movimento dos labios se harmonisam n'uma expressão tão verdadeira, tão viva, que nos demoramos a fital-o n'uma ancia d'ouvir-lhe ainda a voz poderosamente arrebatadora.

A estatua, concluida, espera na officina do artista o momento em que passará ao bronze para ir occupar depois o logar que a está esperando, e a digna commissão, que teve o levantado pensamento de prestar publica homenagem á memoria d'um sabio que honrou o seu paiz, sentir-se-ha então satisfeita com a sua obra e grata ao artista distincto cujo talento a valorisou.

Nem todos quantos se teem interessado por este assumpto são d'opinião que a estatua de Souza Martins passe a occupar o logar do monumento demolido, alguns preferem vel-a no atrio da Escola medica, achando que é ahi, entre aquelles que bem comprehenderão a grandeza do seu vulto, que ella será olhada com a veneração condigna.

E' opinião para ser meditada, acatada mesmo; porém n'esse logar a estatua não pode ficar isolada. Na praça publica o monumento representará não só a homenagem respeitosa dos homens de sciencia, mas o culto sympathico da população d'uma cidade a um homem que tão suggestivamente soube fazer-se amar pelo povo, a um nome que no mais humilde tugurio era evocado com fé, pronunciado com respeito.

No atrio da escola, essa estatua isolada seria uma injustiça; tem gloriosos confrades Souza Martins, esses reclamariam idoneo culto para a sua memoria, e uma serie de bustos a erguer-se sobre pedes-

taes teria forçosamente d'acompanhar a estatua d'aquelle que soube attrahir pelo seu verbo dominador, por fulgurações diamantinas da sua alma, além do respeito e admiração como sabio o amor como homem.

Maio de 1902.

A ESTATUA

DE

AFFONSO D'ALBUQUERQUE

É figura d'um grandioso extraordinario na historia portugueza a de Affonso d'Albuquerque, o guerreiro que teve a audacia de sonhar para o pequeno paiz de navegadores do extremo occidente da Europa um imperio no Oriente, e teve forças para lançar os alicerces d'essa empreza formidavel.

Os heroes da navegação haviam intentado descobrir o caminho da India e descobriram-no sem que receios ou perigos os desviassem da rota. Ao alto espi-

rito d'Albuquerque pareceu pequeno premio de tão grandioso esforço o lucro dos quintaes de pimenta negociados pelas naus portuguezas e conquistar para o seu paiz um imperio n'essas terras do Oriente, avassallar-lhe os rajáhs, assombrados, ao dominio de Portugal, foi a idéa que passou a occupar toda a vida do grande capitão desde que pela primeira vez aportou a essa India que encheu com o seu nome, tomando n'ella as proporções lendarias d'um semi-deus.

Não auxiliaram os seus contemporaneos, uns avidos mais de riquezas que de gloria, outros porque recuavam aterrorisados ante a enormidade do feito, a grande empreza d'Albuquerque; não soube avaliar El Rei D. Manuel o florão brilhantissimo que na sua corôa punha o estabelecimento d'um solido imperio portuguez n'essas regiões maravilhosas, nem o valor e lealdade da energica mão que lh'o offerecia. Dando ouvidos ás intrigas dos que, procurando enriquecer com o saque da India, eram em seus intentos

contrariados pela serena justiça d'Albuquerque, cujo largo espirito comprehendia que só n'ella apoiado poderia firmar o sonhado imperio, destituiu do governo do Oriente o grande homem, que teve a fortuna de morrer antes de ver cahir a pedaços, minado pela corrupção, o edificio soberbo elevado pelas supremas energias da sua alma heroica.

O tempo e as lições de historia tem engrandecido ainda esta figura colossal que envergonha a pequenez dos nossos grandes homens d'hoje, e um benemerito que pertenceu á passada geração, sendo um trabalhador incançavel, e um fervoroso devoto da patria, Luz Soriano, deixou no seu testamento um civico legado, destinado a fazer erguer em Lisboa um monumento ao grande portuguez que se chamou Affonso d'Albuquerque.

Correram á porfia os artistas mais notaveis entre os nossos estatuarios e dos projectos apresentados, alguns de merito, foi approvado o d'um moço e modesto esculptor, Antonio da Costa Motta, pre-

dilecto discipulo do illustre ptofessor Simões d'Almeida.

Motta possue verdadeiro talento e pertence ao numero dos trabalhadores estudiosos que esforçando-se constantemente por alcançar perfeição maior na sua arte, nas intimas satisfações da sua consciencia, e na canceira do trabalho honesto se absorvem, despresando o emprego dos artificios com que só se pódem seduzir os ignorantes.

Acceite o seu projecto no concurso para o monumento a Affonso d'Albuquerque, a grandeza do assumpto absorveu-lhe de tal modo o pensamento que o artista esqueceu até que o legado, trinta e contos de réis, já desfalcados pelos premios do concurso, era exiguo.

Barros Gomes, cujo espirito patriotico se tinha enthusiasmado pela realização d'essa obra de justiça animava o artista, cujos esforços applaudia calorosamente, apoiando-o com a sua protecção.

A morte d'este nobre estadista deixou Antonio Motta em lucta com difficulda-

des, que o sentimento da sua dignidade artistica farão reverter em prejuizos materiaes para o esculptor que anceia realizar o monumento tal como o imaginara.

A estatua d'Affonso d'Albuquerque está modelada em barro no *atelier* do artista, descrevel-a é impossivel aqui; só poderá avaliar-lhe a imponente grandiosidade quem vir a attitude soberba em que o heroe, apontando armas e pelouros, mostra aos embaixadores do rei da Persia — «a moeda com que El-Rei de Portugal paga a quem exige tributo dos seus vassallos».

Em breve o esculptor irá esquartejar a estatua para a formar no gesso que servirá de molde ao bronze em que deve fundir-se. Mas o bronze?

O valor do bronze necessario para a estatua juntando-se ás grandes despezas ja feitas e ás que teriam de fazer-se com a fundição, excederá muito os trinta e cinco contos do legado e ao artista depois d'annos de trabalho, como remune-

ração, ficaria apenas a gloria de ter realizado um bello monumento.

Entendeu o *Gremio Artistico* que deveria occupar se d'este assumpto, e uma commissão se dirigiu ao ministro da guerra pedindo lhe para fornecer ao artista o bronze necessario para a estatua e a permissão d'ella ser fundida na Fabrica de canhões. A commissão foi attenciosamente recebida, mas obteve em resposta que effectivamente havia algum bronze disponivel mas estava já destinado para fazer boccas de fogo; pedindo todavia o ministro á commissão que lhe fosse enviado um orçamento.

É um assumpto que ainda não está resolvido mas que todos esperam se resolva d'um modo favoravel para a arte nacional. Estamos certos de que alguns canhões serão sacrificados em honra de Affonso d'Albuquerque, pois por maior que fosse o numero que fundissemos nunca obteriamos com elles metade do respeito que ainda nos attrahem esses grandes nomes do passado. Fizeram-nos

uma potencia na Europa da renascença, e são os nossos indestructiveis brazões de nobreza nacional.

São elles quem nos consola dos males presentes e nos dão forças para viver e sonhar.

Agosto de 1900.

N'um dos ultimos dias de janeiro de 1901 procedia-se no arsenal do exercito á fundição da estatua d'Albuquerque. Este trabalho, começado ás dez horas da manhã, terminava ás duas da tarde e fizera-se de um jacto. O governo dera o bronze e prestara as officinas do estado para complemento d'esta obra que era uma divida da nação.

No dia 3 de outubro foi solemnemente inaugurada a estatua do Alexandre portuguez.

E' formoso o monumento em que collaboraram a boa alma patriotica de Luz Soriano e o talento de dois artistas: Costa Motta, o estatuario e esculptor, author

do monumento, e Silva Pinto, o architecto que lhe dirigiu a construcção. E' formoso pelo elegante impulso da sua columna gotico manuelino, estylo bem escolhido para supportar a figura do grande capitão de D. Manuel; pela surprehendente harmonia do conjuncto, pelos magnificos baixo relevos e figuras que lhe guarnecem o pedestal e pela soberba estatua do heroe que a corôa; todavia n'aquella praça de Belem, se evocarmos o quanto d'assombroso podemos n'aquelle logar reconstituir da nossa historia, em frente do poema esculpido que alem recorda a descoberta d'essa India que Albuquerque subjugou com o seu potente gesto, ao contemplarmos o formoso monumento achamol-o mesquinho como preito de Portugal áquelle seu grande heroe.

Lamentamos que o bom Luz Soriano não tivesse podido dispor de milhões; elle que com tão civica nobreza dispoz das migalhas da sua modesta fortuna para que o monumento construido em cumprimento do seu legado podesse ter

as grandiosas proporções que tem na historia a figura d'Albuquerque.

Albuquerque! o conquistador de Ormuz, de Gôa, de Malaca, o homem que emprehendeu desviar o curso do Nilo para inutilisar a navegação do Mediterraneo, firmando assim o poder maritimo de Portugal, que planeou conquistar Mèca, para acabar com a superstição religiosa do Islam, que lançou as bases d'um imperio sonhando offerecel-o ao seu rei com a simplicidade de quem offerece um diamante arrancado á terra para ornamento da corôa. Albuquerque o forte, o prudente, o sabio, o terrivel, o justo; guerreiro cuja espada flammeja e submette, estadista cujos planos assombram, subdito leal que, podendo erguer-se altivo com o imperio que creara, se submette á vontade do monarcha de quem é vassallo, quando elle o manda substituir no governo da India, e morre na magua suprema de ver perdidos os esforços que para sua gloria fizera.

Apezar porém, dos limitados recursos

com que o monumento da praia de Belem foi construido, que não permittiam maior grandeza e riqueza, elle corresponde pelo seu valor artistico ao pensamento generoso de Luz Soriano; Costa Motta deixa o seu nome vinculado honrosamente a esta obra, que representa o sentimento respeitoso que ao povo inspira a memoria d'um grande homem.

Novembro de 1901.

A' VOLTA

DA

FONTE DO CASTANHEIRO

Descalça vae para a fonte
Leonor pela verdura
Vae formosa e não segura.

Vieram-me á lembrança estas lindas voltas de Camões quando, no atelier de Motta, encontrei o estatua de marmore de que a graciosa belleza me encantara já na exposição do *Gremio Artistico* em 1893. — *A volta da Fonte do Castanheiro* — intitulara-a o author; teem sido pois, as tricanas gentis de Coimbra, felizes inspiradoras de artistas e poetas!

A Grecia povoara de nymphas os bosques e as fontes; visões mythologicas devem ser as figuras que nas manhãs rosadas e em noites de luar por lá surgem

ainda, esbeltas, sobraçando os cantaros, divinas de fórmas e de estonteador sorriso. Aquellas fontes de Coimbra, de nomes tão poeticos, onde vão gemer d'amor as guitarras, devem certamente ser a miudo visitadas pelas nymphas que conseguiram, atravez dos seculos, resistindo á rudeza do espirito humano, que pretendeu banil-as, chegar até nós, e apparecem a deslumbrar a phantasia dos sonhadores, pelos recantos floridos das regiões de luz.

Antonio Motta nasceu nas bellas margens do Mondego e terá desde creança surprehendido muitas d'essas apparições seductoras; o seu talento d'artista soube dar fórma tangivel, n'um marmore que palpita, a qualquer d'ellas. Foi com amoroso enlevo que elle modelou as curvas delicadas e puras d'aquella figurinha ideal, em que os nossos olhos se prendem.

Como a Leonor de Camões, leva na cabeça o pote e avança em ondulações harmoniosas com o passo firme.

—Vae formosa e não segura, disse porem o poeta e dil-o-hia tambem o artista.

O sr. Barahona adquirindo esta estatua em marmore, dá mais uma vez prova de que o seu bom gosto iguala a sua magnificencia.

Encontra-se tão escassamente quem faça da riqueza um bom uso, e é tão raro quem possua a comprehensão da arte e pense em sacrificar-lhe algum d'esse metal que d'ordinario satisfaz todos os caprichos e vaidades, que ao ver um homem do meu paiz tendo n'esta epoca de rasteiro egoismo a magnanimidade d'empregar o superfluo da sua opulencia em obras como o theatro d'Evora, a baixella modelada por Columbano e outros trabalhos de valor artistico, um impulso de gratidão intima para com esse meu feliz correligionario de sentimentos, leva-me a applaudil-o de toda a minh'alma.

Quando, annos passados, se fizer a resenha da nossa producção artistica no ultimo quartel do seculo findo, o nome

do dr. Barahona hade ser registado com louvor porque protegeu o desenvolvimento da arte no seu paiz, e soube deixar cahir nas mãos dos artistas trabalhadores o ouro que lhes permitte colher algumas rosas entre os espinhos da vida.

A BAIXELLA BARAHONA

Vermos realizar n'um meio tão pobre d'iniciativa e de grandeza uma obra do alto valor artistico da baixella Barahona, sabermos que do esforço intelligente d'um illustrado artista e ao talento genial d'outro se deve essa obra consoladora e magnifica, e que esses artistas são portuguezes, que portuguez é o homem que tão nobremente sabe dispender a opulenta fortuna, em suas mãos abençoada, é um jubilo que compensa de bastantes desalentos.

Grande epocha d'industria e não grande epoca d'arte é a nossa. «As artes de

desenho, diz Taine, exigem, para florescer, um terreno que não seja inculto mas tambem que não esteja em demasia cultivado.» O excesso de civilisação esmigalha tudo, os caracteres como as fortunas.

A grande iniciativa individual é em nossos dias rara, rarissimo tambem o encontrar quem prefira ás mil ninharias do mole conforto moderno o gozo soberbo da arte.

Principesca resolução foi a do dr. Barahona quando, desejada a posse d'uma rica baixella que opulentasse as magnificencias do seu palacio, confiou a execução d'ella a artistas portuguezes, com a largueza magnanima de condição alguma impôr que restringisse os meios da sua realisação perfeita.

Á joalheria Leitão, a feliz iniciadora do movimento em favor da restauração da nossa ourivesaria artistica, confiou o dr. Barahona a execução da sua preciosa baixella, e as explendidas peças já realisadas e expostas ao publico illustrado,

que para ellas teve applauso unanime, foram superiores provas do quanto aquella officina artistica era digna da empreza que lhe fôra encarregada.

Difficil empreza, na verdade, e era o distincto joalheiro quem melhor o reconhecia ao acceital-a, sabedor profundo da sua arte, a arte que na renascença immortalisou Cellini, que na França engrandeceu uma dynastia artistica, soberba da sua fama, e, no aureo tempo da nossa grandeza immortalisou tambem um Gil Vicente, nome então predestinado.

Mas a tradicção da ourivesaria portugueza perdeu-se, Mafra não foi um Belem animado pelo sopro vivificador do nacionalismo. Os seus thesouros não são um museu d'arte portugueza, um elo mais na cadeia que a prende de seculo a seculo; artistas estrangeiros os produziram, e d'então para cá a decadencia mais e mais se accentuou. Todavia a epoca em que o pesado monumento se ergueu, em que S. Roque se locupletou de preciosidades, esse reinado de D. João

V, que viu encher os seus erarios com o ouro do Brazil, foi a nossa ultima epoca de grandeza, e o estylo que então dominou a Europa, no ramo que aqui implantou, alguma cousa bebeu do solo e pode bem, apezar da sua origem estrangeira, chamar-se de D. João V.

Columbano, o illustre artista de ha muito lhe estudava a feição, e, entre os variados ramos d'arte que a familia Bordallo tem animado com o seu talento artistico, mais d'uma vez esse estylo nacionalisado tem apparecido em bellas producções. Leitão, intelligentissimo, e animado tambem pelo patriotico desejo do renascimento da arte portugueza no genero que cultiva, comprehendeu que, melhor que nenhum outro esse estylo poderia apropriar-se a uma obra profana, mas de grande magnificencia como a baixella Barahona, em frente da larga intermitencia que na portugueza ourivesaria d'arte se dera.

O resultado d'esta collaboração artistica foi explendido A baixella Barahona

é mais uma gloria para Columbano, a quem pertence a concepção geral da obra, e que modelou as magnificas figuras que ornam as peças.

É uma gloria, tambem, para a joalheria Leitão, que conseguiu realizar, pelos mais perfeitos processos technicos, um trabalho de tanta magnitude. E' uma honra para o director d'officina da ourivesaria, e para o lavrante que o auxiliou e dos quaes o sr. Leitão, por um nobre sentimente de justiça, consigna os nomes na elegante e erudita memoria que sobre a baixella publicou.

Analisar detidamente cada uma das peças é difficil n'um pequeno artigo, tanto havia a dizer sobre cada uma d'ellas.

O centro é de bellissima forma e sobria ornamentação, apreciando-se toda a nobre elegancia da linha. Largas superficies polidas dão a impressão de serena e magnificente grandeza. A taça, oblonga, affectando a forma de bojo de galeão, divide-se em apainelados, entre os quaes, se intercalam motivos d'ornamentação

caracteristicos da epoca. Os feixes de volutas, a *rocaille*, as folhas d'acanto, e todos os motivos que ornam a taça, harmonisam com os bordos em largas ondulações, ricamente ornadas e a que se adaptam azas d'uma belleza admiravel.

Ao centro de cada um dos dois lados da taça, escudos joanninos, tão caracteristicos na sua bella forma, imprimem-lhe grande cunho.

Sobre as elegantes volutas das azas dois amores communicam, em gracioso grupo, com as duas figuras symbolicas, o fauno e a bachante, que, de cada um dos extremos da taça para elles se inclinam.

Não são menos surprehendentes os candelabros, inspirados em modelos da mesma epoca. A sua riquissima e movimentada ornamentação faz ainda sobresair o aspecto de calma grandeza da peça central.

E' difficil descrever tal magnificencia de ornato na intima ligação com que se prendem os variados motivos, enlaçando-se e

succedendo-se como as vibrações harmoniosas d'um som. Uma delicada phantasia d'artista eminente guiou o cinzel, que devia realisar peças de tal primor, e o trabalho do prateiro é n'ellas admiravel pela variedade de tons que soube imprimir ao metal. Os grupos de creanças que dançam sobre os supportes dos candelabros, segurando nas mãos grinaldas de folhagem, animam o conjuncto com a sua graça encantadora.

A ornamentação dos candelabros e do centro, harmonisando nos variados motivos, está impregnado d'esse aroma de brisa maritima que se evola de toda a obra artistica que tenha feição portugueza.

As figuras da baixella apregoam a plasticidade do talento de Columbano, o qual pondo de parte a palheta para as modelar, se estreiou n'este trabalho com perfeição de mestre.

E' na verdade, uma consoladora obra esta rica baixella; diz-nos que temos artistas dignos de rivalisarem com os dos paizes mais cultos e tambem que a nos-

sa sociedade não carece inteiramente de grandes espiritos.

A ourivesaria Leitão deve sentir-se altamente orgulhosa por ter ousado emprehender esta grande obra artistica, realisada de tal modo que ficará sendo um brazão glorioso a enaltecer quem assim tem a comprehensão dos seus deveres para com a sua arte.

A ESPADA D'HONRA

Offerta dos officiaes d'infanteria ao major Sousa Machado

Os dias 16 e 17 d'outubro de 1900 ficaram gloriosamente marcados nos annaes das nossas campanhas africanas pela derrota do Mataca.

Havia já tantos annos que o sangue do pobre martyr Valladim e dos seus companheiros bradava vingança, e que o regulo selvagem, defendido pela fereza do clima e pelos obstaculos do solo, zombava impunemente do branco n'aquellas mortiferas regiões do Nyassa!

No dia 20 de junho de 1899 partiram de Lourenço Marques os vingadores,

uma pequena expedição, 170 brancos apenas, aos quaes no Chinde se reuniram mais uns 60. A este nucleo deviam juntar-se auxiliares indigenas, angolas e landins, os temiveis cypaes indispensaveis para as razzias nas guerras d'Africa.

Commandava a pequena força um official de rara tempera, o major de infanteria Manuel de Sousa Machado.

«Seis mezes de lucta debaixo d'um sol ardente, dizia o *Futuro de Lourenço Marques*, respirando a atmosphera envenenada dos pantanos, vencendo a immensidade do caminho, transpondo o obstaculo das ravinas, dos rios largos, das serras a pique, por um paiz declaradamente em guerra e hostil á soberania e ao dominio portuguez — esse punhado de luctadores audazes, já depauperado pelas febres e pelo cançasso, soube mais uma vez honrar a sua bandeira e manter pelas armas a integridade do territorio da patria.»

A 14 d'agosto tiveram na marcha o primeiro encontro com os negros rebel-

des; a 23 dava-se o combate de Matamulo com as forças do atrevido regulo Kuamba; a 24, n'um segundo ataque, completava se a derrota dos negros, e no dia 28 acampavam as tropas na povoação de Kuamba, inteiramente abandonada.

N'esta primeira parte da campanha luctara-se, não só com a hostilidade dos homens e do clima, mas com a sêde e com a falta d'alimentos; das forças meio exhaustas, 80 homens foram mandados retirar para Zemba, inutilisados pelas doenças, e, entre elles, o malogrado capitão d'infantaria 5, Braklami, que não devia tornar a ver a patria.

Em Napul construiram o pequeno forte D. Carlos emquanto esperavam generos para continuarem a marcha, e, a 5 de outubro, depois de ter ainda destacado para Zemba, doentes, alguns officiaes e soldados, a pequena e gloriosa columna, animada pelo heroico commandante, partia impavida a affrontar o terrivel regulo.

Era vencer ou morrer, destruir o poder

do Mataca, ou, trucidados todos, servir de pasto á ferocidade do negro insubmisso e cruel.

No dia 16 dava-se o combate de Namatanda, em que os negros retiraram depois de duas horas de fogo.

No dia 17, nas margens do Luango, foi a columna novamente atacada pelo inimigo, que procurava estorvar a difficil passagem do rio.

Á decisão energica do commandante, fazendo bombardear as margens e povoações visinhas do rio, se deveu o bom exito da empreza. As granadas aterrorisaram as gentes do Mataca, que fugiram, fugindo tambem o regulo e deixando abandonada a sua vasta e rica povoação, que a columna occupou no dia 19.

Estava realisado o objectivo da campanha, e destruido o poder d'um inimigo que os nossos ali visinhos inglezes diziam que não tinham os recursos, armas, nem gente para combater, empreza em que elles officiosamente se offereciam para nos auxiliarem.

Bastou porem a heroica resignação e a firme coragem d'um pequeno troço de soldados portuguezes e o habil e intrepido commando d'um valente official para que essa empreza tivesse um exito feliz e glorioso para as armas e para o nome de Portugal.

Os nossos officiaes de infantaria orgulhosos com a gloria do seu camarada o major Sousa Machado, resolveram offerecer-lhe, em recordação d'essa campanha, uma espada d'honra e encarregaram a execução d'ella aos joalheiros Leitão, os artistas distinctissimos que dotaram a sumptuaria portugueza com uma obra notavel, essa baixella que dará um capitulo á historia da nossa arte moderna.

A lamina, executada na fabrica d'armas, tem gravadas as datas das derrotas dos dois regulos Kuamba e Mataca, as armas portuguezas e o emblema da infantaria. O desenho da lamina foi a modesta collaboração que, n'esta homenagem de camaradas e amigos coube ao auctor d'estas linhas.

A bainha da espada é de prata e os copos inteiramente de prata macissa, sendo o guarda-mão dourado, e o resto ligeiramente satinado em escuro.

São do distincto pintor Antonio Thomaz da Conceição Silva o desenho e modelação das figuras que ornam os copos, uma das quaes — o *Genio da patria* — forma o punho da espada, conseguindo o artista pela boa disposição das superficies lisas tornar pratica a empunhadura.

Os copos são em hastes de louro e carvalho enlaçadas e encimadas por uma corôa real talhada n'um bloco de prata.

A bocca da bainha é ornamentada por dois festões de louro, cruzando sobre um fuste canellado. A argola do talim é segura por uma cabeça de leão com os dentes. O guarda-lama tem ornamentação de palmas e fitas.

E' um formoso objecto d'arte; não tem o aspecto fero e robusto d'uma rude arma de guerra, mas assentaria bem sobre as bordaduras e setins d'um grande

senhor d'outro seculo que a cingisse para celebração d'uma victoria.

Celebrar uma victoria glorificando o vencedor, foi o pensamento que a fez executar, e os artistas que d'ella se encarregaram conseguiram synthetisar na sua obra o quanto havia de brilhante e glorioso na empreza difficil levada tão nobremente a cabo pelo heroico official portuguez.

Dos officiaes da escola de Mafra partiu a iniciativa d'esta offerta, e todos ficaram gratos aos distinctos joalheiros que assim artisticamente souberam interpretar os sentimentos que os animavam para com o seu nobre camarada ao resolverem offerecer-lhe uma espada de honra.

Ficará sendo mais uma joia da ourive-seria portugueza, honrando os nomes dos artistas que n'ella collaboraram assim como aquelles que souberam dar-lhe fina execução, o cinzelador João da Silva e o chefe das officinas João Rodrigues Pinto.

Para que a obra fosse inteiramente original, crearam-se e modelaram-se especialmente todos os moldes para a sua fundição, os quaes não tornarão a servir. As figuras foram fundidas a cêra perdida, e o resto dos copos e applicações da bainha pelo processo das areias moveis.

E' a mais bella das espadas d'honra que por feitos d'armas se tem, nos ultimos annos, offerecido em Portugal.

1 de Novembro de 1900.

DECORAÇÕES

DE

ANTONIO RAMALHO

A maioria dos nossos edificios d habitação modernamente construidos, sem feição propria, d'uma architectura banal, são na sua decoração interior tão faltos de gosto artistico quanto a sua apparencia o manifesta. Vulgares estuques de molde corriqueiro mais ou menos artificiosamente coloridos, imitações de madeira, de pedra, colgaduras de papel á peça é o habitual decorativo da casa burgueza nos começos do seculo XX em Portugal.

Apenas alguns raros espiritos, desgostando-se d'esta vulgaridade, procuram para o seu conforto intimo o prazer da arte, esse prazer que é o mais nobre e encerra mais soberanos gozos.

Se a moderna industria consegue recrear os olhos do vulgo com objectos de alegre e deleitosa apparencia, que tornam a vida em geral mais benigna e facil, alargando o conforto e o luxo a todas as existencias, embora ella não podesse realizar esse fim sem o auxilio da arte, rouba a todos os objectos que produz a mais bella feição artistica: a originalidade.

É necessario possuir uma delicadeza requintada, uma intuição especial para que essa falta se aprecie; o bonito banal satisfaz geralmente. Que importa o cobre ou o bronze artisticamente trabalhado ao rico ignorante que tão facilmente adquire modelações em galvanoplastica? Que importa a fina talha da madeira se a marcenaria moderna por processo economico e facil cobre os moveis de grinaldas e variadissimos ornatos, applicados? Que importa a cinzeladura dos metaes preciosos á vaidade que se satisfaz com o *guillochis?*

Em toda a parte a industria vulgar

campêa dominadora, vencendo pela barateza dos seus productos; nos meios porem em que a educação artistica fôr mais escassa, é quasi senhora absoluta.

Esta preferencia pelo luxo barato explica-se ainda pela necessidade individual de bem estar e gozo. A vida é breve, as fortunas fazem-se e desfazem-se rapidamente; quando se não desfazem subdividem-se pela moderna constituição da familia; não vale a pena canceiras para construir e embellezar pensando no dia d'amanhã. Só um amador apaixonado ou um d'esses millionarios a quem a satisfação d'ambições e caprichos é facil pensam em decorar artisticamcnte a sua habitação; e, todavia, vale bem a pena empregar um pouco da riqueza na arte.

Todas estas reflexões me occorreram aproposito d'umas bellas decorações de Ramalho.

Ha n'este genero trabalhos d'elle que são do dominio publico, como a cervejaria Jansen e o panno de bocca do thea-

tro de D. Maria II, porem uns lindos tectos que tive occasião d'admirar n'um palacete da rua Castilho, pertencem á habitação d'um homem de fino gosto, que occupando-se tão cuidadosamente da decoração artistica dos mais recatados aposentos da sua casa deu prova de que não era a isso impulsionado apenas por uma ostentação de vaidade.

São os tectos d'uma alcova, d'um toucador e d'um quarto de communicação entre estas duas peças. Os tectos estão deliciosamente decorados, as pinturas emmolduradas em estuque, têm toda a graça e delicadeza do pincel de Ramalho. No toucador, sob cortinados que se erguem artisticos, creanças, brincando com joias magnificas, riem, enlevadas nos preciosos thesouros. D'um perfumador se evolam aromas, nimbando figurinhas.

No tecto da alcova uma aurora gentil, vestindo azul, esparge flôres acompanhada por gracioso sequito alado, e procura despertar uma bella preguiçosa que estendida em macia alfombra dorme.

Ao outro tecto, d'uma peça oblonga, adaptou o artista uma formosa decoração de flôres, que se entrelaçam em grinaldas, e prendem ao centro, produzindo um bello effeito.

Encarecer a delicadeza de tons de toda esta pintura, a graça do desenho e da composição é escusado para os que conhecem o quanto como artista vale Antonio Ramalho.

Estes magnificos exemplos de bom gosto deviam ter numerosos imitadores; a pintura decorativa, abandonada aqui por longo tempo, parece resurgir, e embora nem sempre com uma feliz escolha d'artistas, alguma cousa se vae fazendo, o que póde chamar-se um passo dado em bom caminho.

Quando porem o decorador é um artista como Antonio Ramalho, não ha apparatosas douraduras que valham uns toques de pincel.

Em tectos, *panneaux* ou sobreportas a pintura será sempre a mais bella decoração dos aposentos, a mais admissivel,

a mais rica se é obra de merito, a mais espirituosa, emfim.

Falei tambem no panno de bocca do theatro de D Maria II, que está lindamente decorado e é um prazer para os olhos nos entre-actos com os seus panejamentos elegantes em sedas de tons esbatidos, suaves, abrindo-se para mostrar, a emergirem d'um lacteo céo em que a vista aprazivelmente descança, figuras a que os poetas insuflaram almas, imperecedoras creações theatraes, symbolos do eterno sonho e da eterna verdade.

É a tragedia grega com o seu fatal Oedipo, é Shakspeare com o suave idylio de Julietta, com o ciume devorador de Othelo, com o mysterioso Hamlet; é a avidez convulsiva do Harpagnan de Molière.

São as bellas figuras do theatro portuguez que a historia emprestou a Garrett e elle lhe voltou illuminadas pela aureola do genio no *Frei Luiz de Sousa*, no *Alfageme*, na *Filippa de Vilhena*, joias preciosas da nossa litteratura dramatica.

São ainda as modernas creações d'auctores que illustram a presente geração. O *Affonso VI*, a *Morta*, etc.

Alem, ao fundo, um templo grego, e no primeiro plano, a um lado, em mãos de creanças as mascaras da tragedia e da comedia, esta espiritualisada por um bello sorriso, e no centro, grave, esbelta, alada, a figura da historia apontando os diversos grupos.

Ao centro da bambolina, encimada pela corôa real, estão dois medalhões com os retratos de Sua Magestade El-Rei e da rainha D. Maria II; á esquerda está o retrato de Gil Vicente e á direita o de Garrett n'outro medalhão.

A tonalidade geral da composição é suavissima, e as figuras singularmente suggestivas, e tanto mais quanto mais vagamente se delineam e se vão perdendo nos affastados planos.

Só uma coisa poderá notar-se-lhe é que para na realidade vermos desenvolver-se as scenas dos differentes dramas que Ramalho nos esboça, teriamos de

subir muito pois pousam sobre nuvens, mas como é só a nossa phantasiosa imaginação que tem de comprehendel-as, que importa, se ella ás vezes paira alto, tão alto...

Esta obra revela em Ramalho um decorador modernamente educado, e cujos processos technicos adquiriram grande perfeição; conhecendo bem o seu valor como artista, nenhuma surpreza me causaram os primores de desenho e de colorido, a graça das figuras dos personagens que decoram o panno.

A maneira como elle comprehende a decoração tem o seu elogio n'estas palavras applicadas á obra de Puvis de Chavannes:

«Nas decorações a muita complexidade é trabalho perdido, e os claros-escuros muito accentuados teem um relevo fatigante. Os objectos parecem sahir das paredes para assaltarem o espectador.

Ao contrario as harmonias simples, as relações muito aproximadas combinadas com a observação judiciosa dos valores,

fazem apparecer imagens suaves e subtis. Esta pintura incorpora-se ao edificio illuminando as superficies sem as esmagar.»

Um novo e importante trabalho deve actualmente occupar-lhe toda a attenção do espirito, é a parte que lhe compete no projecto decorativo do interior da escola medica.

Esse projecto confiado a artistas talentosos, se conseguirem tornal o um todo harmonico será o mais honroso monumento da arte moderna em Portugal.

Competiu n'elle a Ramalho a decoração das paredes da escada principal. O seu esboço recebeu a approvação da commissão artistica encarregada d'examinal-o; a commissão da Escola Medica encarregada de dar a sua opinião sobre este importante assumpto elogiou-o calorosamente, achando-lhe acertadissima a escolha dos themas e termina a sua apreciação por estas palavras:

«Não havia medico cubiçoso de ver o seu mister animar a decoração e a arte, que se não compraza em tal obra, on-

de o author conjugou as exigencias do assumpto e da esthetica com tanta felicidade.»

Tendo considerado sempre Ramalho entre os mais notaveis dos nossos artistas, sinto o maior prazer quando vejo prestar justiça ao seu merito, e como eu os muitos que assim o apreciam folgam com a sua collaboração n'uma obra que promette ser um duradouro padrão de gloria para os artistas contemporaneos.

Novembro de 1902.

O QUADRO HISTORICO

DO

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO DA INDIA

Salgado apresenta no concurso promovido pela Commissão do Centenario da India um quadro de grande merito.

É bem o Gama, o energico, arrojado e altivo navegador, aquella figura que pousa com decidida firmeza no primeiro plano da téla. E' para elle que os nossos olhares convergem, escutamol-o affirmando ao Samorim, desconfiado, o audacioso plano da gente que de tão longe o procurava.

> Assim com firme peito, e com tamanho
> Proposito vencemos a Fortuna
> Até que nós no teu terreno estranho
> Viémos pôr a ultima columna.

E todo aquelle grupo de audazes marinheiros que o acompanha, exprime um mesmo pensamento. Tinham conseguido! Todos elles sabiam que somma de esforços inauditos coroavam, que lhes importava agora as fadigas, os desalentos da viagem, que lhes importava mesmo o serem meia duzia de homens isolados entre a malicia dos mouros hostis. Pizaram o terreno da India, sentem que elle é seu, é necessario mostrar a esse rei gentio o quanto póde o rei de Portugal.

Salgado agrupou aquellas figuras rijas e energicas, e uniu-as admiravelmente na expressão d'esse pensamento unico, tudo quanto o Gama diz elles o diriam se lhes pertencesse fallar, apenas o pagem adolescente se alheia distraido na contemplação dos explendores da côrte oriental. Os mouros encaram mal satisfeitos os atrevidos intrusos, receiosos de gente que tal commettimento ousou, os indios, curiosos escutam a voz d'esse homem que vem mercadejar as riquezas da India atravez dos mares, olhando com

desdem para as pobres offertas do monarcha longinquo, mal pensando no jugo ferreo a que durante um seculo esses leões maritimos os submetterão.

Na interpretação do assumpto, na composição e ordenação d'esse quadro, na factura, na harmonia do colorido, mostra-se Salgado o artista superior que

realmente é. A sua obra será talvez a melhor coisa que nos ficará do Centenario da India.

E' isento de defeitos?

Não, nem era possivel, até pelo limitado tempo dado para a execução de trabalho de tão magna importancia, mas o artista mostrou uma profunda comprehensão historica e empregou na sua obra magistraes processos de execução. Ha alli detalhes primorosos, como os braços do homem que segura o gomil, a cabeça do que parece servir de interprete. E' verdade que as figuras, quasi de tamanho natural, apertadas n'um estreito espaço, movem-se difficilmente, mas isto em nada prejudica a attitude que o artista procurou para cada uma d'ellas.

Os que conhecem bem a India tambem notam no quadro erros ethnologicos. O Samondri Rajáh que tinha forçosamente de ser um kxátria, de pertencer á nobre raça guerreira da India, de feições distinctas e porte altivo, tem no quadro as feições vulgares que se en-

contram em muitos dos indios christãos do nosso tempo, mestiços produzidos pelo cruzamento das castas nobres com a casta inferior dos sudras, depois que a religião christã, substituindo, para os que acceitaram os seus preceitos, as leis de Manu, varreu de entre elles as distincções das castas e libertou esses mestiços da infima condição de parias. Todavia Salgado encontrou um authentico modelo da raça nobre para o nayre que está de pé junto da columna por detraz do Samorim. Já não é assim o que está sentado e deve ser o catual, governador da cidade, typo puramente indio mas de raça inferior.

Erro ethnologico deve ser tambem a semi-nudez dos grandes personagens da côrte oriental, pois só as castas inferiores assim deviam apresentar-se em conformidade com as leis de Manu, codigo religioso, civil e social da India, que então devia ser rigorosamente respeitado e onde se encontram referencias ao traje particular de cada casta. Os potentados

vestiam cabayas ricas de sedas multicores recamadas de oiro e pedrarias, mas Gaspar Correia diz nas — *Lendas* — que o Samorim estava nú com um panno branco lançado do umbigo até ao joelho e Salgado tinha de cingir-se á descripção d'esse antigo chronista.

São esplendidos de verdade os typos dos moiros hindustanicos, apenas pode censurar-se-lhe o terem marcados os signaes das abluções do ritual indio, o apresentar-se um d'elles com o sary, manto só usado pelas mulheres.

A' parte, porem, estas faltas desculpaveis ante a impossibilidade do artista bem estudar em tão pouco tempo costumes e usos tão particulares da remota civilisação india, quanto ha que admirar na bella obra de Salgado! O conjunto é soberbo, as evocações da scena historica d'uma grande verdade, o caracter dos personagens perfeitamente interpretado, traduzido na expressão e na attitude de cada um d'elles, no colorido não ha uma nota discordante; uma gradação discreta

nos ricos tons que o artista emprega acaricia a vista agradavelmente. E' d'um bello effeito a architectura, e a vista dos galeões, que ao longe se baloiçam sobre o mar, dão uma nota suggestiva. Circula pouco ar, o que o artista podia evitar com uma distanciação maior de planos e o Samorim não só devia ser de mais nobre estirpe, mas mais novo, elle era o principe recentemente eleito, inexperiente ainda, e em cujas resoluções mal formadas influiam os manhosos ardis dos mussulmanos mercadores.

Salgado realisou uma obra, que honra um mestre e de que a arte portugueza deve sentir-se satisfeita, pois contribuiu nobremente para a celebração de uma grande festa nacional. E' com bem fundo sentimento de prazer que envio um bravo ao artista, e elle bem sabe o quanto a expressão dos meus sentimentos é sincera.

Condeixa, que é um consciencioso artista, foi menos feliz na interpretação do protognista do quadro. O duro e violento

Gama não era homem para conservar-se em tão humilde salema ante um principe gentio; na sua cortezia devia transparecer a bravura do que pouco antes bombardeara Moçambique. Para symbolisar a victoria sobre o incognito mar, a realisação do grande sonho que absorvera durante meio seculo as mais vibrantes energias da alma portugueza não é bem escolhida essa attitude implorativa dos portuguezes na côrte indiana.

Nem o Gama nem os seus companheiros, no quadro de Condeixa, representam o orgulho feliz de quem acaba de chegar ao ponto almejado atravez de difficuldades sem nome, de resistencias inegualadas.

O Samorim tambem não está representado com o explendor d'um Rajáh.

Recebe os estrangeiros não em throno, mas n'uma tarimba de mercador, e elle mesmo semelha pelo typo um mouro do Industão, em que tivessem enxertado, um tronco baniane, derivação da casta vasyá, industrial e commerciante, e é velho.

Condeixa estuda bem no typo dos indios as mãos que são muito caracteristicas, e a cabeça do brahmane que fornece ao monarcha o betel é tambem caracteristica na maneira por que usa o cabello. A atmosphera do quadro é boa e a luz bem distribuida, mas no colorido, em geral de tons amortecidos, destôa a nota vibrante de azul vivissimo do sayo de Vasco da Gama.

Apezar do pagode que lá fóra se avista é tambem de pouco caracter a feição architectonica. O mouro interprete veste uma tunica de judeu e alguns outros defeitos podem notar-se no quadro de Condeixa; todas as coisas porem desmereceriam se a interpretação do assumpto estivesse á altura do seu valor historico, e é n'esta parte que a obra de Condeixa é muito inferior á de Salgado.

O artista que tão bem soube exprimir a tragedia de D. João II não alcançou a nota grandiosa que devia celebrar a epopêa do Gama. Em todo o caso o seu trabalho representa uma somma de la-

borioso estudo, e um esforço que, embora não seja bem proficuo, attrae a sympathia de quem sabe apreciar o quanto elle custa e vale.

Maio de 1898.

O MONUMENTO

AO

INFANTE D. HENRIQUE

A figura culminante da historia colonial portugueza é o filho de D. Filippa e de D. João I, o visionario sublime de Sagres, o conquistador do mar.

Foi a sua rude e energica vontade quem lançou no oceano, tripuladas pelos audazes mareantes do Algarve, as caravelas que descobriram o mundo. Sem elle bem diverso teria sido o nosso destino historico, e a homenagem prestada pela cidade do Porto a esse grande vulto pagou uma divida conservada demasiado tempo em aberto.

Azurara diz-nos que «as gentes do nosso reino traziam em vocabulo que os

grandes trabalhos d'este principe quebrantavam as altezas dos montes», tão assombrados os deixavam as emprezas d'esse homem de aspecto duro, concentrado e esquivo, que n'aquelle promontorio aspero do sul, espreitando a Africa, escutando o mysterioso rugir do oceano, se escondia, subjugado «ao senhorio da freima que havia em sua compleição ou á ambição da sua vontade movida a algum certo fim aos homens desconhedo.»

Deveria certamente parecer bem singular ao povo de lavradores e soldados que ainda ouvia os eccos da algazarra dos mouros, que lhe talavam nas razzias os campos e que mal sacudira o somno em que repousara da lide gloriosa d'Aljubarrota, espreguiçando-se nos areaes de Ceuta, deveria parecer bem singular e estranha essa ancia de descobrir mares, guardados por lendas horridas, de gastar dinheiro e gente em phantasiosas emprezas. Ainda quando os primeiros deslumbramentos do exito fulguraram, quão

longe se estava de suppôr o alcance que esses trabalhos, de tão extraordinaria altura, teriam para o pequeno povo do extremo occidente e para o mundo inteiro.

Admiravel figura a do infante! Grande, tão grande, que se a luz clara da moderna historia a não illuminasse em cheio, ella teria tomado as proporções phantasticas que entre a bruma dos seculos tomam os Hercules de lendarias façanhas.

Sem o infante D. Henrique não haveria um Colombo nem um Vasco da Gama, e retardar-se-hia por longos annos, seculos talvez, a conquista do mundo para a civilisação christã.

D. Henrique, quarto filho de D. João I e de D. Filippa de Lencastre, a grave e boa ingleza, que o feliz destino do mestre d'Aviz collocou ao seu lado no throno, nasceu, aos 4 de março de 1394, na cidade do Porto, que justamente se orgulha de ter sido o berço de principe tão illustre.

Logo depois da celebração do cente-

nario de Camões, pensaram os portuenses em elevar um monumento ao infante D. Henrique, e a illustrada Sociedade d'Instrucção do Porto chegou a obter pelo parlamento a approvação d'um projecto de lei concedendo o bronze para a estatua; mas, tendo-se dissolvido a Sociedade d'Instrucção, ficou sem realisar-se aquelle pensamento.

Em 1892, tres distinctos portuenses, o então capitão de cavallaria Fernando Maya, o notavel orador sagrado Francisco José Patricio e o commerciante e publicista Eduardo Sequeira, combinaram os seus esforços para que em 4 de março de 1894, 5.º centenario do nascimento do infante D. Henrique, este facto fosse condignamente celebrado no Porto.

Uma activa propaganda a favor de tão elevado pensamento não podia deixar de ser bem attendida na velha cidade, ciosa das suas glorias, e quando á Camara Municipal do Porto, foi, pelos tres iniciadores, dirigido um requerimento para

que como legal e legitima representante da cidade, tomasse sobre si a direcção superior da solemnisação do centenario, esta digna corporação acceitou gostosamente o convite, e logo foi nomeada uma commissão de que faziam parte o presidente da camara, os requerentes, os srs. conde de Samodães, representando a Academia de Bellas-Artes, Henrique Kendall, representante do commercio portuense, Augusto Luso, representante dos estabelecimentos d'instrucção, e Bento Carqueja, representante da imprensa.

A celebração do centenario Henriquino foi uma das mais brilhantes e significativas festas realizadas em Portugal. No seu imponente cortejo civico viram-se representados todos os municipios do paiz, arvorando os pendões e estandartes dos respectivos conselhos, sendo por esta occasião lançada a primeira pedra para o monumento do infante.

A commissão promotora da celebração do centenario trabalhara activamen-

te, não só para realisal o com magnificencia, mas tambem para alcançar meio d'esta commemoração ficar perpetuada n'um monumento.

Tendo conseguido obter do parlamento a emissão d'uma estampilha commemorativa, a receita por ella produzida chegou, não só para costear as despezas da solemnisação, mas tambem para a construcção do monumento ao infante, o qual, em concurso e com todas as formalidades legaes foi adjudicado ao esculptor Thomaz Costa, cujo projecto fora preferido por um jury de competencia por todos reconhecida.

Thomaz Costa era já considerado um esculptor distincto, discipulo do illustre Falguiére, uma das glorias da modernissima esculptura franceza; qualidades e feições, que muito sobresairam no mestre, lhe tem sido já attribuidas. Largos annos d'estudo, trabalho porfiado e productivo, convivencia activa de notaveis mestres fizeram de Thomaz Costa um artista superior, e as obras que tem ex-

posto no *Salon* de Paris deram ao seu talento uma publica consagração.

Acceite o seu projecto foi o artista para Paris onde tem o seu *atelier*, occupar-se da execução d'elle. A commissão com zelo meticuloso seguia attentamente o trabalho do artista, e os estudos para as figuras, que deviam compor o monumento, foram ainda submettidos á approvação d'um jury notabillissimo composto dos esculptores Falguière, Bucher, Marquette, sendo a approvação d'estes mestres, dois dos quaes pertencem ao Instituto de França, authenticada n'um documento enviado pelo nosso ministro em França á commissão.

Uma circumstancia inquietou ainda durante os trabalhos o zelo da commissão, as duvidas sobre se a armadura apresentada no estudo feito para a estatua do infante, e de que o artista mandara uma photographia, seria realmente da epoca, esta questão foi ainda submettida á resolução de duas auctoridades eminentes, a de Eugenio Muntz,

conservador da Escola Nacional de Bellas Artes de Paris, e á de Eulard, professor do curso archeologico da Escola Charters, e encarregado do museu do Louvre.

Não foi pois isempta de difficuldades para o artista a realisação da obra, tendo a phantasia que de ordinario acompanha a inspiração, aqui de submetter-se á disciplina scientifica da historia.

O dia 21 de outubro de 1900 foi, com a inauguração do monumento ao infante D. Henrique, ainda festivo para o Porto, que viu realizada a obra por que tão affincadamente trabalhara.

Falando com desafogada justiça, o monumento honra o artista que o executou embora alguma coisa o prejudique e essa são as exiguas dimensões da praça em que se ergue. O pedestal tambem não corresponde devidamente ao valor das figuras.

Estas, que alliam á solidez a graça, são dignas d'um discipulo de Falguiére.

A estatua do infante, sobre aquelle

trabalhado bloco de pedra, representa-nos bem o forte batalhador de Ceuta, illuminado em pleno céo, no promontorio sacro, pela visão dos mundos longinquos onde sonha levar a Fé, a fé ardente que o inspira, fazendo-o realizar emprezas maiores que a de erguer montanhas e que o artista symbolisa na admiravel figura mystica, alada, cuja mão direita ergue a cruz, que, impressa em vermelho nas azas brancas das caravelas de Sagres, as levará de vôo em vôo até aos confins do oriente.

Na outra face do pedestal collocou o artista n'um formosissimo carro allegorico a Fama, soberba figura cheia de vida, delicada e forte; estas figuras do pedestal bastariam para dar a Thomaz Costa um nome na arte se elle ainda o não tivesse.

Os baixo-relevos que ornam a pedra são de fina belleza, illuminando o pedestal ricamente.

Apezar dos ligeiros senões, pois sem elles nada, n'este mundo de fallen-

cias, consegue realizar-se, a cidade invicta deve sentir-se orgulhosa pelo seu novo monumento, erguido em honra do maior dos portuenses, por um artista que é tambem seu filho, e que antes de ser discipulo do illustre francez o foi do infeliz e grande estatuario Soares dos Reis que no Porto teve tambem o seu berço.

A commissão que com tanto civismo se dedicou á nobre tarefa de commemorar perante os seculos, o principe portuguez tão querido ao nosso patriotico orgulho, tem razão para estar satisfeita, pois difficilmente, por iniciativa particular, se fará mais e melhor.

Venceu innumeras difficuldades, não se poupou a esforços para que a empreza que tomou aos hombros fosse levada ao fim d'uma maneira completa, satisfazendo aos mais difficeis requisitos, e zelou conscienciosamente que o monumento na parte historica como na parte artistica correspondesse ao iutuito que o levantava

Se a cidade do Porto motivos tem

para lhe estar grata, todos podemos dizer que bem mereceu do paiz, dotando-o com uma obra d'arte de tão elevado e significativo valor, que é tambem uma de justiça.

Dezembro de 1900.

O ESCULPTOR BERNARDINO REAES

E A SUA ULTIMA PROVA ESCOLAR

Em outubro de 1900 escrevia eu:

O Porto, a velha e altiva cidade que tantas vezes tem dado exemplos de nobre civismo, mostra agora, no caso d'este escultor o quanto é capaz de dedicar-se, seja para proteger o merito ou para defender uma opinião.

Bernardino Reaes é um alumno da Academia de Bellas-Artes, rapaz talentoso, dominado pela paixão da arte, ancioso de, pelo estudo, lhe desvendar os segredos, mas pobrissimo, necessitando trabalhar afim d'obter meios de supprir as mais essenciaes necessidades da vida. Essa arte difficil, de rude labor e larga

sciencia, a divina arte da perfeição suprema, em que elle sonha, não é um mister de ganha-pão para o artista que principia e deseja attingir as culminancias onde se gravam os nomes consagrados.

Em volta d'este talento que promette agrupou se a mocidade generosa da cidade invicta; alcançou que um emprego modesto lhe permitisse viver e dedicar-se ao estudo da esculptura. Os moços portuenses com a segura intuição dos espiritos que trabalham, viram que uma vocação potente ia perder-se por falta de protecção e ampararam-na.

Bernardino Reaes correspondeu soberbamente ás esperanças dos amigos e a sua ultima prova escolar — *O Arrependido* — é um trabalho de grande valor e demonstrou positivamente o quanto o estudante merecia ser protegido e auxiliado.

O Arrependido obteve logo a justa consagração que lhe era devida, a Academia mandou fundir a estatua em gesso e guardal-a no museu, e a imprensa

portuense applaudiu unanime o artista, orgulhosa do talento do seu joven patricio, satisfeita por ver mais um dos seus vencedor na grande liça do trabalho.

Mais deseja porém o Porto e o dedicado grupo dos protectores de Reaes. Para que o artista possa adquirir um apurado conhecimento da sua arte, para que o seu espirito possa solida e largamente educar-se no convivio das obras e dos grandes mestres da arte moderna, precisa sair da patria e n'um grande centro artistico ir completar o seu aperfeiçoamento como o foram Soares dos Reis, Simões d'Almeida e Teixeira Lopes; mas aqui os dedicados amigos teem de implorar para o artista uma protecção mais alta, que possa subsidial-o com os necessarios recursos para estudar alguns annos no estrangeiro.

Raras vezes essa protecção, concedida a numerosos artistas, o será com igual justiça, tão grande prova de talento, de vontade e de amor pela sua arte Bernardino Reaes tem dado.

O Arrependido é obra de um artista que sente e sabe, não é um trabalho banal, a forçada prova que tantos deixam no fim do curso, é a revelação d'um temperamento.

Ha ali muito d'alma, muito sonho e muita inspiração fundidos.

Apenas conhecemos a obra de Reaes por uma bella photographia que devemos á amabilidade de dois nossos amigos portuenses, mas tanto o consciencioso estudo plastico da estátua resalta ao primeiro golpe de vista, tantas qualidades raras d'artista ali se revelam que sentimos vivo desejo d'applaudir o moço e estudioso esculptor que assim alcançou uma victoria no começo da sua carreira.

D'um jornal portuense transcreveremos as palavras de caloroso elogio dedicado á primeira obra de Bernardino Reaes, as quaes manifestam o enthusiasmo que esse trabalho despertou nos que puderam analysal-o:

«O trabalho do moço artista Bernardino Reaes, que este anno concluíu o

seu curso de esculptura, alem de ser a poderosa affirmação d'um raro temperamento, possuindo qualidades altas e fecundas de poesia, de sonho e de inspiração, é tambem um dos mais notaveis de quantos temos visto, entre os alumnos da Academia de Bellas-Artes. Veiu revelar-nos seguramente n'este rapaz franzino e contemplativo, um esculptor de grande força e de largo futuro.

Plasticamente a figura do—*Arrependido*—é quasi perfeita. Cheia d'harmonia e movimento foi tratada com commoção e carinho, resaltando n'um grande relevo luminoso os minimos detalhes plasticos.

Deante d'essa figura exausta, com a face cavada de fundos vincos que a dôr marcou em fogo, não haverá ninguem que se não commova, pela desgraça, pela tristeza e pela amargura de que o artista conseguiu vivificar, animar e espiritualisar um bocado de barro inerte; deixando-o a arder n'uma grande chamma, d'onde se irradia a luz procreadora e

explendida do talento. Havemos de sentir toda a angustia d'uma vida esteril gasta pelas infernaes veredas da existencia, chegando ao fim, á belleza moral, purificada e cheia d'uncção, pelo balsamo do arrependimento, quando na alma transviada se fez uma grande claridade redemptora. Deante da verdade ficou tranzida, mas a sua dôr d'agora é serena. Não grita, reza; e que explendido luar de candura e de castidade d'alma se evola das suas orações.

O delicado artista que nos apparece de repente, collocado em tão alto plano, possue o grande sentimento d'um poeta amoroso e elegiaco, que desde já o põe quasi a par dos homens de mais futuro na arte portugueza contemporanea. E foi d esse sentimento ingenuo e subtil que nasceu a mais immorredoira gloria do povo da nossa patria. Apagadas estas reminiceneias que em nada o prejudicam, por emquanto porque são bem puras e translucidas as aguas em que foi beber, adquiridas certas seguranças de

technica que ainda lne faltam e uma educação mental essencial a todos os artistas, sejam esculptores, pintores ou poetas, o sr. Bernardino Reaes dar-nos-ha trabalhos magnificos pois não póde falhar quem com tanto brilho e tão notavelmente se apresenta desde já. E' preciso para isso que o protejam os que podem. O governo e a burguezia endinheirada que tanta banalidade que nos envergonha exportam lá para fóra, não devem esquecer este rapaz cheio de talento e de vontade, que é um luctador e um trabalhador ardente e com fé. Seria uma injustiça flagrante.»

Proteger o merito quando tão indiscutivelmente se revela é não só justo mas util e patriotico, e aquelles que auxiliarem este novo artista portuguez a elevar-se á altura que o seu talento reclama terão feito uma acção benemerita cujos resultados deverão no futuro causar lhe um nobre prazer e o mais justificado orgulho.

Pobre artista, infeliz sonhador! nem os affagos protectores da amisade, nem o animador sopro de gloria que te envolveu d'esperanças quando essa prova do teu grande talento fez soltar um expontaneo e enthusiastico — bravo! — conseguiram roubar-te ás inclemencias do destino!

Foste vencido na lucta com a miseria; quando braços amigos quizeram arrancar-te das suas garras a duncas estavas já incuravelmente ferido.

Bernardino Reaes morreu thysico nos começos da primavera de 1902.

SANTA MARIA DE BELEM

Na interessantissima memoria escripta por Fr. Jacintho de S. Miguel sobre o mosteiro de Belem diz este bom filho de S. Jeronymo que: «começando a fabrica d'este mósteiro no anno de 1497, e continuando-se a obra d'elle até ao anno de 1521 em que falleceu o senhor rei D. Manuel, seu fundador, com todo o fervor e cuidado sem se reparar nos grandes gastos que n'ella se faziam e com tantos officiaes e serventes que ali andavam trabalhando; que é tradição n'esta casa chegou o numero d'elles a cinco mil, ainda n'esses vinte e quatro a vinte e cinco annos de tanta lida, não ficou a

terceira parte da obra conforme o risco e planta que houve, bem acabada.»

Como estas palavras nos mostram o quanto é vaidosamente absurdo o pensamento d'uma reconstituição condigna de qualquer parte do mosteiro!

Não se reconstituem hoje obras d'aquellas.

Faltam-nos para isso duas cousas essenciaes: essa fé ardente e ingenua que nos conduziu atravez dos oceanos guardados por tenebrosas lendas em procura d'um reino occulto no mysterio, onde era venerada a cruz, e essa onda aurea que vinha n'um fluxo magico dos mares da India ás praias lusitanas e permittia que o afortunado rei do pequenino paiz do occidente pudesse levantar, sem reparo nos grandes gastos que n'elles se faziam, edificios como o de Belem.

Erguer n'esse recinto sagrado da nossa arte e da nossa historia, uma edificação espuria de espectaculoso e de banal effeito como a do phantasioso corpo central, que uma vingadora derroca-

da anniquilou é na verdade um sacrilegio.

Não tem faltado projectos de recon strucção applicaveis ao mosteiro dos Jeronymos, mas onde encontrar o genial artista capaz de realizar, com os recursos

d'hoje, um complemento d'essa obra que symbolisa o genio de um povo na sua epoca passada mais caracteristica e de maior grandeza?

Onde mesmo encontrariamos esse orgulho artistico, essa confiança em si que formulou a replica dada pelo architecto de S. Maria de Belem ao rei: «Senhor:

V. Alteza em seus reinos póde fazer quantos grandes quizer, mas não a um mestre Boytac porque isso só Deus o faz.»

Todavia o estado actual do monumento, com as ruinas da obra de Cinnatti, exige que se pense n'uma reconstrucção da parte cahida; até parece incrivel que se tenha conservado, por tão longos annos, o entulho d'aquella derrocada a attestar um vergonhoso desmazelo. É urgentissimo acabar com tão deploraveis ruinas e completar a parte que ellas occupam, mas como a architectura do edificio pertence ás grandezas do passado, e essas construcções religiosas que outr'ora absorviam todo o pensamento d'uma cidade e até d'uma nação, não pódem ser do nosso tempo, é de bom senso que as reparações a fazer tenham o cunho da maior simplicidade e se executem em harmonia com a linha geral da construcção do edificio. Quazi todos os projectos apresentados para esta reconstrucção, mais ou menos formosos e artisticos, ou são em demasia grandiosos

para os recursos disponiveis, ou são desharmonicos. Existe porem um, logico, simples e tão pouco dispendioso que permittiria ver-mos em alguns mezes o acabamento d'aquelle annexo do mosteiro que por tão estranhas vicissitudes tem passado, é o projecto elaborado pelo Conselho dos Monumentos Nacionaes.

Não offende a arte nem o bom senso e é pratico, embora não apresente nenhuma genial scentelha.

Toda a galeria como ella já existia no seculo XVI e se encontra representada no quadro de Haya, seria mais bella ainda, mas como existe já construido um grande pateo interior logico é abrir-lhe uma entrada e d'ahi o pequeno corpo central que no projecto se encontra.

Santa Maria de Belem completo segundo o seu primitivo plano deveria causar o assombro dos que o visitam com admiração; não o poude ver concluido o seu fundador e logo apóz a sua morte começaram as alterações e as mutilações, é Fr. Jacintho quem assim o lamenta:

«Todo este vão que fica para dentro d'este dito portal, e que tem bastante largura, não havia de ser coberto por cima como agora se vê, mas descoberto por servir para a porta principal da egreja, e se mostra ser assim, pois o portico d'ella ou toda a obra que levava, que era de excellente esculptura, ia rematar entre as duas torres dos sinos que estão imperfeitas. Depois da morte d'elrei para se cobrir este atrio como agora se vê, se cortou e desmanchou a porta-da d'esta abobada, e só ficou o que debaixo d'ella cabe; digno de lastima que tão admiravel portico se desfizesse..... desgraça grande que padecem as obras de maior supposição que se não acabam e applicam depois a differentes intentos d'aquelles para que foram talhadas, como se vê bem e se conhece no córte que, n'este portico admiravel da porta principal da egreja, se deu para se cobrir d'esta abobada esse vão que lhe servia d'arco..... .»

Os Jeronymos foram tambem alcan-

çados pelas violencias do terramoto, e depois d'elle successivas offensas lhe teem sido feitas; mas tendo em nossos dias accordado um respeito mais profundo pelas nobres memorias do passado, existindo em Portugal uma commissão d'homens esclarecidos que teem a seu cargo velar pela conservação dos monumentos nacionaes, e sendo o mosteiro de Belem o mais grandioso d'elles, deve essa commissão empregar os mais energicos esforços para que os poderes publicos olhem com a devida attenção para esse monumento sem par. Que nada ahi seja alterado; nem cousa alguma destruida, que se lhe façam os reparos exigidos para a sua conservação, e o limpem brevemente das ruinas que o enxovalham, mas tendo em vista que as reparações a fazer devem curvar-se aos preceitos que lhe impõe a sugeição absoluta ao *facies* inconfundivel do monumento, tão grandioso e expressivo, não pensando em sobrelevar-se ao que existe, antes deixando-se absorver pela imitação res-

peitosa a ponto de parecer que nunca mão profana ali havia tocado.

Novembro de 1902.

ARCHITECTURA JESUITICA

As crenças vivas, ingenuas e ardentes da Edade-Média, transformaram-se ao influxo pagão da Renascença.

Alargaram-se o mundo e as idéas; a vida economica e a vida social dos povos transformaram-se egualmente.

N'essa época os discipulos de Loyola surgem e consolidam em breve o seu poder. São sabios e fortes, sabem ser martyres heroicos e ministros indispensaveis; servindo a mesma idéa, sacrificam-se prégando aos barbaros, e procuram dominar as opulentas côrtes dos reis.

Ensinando os homens aprenderam, co-

mo ninguem, a conhecel-os. *Não se póde remar contra a maré* e esses prescrutadores do espirito viram que para submetter a humanidade era necessario fazer-lhe concessões e não exigir-lhe sacrificios. Chamaram, pois, ao peccado fraqueza, em que é attenuante a paixão. Têem subterfugios assombrosos para desculpar uma perfidia, e, conhecendo que não é possivel dominar sem riquezas, negoceiam para serem ricos.

O christão primitivo orava porque a sua fé simples lhe levantava a alma a Deus, porque d'elle esperava o remedio para as injustiças da vida presente e o perdão que lhe daria a paz da vida futura.

O jesuita ensina a orar por devoção e transforma o culto.

Á cathedral, cujo exterior é um poema burilado, e de que ogivas e torres sobem para o ceu como uma prece, e em cujo interior magestoso e solemne se erguem columnas solidas como a fé, substitue o jesuita o templo singelo de fórma e ele-

gante, salão ao divino de *boiseries* douradas, todo luz e conforto, onde os sons graves do orgão se extinguem, para deixar ouvir os eccos vibrantes das musicas profanas.

A cathedral era desabrigada e muitas vezes humida, gelava os corações onde esfriara a ardencia da fé, e a luz coada pelos altos vitraes não deixava brilhar as pompas do mundo. Como a ancia do gôso succede á do sacrificio, só um mysticismo voluptuoso poderia satisfazer as almas e leval-as até Deus.

O jesuita procura realizar essa aspiração que comprehendeu; compõe jaculatorias que deliciam as almas brandas, amolecidas pela facilidade da existencia, orações de poetica voluptuosidade, e levanta por toda a parte as suas egrejas alegres, commodas, cheias de luz e perfumes, onde os fieis correrão como para um espectaculo, ornados de joias a procurar mais umas horas de prazer.

Perdeu, porém, a arte sublime da architectura porque as edificações jesuiticas

são banaes, mesmo na sua maior magnificencia. É comparar os Jeronymos com S. Roque, e a velha magestade das paredes da Sé com as egrejas visinhas, edificadas modernamente.

O terramoto de 1755, destruindo as velhas egrejas de Lisboa de estylos diversos, algumas tão bellas como o attestam ainda as venerandas ruinas do Carmo, contribuiu para que a nossa capital se enchesse de templos d'aquelle estylo, insignificantes em geral como obras d'arte, encerrando embora alguns raras preciosidades. Architectura sem originalidade individual nos edificios, mas em harmonia com as blandicies devotas d'um culto efeminado que satisfaz os espiritos fracos, e os predispõe para soffrerem a influencia do mais forte.

Os discipulos de Loyola constituem ainda na sociedade moderna, uma admiravel força.

Ricci foi um escudo potente em que se quebraram os golpes vibrados á ordem no seculo XVIII, e, no seculo XX,

a humanidade cançada pelo esforço gigantesco do seculo XIX, acceitará, talvez, após a suprema lucta, o dominio do habil que souber impôr-se-lhe.

QUESTÃO D'ARTE

A Folha, jornal de Vizeu publicou, no seu numero 1226, de 24 de janeiro um interessante artigo do sr. Almeida e Silva, para o qual chamamos a attenção.

O sr. Almeida e Silva, que é ali professor de desenho d'uma escola industrial e correspondente da Associação dos Archeologos Portuguezes, é tambem um artista muito consciencioso, do que já tem dado brilhantes provas em muitas das exposições promovidas pelo Gremio Artisco, e tem sobretudo o valor do ser um apaixonado crente da arte.

Refere-se o artista a um facto sucedido em Vizeu que demonstra evidentemente

o quanto são ainda descurados os assumptos d'arte e a indifferença que merece este assumpto aos que governam.

Diz-nos o artista viziense:

«Foi aqui vendido ha dias um quadro da escola do Grão Vasco, venda esta que impressionou a opinião a ponto do deputado sr. Christovam Ayres haver interpellado o sr. ministro das obras publicas sobre tal assumpto, em sessão parlamentar de 17 do corrente.

Este quadro foi vendido, em nome dos herdeiros do fallecido conego Oliveira, da Sé de Vizeu, a uns representantes da casa de moveis antigos da rua Passos Manoel do Porto, pela quantia de réis 22$500, e em breve será revendido para o estrangeiro pelo novo possuidor.»

Ha muito que os homens d'espirito e de verdadeiro patriotismo gritam em vão para que os poderes publicos evitem d'alguma forma a sahida de Portugal das joias d'arte, que fazem sua riqueza artistica e que cessem os vandalismos feitos aos nossos monumentos; mas parece que

a maldita politica, tudo absorvendo, embota os sentimentos ainda os mais levantados.

Já em tempo bradámos contra o desleixo que consente que se desmonore a egreja da Flôr da Rosa, a que se prende o nome d'uma das mais bellas figuras historicas do nosso paiz, fizemos notar varios crimes de lesa-arte, mas de nada serve bradar porque factos da mesma ordem se succedem e não ha quem ponha um dique a esses nefandos attentados.

Aos governos, em geral, nenhuma d'estas cousas importa.

Os cuidados que merecem os monumentos artisticos de Portugal limitam-se á annual lavagem, com vassoura d'arame, das paredes da Sé de Lisboa, que, pouco a pouco, chegarão á grossura d'uma cartonagem.

Mas a demonstração mais evidente do zelo pelos nossos objectos d'arte acaba de mostral-a a commissão portugueza na exposição de Paris, embarcando n'um chaveco podre magnificas obras premia-

das e collecções d'extraordinario valor que o mar sorveu escangalhando o barco, achando que faria acção meritoria em castigar o nosso desmazelo.

Razão tem o sr. Almeida e Silva de se insurgir contra os que assim desalmadamente negoceiam em prejuizo do paiz, e contra a incuria que tem deixado perder tanta coisa valiosa para a nossa arte e para a nossa historia, sem que se faça o arrolamento dos objectos que sob esse duplo ponto de vista deviam ser-nos preciosos e que deviam constituir o museu nacional e os museus provinciaes, os quaes, se não fosse a nossa fatal incuria, podiam guardar thesouros, e, ou não existem, ou são de sem igual pobreza.

Haja em vista, como excepção honrosissima, o procedimento nunca assaz louvado do bispo-conde, que soube organisar na Sé Nova de Coimbra, um museu d'arte sacra, cuja magnificencia pode servir d'estimulo e exemplo.

Nós, porem, já descremos de que isto venha a ter remedio, vamos bradando

sempre e applaudindo os que nos acompanham mas sem esperança de ser ouvido. As palavras dos que nos precederam, e as dos que vierem depois de nós, servirão, como as nossas, apenas de protesto.

Fevereiro, de 1901

EXPOSIÇÃO EXTRAORDINARIA

DO

GREMIO ARTISTICO

Commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India

I

Uma analyse demorada e muito estudo devia preceder a critica d'esta interessantissima exposição em que nos é dado comparar, vendo-os uns apoz outros, os primeiros pintores portuguezes de todo um seculo. Não cabe essa critica nos limites d'um artigo escripto á pressa nos intervallos da faina diaria, cortado o pensamento por cuidados e preoccupações; mas fica-me como que um remorso de não poder dar-lhe toda a attenção que ella merecia, de não deslindar do fei-

xe de impressões que me produziu, tudo quanto como lição podia aproveitar.

Lá os encontramos todos desde o magnifico Sequeira e do velho patriarcha Fonseca, o mestre de nossos mestres, até ao querido Silva Porto, o ultimo, o mais chorado de quantos nos deixaram. Vendo aquelle admiravel — *Retrato de menino* — aquelles simples estudos do auctor da — *Morte de Camões* — do fundador da Escola da Ajuda, senti pena de não encontrar ali, dominando, uma d'essas grandes obras de que os assombrosos cartões do museu das *Janellas Verdes* nos deixam entrever o valor.

Sequeira foi um extraordinario artista do seu tempo e mais conhecido e admirado na Italia, onde viveu os seus ultimos annos, do que entre nós; apezar de, embora os seus trabalhos estejam muito dessiminados, possuirmos d'elle o bastante para bem o apreciar. Charles Didier n'um livro sobre a Italia diz de Sequeira: «Ora graças! Este sim que não é nenhum manequim de academia... Gosto do Se-

queira: com quanto velho é mais moço de espirito do que muitos moços! E pensarmos que passou trinta e dois annos a ser director d'uma academia, e em Lisboa de mais a mais! É pena. É o unico defeito d'elle. *Mais on n'est pas parfait et cela nè m'empeche pas de l'aimer.*»

Contemporaneo e companheiro seu o Vieira Portuense a quem Raksinsk, falando da - *Filippa de Vilhena armando seus filhos cavalleiros*—compara a Angelica Kauffmann, achando-o porém superior á notavel pintora suissa: «Vieira Portuense, diz o fino e illustrado diplomata, *avait aussi bien de talent et c'etait une aimable nature de peintre.*

Depois o velho Fonseca, que viveu quasi um seculo, e veiu transplantar para a nossa *Academia de Bellas-Artes* o bolôr classico da decadente escola de Roma, como se não bastasse para amolecer cerebros o bolôr das paredes de S. Francisco! Quando se pensa que Annunciação teve coragem para por si só romper com as peias academicas e ir estu-

dar com a boa natureza, a grande mestra...

Sympathico artista, que de gratidão lhe devemos ao talento creador!

E aquelle bom e alegre Christino, tão infeliz no final, e que com tanta *verve* calcava o caminho da independencia!

Nota curiosa a apontar n'esta sala dos mortos: ali se encontram, de novo, juntos, quadros apresentados pela primeira vez na *Exposição da Academia de Bellas Artes* em 1856 —*Só Deus* — e a —*Leitura de um romance* — de Metrass —*Uma paysagem* —de Patricio—*A primeira impressão de arte*—de Christino —*O cego rabequista*— de Rodrigues, esse primoroso baixo-relevo,—*A cholera morbus* — de Victor Bastos e, talvez tambem um ou outro Annunciação, Leonel ou Rezende estreado no mesmo certamen. Alguns que, sendo já homens quando eu era creança, tivessem applaudido os corajosos artistas do seu tempo, e agora ali fossem descobrir os cabellos brancos na saudação d'essas memorias do passado, deviam sentir

uma commoção bem forte encontrando-os, decorrido quasi meio seculo, outra vez reunidos.

Percorrendo as salas, uma coisa que resalta logo á vista é a diversa influencia das escolas onde os nossos artistas estudaram, nos antigos pensionistas de Roma, nos modernos pensionistas de Paris; como das tradições classicas, a dominar, em Fonseca e Lupi, se affasta o naturalismo da escola de Paris, representada tão superiormente por Souza Pinto e Silva Porto. Não me compraz julgar, pela differença de processo, o merecimento d'esses artistas, talento a nenhum faltava, mas a orientação d'uns e de outros é porém diversa — *O Eneas* — de Fonseca é cheio de convencionalismo academico mas a mestria do seu pincel revela-se até nas magnificas copias de Raphael e de Dominiquino que enriquecem o nosso *Museu de Bellas-Artes.*

Encontra-se na exposição uma grande e interessante téla de Lupi — *O Tintureto retratando sua filha morta* — e entre

varios trabalhos do mestre os bellos retratos de *Castilho* e da — *Mãe de Souza Martins* —. D'entre o primeiro grupo dos discipulos da Academia, alguns, resistindo ao estiolamento, distinguiram-se mercê d'um real talento; uns, como Metrass, poderam completar no estrangeiro a sua educação artistica, outros, como Patricio, e o gracioso miniaturista Leonel, tiveram de contentar-se com os methodos dos mestres nacionaes. D'este numero rompe em fulgurações o soberbo talento de Annunciação. Como no doce equilibrio do seu espirito havia a clara intuição da bella arte, como elle procura ser nobremente sincero! Nas suas paysagens, como nos seus admiraveis estudos d'animaes, move o sempre a mesma consciencioso intenção; ainda quando, depois da sua viagem a Paris, a admiração que lhe inspira Troyom, o vigoroso animalista dos — *Bœufs â la charrue* —, o leva a modificar a sua maneira, essa consciencia intima não o deixa ser um simples imitador, é um artista que, sentindo o jus-

to orgulho do seu saber pessoal, se aperfeiçoa com as lições de um mestre. Um dos melhores companheiros d'Annunciação foi Christino, que se evidenciou com os — *Cinco artistas em Cintra* —, quadro que era a recordação, talvez, d'um d'esses deliciosos passeios na companhia de consocios d'espirito e em que se reunem as physionomias d'alguns dos mais notaveis artistas do seu tempo.

Um outro artista vamos encontrar, tambem junto d'estes, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, notavel pelo proprio talento, evidenciado nos varios ramos d'arte a que a sua inçançavel actividade o levou e por ter sido o ascendente feliz d'artistas gloriosos. A mão que firmou os primorosos quadrinhos que se intitulam — *Bibliophilo* — *O Velho caçador* — o — *Sapateiro propheta* — foi a que primeiro dirigiu, no trabalho, os de Columbano e de Raphael Bordallo, foi o seu cerebro de erudito artista que creou a atmosphera d'arte em que se desenvolveu a intelligencia e a phantasia dos qne ficaram a

perpectuar e a honrar o nome de Bordallo.

D'uma grande e inolvidavel figura evoca a exposição a memoria tragica — Soares dos Reis.

Lá estão a lembrar o genial talento d'aquelle a quem Mercier, seu condiscipulo chamava *le plus grand de nous* o admiravel gêsso da — *Infancia do artista* — e uma *maquette* da estatua d'Affonso Henriques.

Dentre esses a quem a morte prematura malogrou encontrarmos ali representados por alguns estudos, e por — *O descanso do modelo* — Pousão que revelava, tão precioso merito de pintor.

E Silva Porto, o saudoso mestre que apezar de morrer quasi joven ainda, tão benefica e decisiva influencia teve nos progressos da pintura em Portugal!

Ao ver as suas télas tão adoravelmente sentidas, que saudades do artista e do amigo tambem!

Como a sua pintura me commove pela doce poesia de que reveste as télas tão ver-

dadeiras. Nada convencional, nada affectado, a natureza tal como ella é simples e rustica, a dizer-me subjectividades da alma boa do artista. Aquellas atmospheras suavemente humidas são bem as atmospheras das provincias que elle percorria nas suas excursões picturaes, brumas do Tejo, do Lima, do Cavado, do Douro, nevoeiro do Oceano vaporisados pelo ardente sol meridional. Aquelles — *Moinhos da Confraria* — que delicioso pedaço de paysagem minhota — *As ceifeiras* — que encantadora téla a que os olhos se prendem n'um enlevo. — *A volta do mercado* — *Conduzindo o rebanho* — representam uma outra feição do artista que — *Na arribana* — e na — *Pastagem* — se mostra um animalista primoroso.

E' analysando ao mesmo tempo os velhos e os novos que melhor podemos julgal-os, e vendo, apoz estes trabalhos de Silva Porto, a ruidosa exposição do seu successor, maiores saudades sentimos do mestre insubstituivel.

II

Se não se tem feito maravilhas, o que ninguem faz, digam o que disserem, é innegavel que o aperfeiçoamente do ensino, o apuro do gosto, alguns resultados felizes apresentam, e se não temos uma pintura bem definidamente nacional temos pintores. Não são numerosos, mas alguns de entre elles honram-nos realmente.

Um dos que podem collocar-se no primeiro plano é Souza Pinto, que tem consolidada reputação em Paris. O seu quadro - *Paysans* — foi adquirido para o museu do Luxemburgo e o governo francez distinguiu o nosso artista com a cruz da Legião de Honra.

— *Á espera dos barcos* — (Povoa do Varzim), o quadro que apresenta na nossa exposição, é um bello pedaço de boa e solida pintura. Foi exposto no *Salon* de Paris em 1891 e basta a quem o vê, para julgar do valor do artista que o executou. As figuras rusticas admiravelmen-

te tratadas sempre por Souza Pinto, são aqui surprehendentes de verdade e de interesse, principalmente a da velha, rosto queimado por muito nordeste, sulcado pelas rugas de muita inquietação. Todos os detalhes denunciam uma extraordinaria intuição do verdadeiro pittoresco, e a magia do pincel de Souza Pinto, artista que vê largo e sabe executar delicadamente.

Foi como Silva Porto, discipulo de João Correia, o velho professor da *Academia Portuense*, que n'esta exposição tambem encontramos representado na sala dos mortos illustres.

Tendo ido completar os seus estudos a Paris, por lá se conserva, preso aos encantos da seductora cidade, e tornando-se, dia a dia, mais parisiense; não esquece, porém, de todo as margens do Douro nem os typos do paiz natal. Dois magnificos pasteis seus: — *Cabeça de camponez*—e—*Cabeça de poveiro*—, abrilhantam ainda a exposição, sendo, a meu ver, o que de mais interessante se encontra, pela seriedade de estudo e primor de

execução, na sala destinada aos desenhos e aguarellas. E' pena que tão raras vezes Souza Pinto exponha as suas obras em Portugal.

Malhôa apresenta os—*Oleiros*—que lhe alcançaram tão justa ovação em Paris, onde estiveram expostos no Salon de 1897 e hão de ficar entre os pedaços escolhidos da boa pintura portugueza. Mas não se contenta com glorias passadas o alegre e incansavel artista, apresenta ali quadrinhos de genero deliciosamente pittorescos, d'um brilhante colorido e de uma observação finamente humoristica.—*As padeiras* - no mercado de Figueiró dos Vinhos, são uma encantadora tela, vivissima, episodio animado pelo sol radiante de uma explendida manhã.—*O João Semana* —sob o guarda-sol vermelho, na mula pachorrenta, ainda sorri satisfeito da picante anedocta que acaba de largar ao reitor.--*Gosando os rendimentos* —mostra-nos o typo do pacato burguez endinheirado veraneando feliz. — *As papas* —reducção do quadro, que sob o nome

de — *La bouille* — enviou ao *Salon* de 1898 como todos os quadros de Malhôa attraem pela graça viva e pela facilidade com que o artista combina as tintas nas suas telas. Tres retratos, solidamente pintados, vem ainda completar a exposição d'este artista tão estimado, tão nosso, e que tem sido o mais valente luctador entre os que conseguiram alcançar a honra do triumpho.

Columbano apresenta uma série d'esses extraordinarios retratos que são a sua gloria, mas de que o maior numero é já conhecido do publico, e uma esplendida allegoria a — *Vasco da Gama* —, em que a *Fama* saúda e apregôa o heroe portuguez a quem a *Africa* e a *Asia*, symbolisadas por dois nativos, offerecem os seus dons.

A figura de Vasco da Gama, levada no deslumbramento do triumpho, é bem inspirada e admiravel o *Neptuno* que olha assombrado para o dominador dos mares. Uma bella cabeça a do indio, e em todo o grupo ha grande elevação e har-

monia. Esta allegoria é preito digno do illustre artista á commemoração do centenario.

Conceição Silva, pintor ainda novo, surprehende-nos com um trabalho de verdadeiro merito. Atacando com tanta felicidade esse difficil genero do nu, dá prova de artista de boa raça. A sua—*Andromada*—figura superiormente estudada e subtilmente comprehendida, é um nu envolto n'um perfume de arte, suavemente casto nas suas encantadoras linhas d'uma ideal pureza.

Opulenta a exposição de Salgado. Além de importantes trabalhos, já conhecidos, como o—*Jesus*—e o retrato de —*Braamcamp Freire*—o notavel artista, a quem o publico acaba de festejar pelo seu – *Vasco da Gama* –, expõe o grande quadro em que está representada—*Sua Magestade a rainha D. Amelia*— a cavallo, exposto no *Salon* de Paris em 1895, o magnifico retrato de—*Antonio Candido* —que esteve no *Salon* de 1897, e varios outros retratos, entre os quaes não pos-

so deixar de distinguir o da mãe do architecto Ventura Terra.

Pedaços de paysagens tocados pela original phantasia do artista, e a—*Virgem com o menino*—d'uma composição delicada, formando um grupo de trabalhos que põe em relevo a personalidade d'este notavel artista, demora a attenção do visitante longo tempo.

A exposição de Carlos Reis, com as suas grandes e ruidosas paysagens, prende tambem extraordinariamente a attenção. Os retratos de sua mãe são sempre para mim a sua obra prima, apezar da predilecção do artista pela paysagem, em que o seu talento não consegue vencer o desejo de fazer *tapagé* por meio d'um convencionalismo ruidoso.

Se exceptuarmos um ou outro quadro, a maioria dos seus trabalhos resente-se do defeito capital do pintor; o—*Pôr do Sol*—, mesmo, a que não falta um certo toque de emoção, obedece a esse convencionalismo scenographico, procurando effeitos determinados por golpes cortan-

tes de luz. As gradações de planos por justos valores não satisfazem o artista, que quer sempre produzir impressões violentas. Não é aquillo o que a natureza nos offerece, quando em pleno campo tentamos interpetrar uma paysagem. Parece que Reis vae buscar os seus motivos aos parques de certas propriedades pequenas, que a disposição estudada do arvoredo faz parecer enormes.

Este convencionalismo ante a genial sinceridade de Siva Porto, mostra o quanto a influencia de Reis póde ser prejudicial aos artistas que se decidirem a tomar por modelo o mestre, principalmente áquelles a quem não illumina um lucido talento.

Procurando ser sinceros, até os mais humildes poderão elevar-se á altura da verdadeira arte; de contrario, fatuidades de orgulho podem perder as melhores vocações, extraviando as por caminhos errados. Reis, mesmo, transvia-se, apezar das suas qualidades eminentes.

José de Brito, que na *Academia Portuense* occupa hoje um logar conquistado

pela firmesa da sua dedicação ao trabalho, apresenta um quadro que chamou sobre si a attenção, ainda quando exposto em Paris, no *Salon* de 1895.—*Martir do*

fanatismo é uma téla audaciosa, em que Brito prova o quanto um solido estudo lhe tem levantado as qualidades talentosas, que desde o começo da sua carreira mostrou. O corpo da victima foi estudado conscenciosamente e a composição revela grande concentração de espirito.

Expõe outro grande quadro, a—*Fabula e a verdade*—muito inferior ao primeiro e que fôra exposto em Paris no *Salon* de 189 , e uma—*Infancia de Diana*—; mas embora estes trabalhos não sejam todos de egual valor, manifestam os esforços que o artista faz por avançar no caminho da grande pintura, em que não perde os seus passos.

Marques de Oliveira, o distincto paysagista, apenas concorre a esta exposição com o retrato da—*Mãe de José de Brito*, —no seu costume de aldeã do Minho. Por que não nos mandaria tambem uma das suas poeticas paysagens?

Galhardo, que tem momentos de inspirado paysagista, continúa tateando o retrato, para que manifesta pulso, mas ainda muito novo, todo imaginação, não medita devidamente as suas obras.

Além dos retratos de *Lucinda Simões* e do actor *Chaby* apresenta o retrato do actor *Simões*, um solido e bom trabalho, muito honroso para Galhardo, mas que não é ainda uma obra perfeita. Tem du-

rezas que o artista podia evitar. Não hesito em fallar-lhe com franqueza porque me interessa devéras e queria vêl-o al-

cançar o ponto que a sua vontade alveja.

Por esta mesma razão lhe não perdôo a sua – *Padroeira do reino* – na exposição, comprehendo que se façam retabulos pa-

ra seduzir festeiros de irmandades, são coisas boas para ganha pão; mas quando o artista procura conquistar o publico illustrado deixa no atelier, a occultas, essas parcellas.

Uma saudade dos alegres tempos do *Grupo Leão* me veiu, ante — *O lanterneiro* — e o — *Esculptor* —, de Ramalho, os bellos quadros que nos confirmaram o talento d'esse artista vibrante então do enthusiasmo da mocidade.

Outro tambem a despertar saudades, o nosso bom velho Gyrão. Ainda bem que elle veiu expôr entre os antigos camaradas, algumas das encantadoras télasinhas em que brilha sempre um orgulhoso gallo ricamente emplumado.

Vaz não falta com o seu grupo de frescas marinhas. Christino com o sobrio colorido das suas paysagens; Henrique Pinto, um alegre pincel, que ás vezes faz lembrar Malhôa, com paysagens brilhantes de sol; até o erudito Manoel de Macedo veiu prestar o seu concurso á exposição com um quadrinho, — *A espera do*

Pintor—, que pertence á galeria real d'Ajuda.

Luciano Freire expoz os seus—*Catraeiros*—que são um bom bocado de pintura; Condeixa—*El-rei D. Fernando e o*

infante D. Diniz, - e a grande tela—*D. João II ante o corpo inanimado de seu filho, o infante D. Affonso*—que è, a meu vêr a obra prima de Condeixa e um trabalho de real merecimento. Almeida e Silva apresenta o—*Santificado seja o*

vosso nome...—e esse interior—*Ao lár dos avôsinhos*—tão bello de luz, que collocou o artista d'uma sympathica evidencia. Arthur Mello apresenta um primoroso retrato do—*Dr. V. da C.*—uma das obras que mais me tem agradado d'este talentoso artista; e Julio Ramos envianos do Porto uma serie de boas paysagens. Todos os amadores e amadoras gentis, que costumam concorrer á exposição do *Gremio*, enviaram as suas melhores telas, os seus melhores estudos, na maioria já conhecidos d'anteriores exposições, mas procurando todos abrilhantar este certamen, onde devia encontrar-se um escolhido resumo da arte portugueza moderna.

III

A esculptura está restrictissimamente representada, não obstante possuirmos esculptores de verdadeiro merecimento como Simões de Almeida, Teixeira Lo-

pes, Thomaz Costa, Motta e Alberto Nunes. E' verdade que o acanhamento das salas não se presta para uma exposição d'estatuas, todavia alguma cousa mais esperava n'este concurso. Além das venerandas reliquias de artistas mortos, apenas se encontram duas obras já conhecidas de Augusto Santo, dois bustos da senhora Falker, e um baixo-relevo, em bronze, e uns bustos, em marmore e alabastro, de Queiroz Ribeiro.

Este artista, que com as suas ultimas producções, o — *Christo*, — o *Vasco da Gama* — e a *maquette* para o monumento de Souza Martins, tem feito uma boa *tapage*, apresenta trabalhos de desigualdade frisante.

O seu busto — *Extase religioso* — em que a delicadeza da linha eguala o rigor da execução, não parece feito pelo mesmo auctor do baixo-relevo — *Lisboa*, — d'uma triste mediocridade. São singulares estas irregularidades de trabalho, e Queiroz Ribeiro mais as fez notar pondo em parallelo duas *maquettes* no concurso

para o monumento a Souza Martins; uma a maior, exercia a attracção irresistivel causadora do extranho final do concurso, emquanto que a mais pequena, a regulamentar, analysada, fazia recear pela execução do monumento.

Queiroz Ribeiro diz se adepto da esthetica nova, tem a mania de querer imitar Rodin; é a quem vae buscar a justificação que apresenta para a extraordinaria simplificação de formas de seu *Christo*, e procurara, até, dar-nos em *Vasco da Gama* uma especie de monstro á Balzac.

Rodin é um grande artista; para o demonstrar bastaria esse maravilhoso grupo —*Le baiser*,—presente no *Salon* d'este anno, mas nas suas eclecticas phantasias não póde ser seguido. Rodin é genial mas ha muito se descobriu que nada está mais proximo do genio que a loucura e esse Balzac, que n'este momento divide a critica d'arte em dois assanhados campos, parece a obra d'um grandioso louco.

Embora isso desagrade a quantos apo-

dam de burguezes os que defendem o seu classicismo, a esculptura não poderá nunca exprimir ideas abstractas por aquella forma; ella deve ser para o povo um livro claro e não um enygma. Uma esthetica nova dizem. O que sahirá da effervescencia cerebral deste fim de seculo exhausto da intellectual fadiga? A desordem que estenua a litteratura, procurando invadir as artes plasticas leval-as-ha todas a um cahos d'onde forçosamente tem de mais tarde romper uma luz clara e serena.

Se me fosse permittido rogaria a Queiroz Ribeiro que para a execução do monumento do illustre homem de sciencia, que lhe está confiado, não pense em Rodim. Pense antes, não direi nos gregos, será ir muito longe, mas nos florentinos da renascença.

Rodim não se imita; são eminencias isoladas, intangiveis.

IV

Tratando de Souza Pinto já fallei nos dois admiraveis estudos a pastel. —*Cabeça de camponez* - e *Cabeça de poveiro* — que são os mais solidos trabalhos que se encontravam na sala destinada ao desenho e aguarella, mas para aquelles que não possuem fundo conhecimento d'arte ficavam inteiramente offuscados pela magnifica exposição de Sua Magestade El-rei, seis grandes quadros a pastel, entre os quaes se distinguiam pela sua primorosa execução, o—*Arco da Penha Verde* - e a —*Charneca dos Almos* —de uma impressão tão suggestiva. Se o primeiro é um pedaço escolhido, e interpretado com amor, da ridente Cintra, o segundo é talvez mais sentido, traduz o sentimento de gravidade melancolica das vastas e fugidias planicies ao Alemtejo. Alguns dos outros quadros como o—*Por do sol* — e *Uma onda*—tem arrojos que surprehendem n'um amador, e na verdade o Sr.

D. Carlos deve possuir uma alma d'artista amante apaixonado dos encantos da natureza, para que assim possa colher d'ella impressões tão vivas como as que as suas paysagens nos traduzem.

Devia realmente ser uma surpreza, para os estrangeiros que visitaram a exposição o talento artistico do rei de Portugal.

Nada mais extraordinario, além das aguarellas de Lupi, nos offerecia a sala de desenho; Gameiro apresentava uma collecção de primorosas mas já conhecidas aguarellas, e a maioria de trabalhos dos expositores era tambem conhecido; notavam-se algumas aguarellas novas de Alfredo Moraes e Alfredo Guedes, dois artistas que trabalham e progridem, e podia tambem notar-se, pela insignificancia, a copia a aguarella d'uma photographia da Torre de Belem, chinesice que o jury entendeu dever premiar não sei porque, quando havia trabalhos de outros artistas bem mais merecedores de premio.

A exposição deste anno, commemorativa do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo da India é a mais interessante que em Lisboa se tem feito, apezar de lhe faltar muito para ser o que devia. Nenhum dos grandes trabalhos de Sequeira se encontram ali, dos seus contemporaneos, apenas um, Vieira Portuense, nenhum outro pintor antigo, e limitadamente representados os artistas da primeira metade do seculo. D'entre os modernos faltavam quasi absolutamenie esculptores, até Teixeira Lopes, que não é em demasia avaro dos seus trabalhos e, além de obras notaveis, possue soberbas *maquettes* demonstradoras do seu magnifico talento, faltou á exposição. Apezar de incompleta, merecia porém esta ser mais visitada do que foi. O espirito publico, desviado por outros caminhos, esqueceu se um tanto da arte. Todavia não pode deixar d'affirmarse que a arte progride entre nós, e o progresso não é mesmo tão lento que possa passar desapercebido, porque é

inegavel o apuro do gosto publico. Na sumptuaria sente-se fortemente a impulsão artistica, e, apezar das miserias da politica nacional vive-se entre nós n'uma paz tão doce que seria para admirar se á tepida influencia d'ella sob este ceu azul, a sua florescencia não desabrochasse.

Julho de 1898.

A NONA EXPOSIÇÃO

DO

GREMIO ARTISTICO

Decaem sensivelmente as exposições do Gremio Artistico, e é pena, pois o real valor das primeiras e o enthusiasmo que despertavam entre os artistas chegou a ganhar o publico, que promettia favorecer sériamente a arte nacional. As circumstancias especiaes do nosso meio artistico teem auxiliado esta decadencia, e as pequenas desintelligencias, os interesses mal comprehendidos, as conveniencias do favoritismo para com os amadores discipulos a quem se cedem logar e premios, tem dado causa á crescente inferioridade das exposições do Gremio.

que, na falta d'uma exposição official, devidamente organisada, deviam interessar e excitar o zêlo de todos os artistas que o compõem, e que, póde dizer-se, são todos os artistas portuguezes.

É cada vez menor o numero de bons quadros, embora n'esta actual exposição, que se reduz a tres salas, se encontrem, como em todas as anteriores, alguns trabalhos de merito.

A' frente dos pintores que nunca afrouxaram no trabalho, está Malhôa, o qual cada anno apresenta novas demonstrações da plasticidade do seu talento. Tomada no conjuncto, a sua exposição póde considerar-se superior.

Além do grande quadro —*As papas*— que esteve o anno passado no *Salon* de Paris, apresenta os primorosos retratos da sr.ª *D. Eugenia Relvas* e de seus filhos, e o delicioso quadrinho, todo vida e alegria, das padeiras — *No forno* —, scintillante de luz em que brilha o vermelho explendido das saias minhotas, e em que só póde censurar-se o desmazelo das ra-

parigas que foram para o trabalho com os ricos trajes festivos.

Salgado expõe um magnifico retrato do —*Dr. Lobo Alves*—e duas cabeças, uma das quaes, —*Flôr do mar*—, é deliciosa.

Ramalho, o melhor dos nossos paysagistas, com os admiraveis recursos de que dispõe, podia ter enriquecido soberanamente a exposição..

Apresenta quatro paysagens alemtejanas, das quaes a melhor é a que se intitula —*Arredores d'Evora*—. Traduz n'ella, com intensa expressão, um pedaço do Alemtejo; a tranparencia da atmosphera sob o ceu azul, vibrante, a feição que soube fazer salientar do terreno cortado por uma estrada, que orlam trechos de vegetação baixa, de ricos tons verdes, a harmonia do colorido envolvendo até a cazaria da cidade que se esbate nos ultimos planos, dão a esta pequena téla um encanto extraordinario.

Mas que soberbo quadro elle podia dar-nos, se tivesse tratado assim amoro-

samente a — *Apanha d'Azeitona*—, uma scena de tanto caracter nos costumes do Alemtejo! Se tivesse estudado melhor aquellas oliveiras, cuja anatomia, tão interessante, descuidou, e soprado mais um pouco d'esse talento que lhe sobra, por aquella paysagem, animando-a com uma intensidade de vida, teria juntado uma pagina brilhante aos seus annaes de pintor. As duas pequenas télas — *Para a lareira* — e — *Os burros do sr. doutor*— são dois pedaços que nos fazem interessar por essa provincia pouco transitada pelos artistas, que, embora arida em certas epochas do anno, esconde, para os que sabem procural-os, encantadores segredos.

Columbano, a quem todos profundamente respeitam e estimam, não expõe este anno, e a sua falta sente-se.

Condeixa apresenta o seu grande quadro — *Recepção feita pelo Samorim, de Calicut, a Vasco da Gama na sua chegada á India*— trabalho de grande vulto, executado para o concurso, que teve lo-

gar na Sociedade de Geographia por occasião do centenario da India, e em que Salgado obteve a preferencia. Este trabalho, executado n'um limitado espaço de tempo, embora não satisfaça plenamente, pelas diffieuldades e exigencias do extraordinurio assumpto que representa, tem detalhes de grande merito. Expõe tambem Condeixa varias passagens interessantes da Extremadura.

Carlos Reis apresenta uma grande téla — *Dezembro* — onde se manifesta muito da sua sciencia pictural, mas que é, como algumas outras, uma paysagem de atelier, feita certamente á vista d'algum bello, mas pequeno estudo trazido pelo artista do campo. Agrada, embora se sinta nas irregularidades da perspectiva o esforço feito para obter o resultado que o pintor desejou.

Reis, que tem talento e é um mestre, e que por esses mesmos motivos devia escutar serenamente a critica sincera, magoa-se com as apreciações feitas aos seus trabalhos, se não está d'accordo

com ellas, e offendeu-se porque, tratando da exposição anterior, eu lamentei que desviando-se Carlos Reis, pela impetuosidade do seu temperamento, da interpetração sincera da natureza para alcançar ruidosos effeitos, iria, pelo mesmo deslumbramento que esses effeitos produzem, de certo modo influenciar desfavoravelmente os seus discipulos, afastando-os das pisadas do grande mestre, que tambem foi mestre de Reis. Todavia era eu bem sincero dizendo isto, e a exposição realisada pelos alumnos da Escola de Bellas Artes mostrou que os meus receios não eram de todo infundados. Alguns trabalhos de paysagem, pertencentes a alumnos esperançosos, como o que tinha o n.º 139 no catalogo, apresentavam os violentos contrastes que apaixonam Carlos Reis e que todavia não se encontram na natureza, em que a harmonia dos tons é sempre acariciadora.

Isto me faz crêr que, quanto mais o mestre procure a interpretração sincera

das cousas, estudando a natureza nas suas manifestações mais intimas, como o faziam os grandes artistas de Barbizon e como procurava fazel o Silva Porto, mais o seu natural talento ganhará e tambem a futura geração d'artistas a educar.

Vaz enviou á exposição uma serie de quadros, em que trata dos seus assumptos favoritos: barcos balouçando-se nas aguas dos rios, um claustro, cantos d'aldeia. Os pequenos e airosos barcos de pesca, são os predilectos do artista que os pinta com amor.—*Um veterano*—repousando saudoso das lides, na agua azul. sob o ceu azul. É tambem de azul que Vaz banha a sua grande téla — *O cabo tormentorio*—, mas não o viram certamente d'essa bella côr os que ao dobral-o lhe pozeram tão negro nome.

Galhardo apresenta um retrato e uma paysagem —*A entrada de Freixial*—, e vê-se que apezar da falta de saude, das preoccupações moraes e das seducções da bohemia, a arte occupa bastante o seu espirito. Essa paysagem que o artista

n'um desejo febril de aperfeiçoamento, retocou até á dureza, foi estudada com amor, e é ainda uma prova de talento, que sério e perseverante estudo poderia tornar solido, abrindo ao pintor um futuro feliz.

O viziense Almeida e Silva apresenta um trabalho nada inferior á sua téla — *Ao lar dos avosinhos* —. Um bom velhote, alegre e saudavel aldeão da Beira, vestido do aspero briche nacional — *Depois da refeição* — de que se vêem ainda sobre a meza uns restos de excellente brôa, acende beatificamente o cigarro. O artista procurou fazer incidir sobre o rosto do velho a luz do phosphoro, illuminando-lhe a phisionomia expressiva, ao mesmo tempo que lhe dá ás mãos uma transparencia cheia de verdade.

Os effeitos de luz, assim procurados, são seductores, mas o merito do quadro está na observação e talento com que é apresentada toda a composição, o bom estudo da figura e a escolha dos accessorios. As prégas da manga da jaqueta,

são primorosas. É um consciencioso artista Almeida e Silva, e o seu trabalho distingue se na exposição.

Freire apresenta um bom quadro — *Perfume dos campos* — d'um genero inteiramente novo, que mostra a maleabilidade do talento d'este artista. Uma graciosa figura de mulher, envolta em gaze diaphana, eleva-se d'um campo de açucenas, como se fôra a alma das mesmas flôres. Ao longe, a perder-se no horizonte, avista-se uma cidade, de cujo solo de podridão, entre a fumaceira das fabricas, sobem doidejando em macabras evoluções, sombras de cadaveres. O symbolismo attrahiu a phantasia d'este analysador das cousas reaes, que soube encarnar n'uma graciosa figura os seus devaneios.

Collaço alegra a exposição com o colorido quente das suas figuras arabes, sob a rutilação do ceu d'Africa, e Girão não esquece os queridos habitantes das capoeiras.

Do Porto, Julio Ramos envia-nos um formoso — *Fim da tarde* —, Torquato Pi-

nheiro uma sympatica cabeça de velhinha — *O retrato de minha mãe* — e o venerando — *Mosteiro de Leça de Bailio* —, e Brito tres quadros, entre os quaes se distingue um formoso pastel — *A mulher com os gatos* — trabalho que póde collocar-se entre os melhores do artista.

Tratando de pastel, temos mais uma vez de prestar homenagem ao talento de S. M. El-Rei, que ainda este anno honra a exposição com — *O levantar d'uma armação d'atum* — um magnifico trabalho.

Na aguarella, ha a notar um retrato de — *Alfredo Guedes* —, n'um tom frio, mas primorosamente executado, e na grande collecção de mrs. Dochery algumas notas de costumes devéras interessantes.

Na esculptura temos a notar um busto em gesso e o esboço d'um monumento. O busto é de Antonio Motta, discipulo e sobrinho do distincto estatuario Motta, o auctor do soberbo monumento em execução a Affonso d'Albuquerque.

O trabalho do joven artista denuncia talento e galharda aptidão e é modelado com largueza e graça.

No esboço do monumento – *Mousinho d'Albuquerque* – ha a notar a verdade das contracções spasmodicas dos membros posteriores do cavallo moribundo. Quanto á figura do heroe de Chaimite, que o artista procura apresentar arrogante no ardor do combate, está desiquilibrada, n'uma posição falsa. A analyse d'um esboceto é, por assim dizer, a analyse de uma ideia ainda mal revestida da encarnação da fórma, senão haveria a censurar-lhe a phantasiosa modelação da cabeça do cavallo e a pouca exactidão da phisionomia de Mousinho.

Porque motivo, porém, Queiroz Ribeiro, que sabe não permitte o regulamento da exposição que se apresentem esbocetos em barro crú, não fez coser o seu, o que o obrigou depois a besuntal-o d'aquella *pate* lustrosa, com manifesto prejuizo do trabalho, e a cobril-o com uma maquineta de vidro, que lhe rouba

a feição sob que deve ser visto, para lhe dar uns ares de relogio de sala burgueza? E tambem para que a *cabotinage* de fazer gotejar sangue vermelho da ferida d'um cavallo, que tendo de ser feito em bronze, não poderá gotejar senão verdete?

O esboceto revela a fertilidade d'imaginação do artista, mas não o executou bem á altura do facto guerreiro que pretendeu celebrar.

Encontram-se tambem nas salas, alguns interessantes projectos d'architectura; mas, como já disse, não só é reduzido o numero de bons quadros, mas até o numero de trabalhos em relação aos annos anterioras; varios artistes faltam e outros, como Henrique Pinto, apenas expõem alguma pequena téla.

Apezar, porém, do meu habito de fugir á analyse dos trabalhos dos amadores, não posso passar sem dizer que entre elles se notam alguns retratos de primorosa execução.

Algumas d'estas damas merecem real

mente as distincções que lhes tem conferido o Gremio.

A proposito de distincções, ao passar ante uma vacca que tem o numero 14 no catalago, reparei que o seu auctor já fôra anteriormente premiado com uma medalha de 3.ª classe. Ora quando elle apresenta obras d'aquella perfeição, o que faria annos antes quando recebeu a medalha?

O jury não deve esquecer que o Gremio não é escola de principiantes; os seus premios não devem ter por fim animar os que começam; para isso lá está a Escola de Bellas Artes; devem constituir um forte estimulo para a producção de boas obras e na mão do Gremio está que as suas medalhas sejam consideradas como uma distincção honrosa para qualquer artista que as tenha merecido.

As minhas visitas á exposição d'este anno, deixaram-me na verdade uma impressão triste; sentia como que um frio cahir das paredes das salas, tão sensivel era a falta de enthusiasmo que outr'ora

ali nos fazia communicativos e alegres, bradar applausos, formular votos, animar esperanças. Não me atrevo a crêr, apezar de tudo, que esta decadencia possa continuar-se por um tão assustador declive. Pois d'um grupo numeroso d'artistas, onde se encontram variados talentos, na maior parte novos ainda, associados para o fim commum de zelar simultaneamente os interesses da arte em geral e os proprios interesses, não se deverá esperar mais do que isto? O movimento progressivo, que no sentido da arte nacional se observa por todo o paiz, não auctorisa o desanimo; o Gremio já por mais d'uma vez tem mostrado aos artistas o valor do prverbio «A união faz a força»: porque não procuram elles, nas suas annuaes exposições, fazer conhecer ao publico de quanto são capazes e quanto valem?

Abril de 1899.

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS-ARTES

I

A Sociedade Promotora de Bellas-Artes, creada em 1861, não satisfazia já plenamente ás aspirações dos artistas novos, vigorosos, animados por uma chamma renascente, que discutindo arte e processos artisticos ás mezas do Café Leão d'Ouro organizaram, independentes de todo o concurso official, a primeira exposição do Grupo do Leão em 1881, e successivamente oito exposições annuaes. Esses novos d'então chamavam-se Silva Porto, Columbano, Ramalho, Malhôa, Condeixa, Vaz, etc.

Em 1890 alguns membros do, em par-

te já disperso Grupo do Leão, lembraram-se d'organizar uma sociedade mais solida, legalmente constituida, fazendo appêllo a todos os artistas portuguezes e a todas as pessoas interessadas pelas cousas d'arte, e apresentaram o projecto d'estatutos d'essa sociedade que se constituiu sob o nome de — Gremio Artistico - abrindo a sua primeira exposição em 15 de março de 1891.

Suas Magestades honraram com trabalhos seus esta exposição, á qual se seguiram annualmente outras, sempre abrilhantadas pelo notavel talento artistico de El Rei D. Carlos.

O concurso dos nossos mais distinctos artistas e de todos os novos ás exposições do Gremio Artistico, deram em resultado a natural fusão da velha Sociedade Promotora de Bellas-Artes e do Gremio, fundando-se uma nova aggremiação com os elementos das antigas, a Sociedade Nacional de Bellas-Artes, que se iniciou abrindo no dia 15 de maio uma brilhante exposição.

N'ella encontramos a par dos nomes conhecidos dos nossos mestres, um grupo d'artistas novos que só por si evidenceia o quanto o estudo das artes plasticas se vae desenvolvendo em Portugal. A estreia d'estes rapazes é uma bôa promessa; apresentam-se inexperientes ainda, mas não hesitantes, vê-se já que conhecem a sua arte, que teem idéas e aspirações largas e trabalham e estudam tanto quanto sonham; demonstram que nas academias nacionaes hão de continuar a formar-se artistas que nos honrem e saibam exprimir e traduzir nas suas obras o nosso modo de ser e de sentir, os nossos costumes e a feição natural da nossa terra.

Malhôa, de quem os artistas portuguezes n'um impulso generoso d'orgulhosa fraternidade acabam de celebrar o triumpho no estrangeiro, de ha muito vem fazendo ver que podem formar se artistas distinctos nas escolas portuguezas, desenvolvendo e educando a sua aptidão artistica entre nós, sob a simples condi-

ção de se dedicarem d'alma á sua arte e de possuirem talento.

O banquete celebrado em honra de Malhôa na séde da Sociedade Nacional de Bellas Artes, foi uma sympathica homenagem e uma bella affirmativa da cohesão da nova sociedade.

José Malhôa alcançando com um retrato de senhora a 2.ª medalha na exposição de Bellas-Artes em Madrid, obteve um serio triumpho.

A Hespanha orgulhosa e possuidora d'artistas d'elevado merito, prestando homenagem ao talento d'um estrangeiro obedeceu a um nobre sentimento de justiça, o que deve lisongear-nos.

Em Paris ainda este anno foram bastante apreciados os trabalhos que este nosso distincto pintor enviou ao *Salon*, um retrato de homem, e a —*Volta da Romaria* —.

Todavia ha quem conhecendo os trabalhos de Malhôa, de Columbano e de Ramalho como retratistas, se lembre de mandar vir de fóra pintores mediocres

para retratar lhe a familia, como ha pouco fez um conhecido financeiro, parecendo ignorar o valor dos nossos artistas, ou comprazendo-se em deprecial os.'

II

A carinhosa homenagem prestada á memoria do fallecido professor de pintura historica da Escola de Bellas Artes de Lisboa, o distincto pintor José Ferreira Chaves, pelos seus mais distinctos discipulos, permittiu que o pubiico podesse apreciar devidamente a obra d'um artista de verdadeiro merito, que passou o melhor de sua vida esmagando sob o peso dos infolios d'uma repartição publica, horrivel chrysalida, a iriada borboleta da phantasia.

Discipulo de Lupi, José Ferreira Chaves succedeu-lhe na regencia da cadeira de pintura historica em 1881; era tambem chefe da repartição de contabilidade da Camara Municipal de Lisboa. Como elle conseguia desempenhar cabalmente

tão diversos cargos, e, sendo um zeloso guarda-livros do municipio, ser tambem um professor emerito que deixou discipulos do valor de Salgado, e ainda um artista primoroso, como o attestam os retratos, as flôres e os fructos que enchem as paredes da sala á sua memoria consagrada na exposição? Flôres mimosas e vivas, fructos carnudos e rubicundos, retratos d'um correctissimo desenho e colorido suave, que ali reunidos tem um ar de familia tão encantador!

Uma nota se observa n'esta exposição posthuma que revela admiraveis qualidades no espirito de Chaves. Formado na antiga escola, tem d'ella a feição na sua maneira de pintar, mas nos seus ultimos trabalhos modifica-se pela influencia da obra de Salgado, o discipulo dilecto admirado pelo mestre, e não hesita, imitando-o, e procurando nas lições d'elle o aperfeiçoamento, reconhecer e consagrar a sua superioridade.

III

A creação da Sociedade Silva Porto com o fim de desenvolver o estudo da paysagem deverá produzir magnificos resultados, mas é necessario que as lições do grande mestre portuguez, cujo nome saudoso ella rememora, guiem os paysagistas.

Para estudar os aspectos diversos que a natureza e constituição do terreno dão a um paiz, a sua atmosphera, a influencia do clima sobre a vegetação, toda a feição intima de cada pedaço da terra, cuja phisionomia caracteristica nos impressiona diversamente, é necessario percorrer a provincia que o paysagista prefere, conhecer-lhe os recantos, observal-a nas diversas epochas do anno em todas as phases do dia, analysar os cambiantes que a luz atravez da atmosphera imprime aos verdes da paysagem, os azues e os violetas dos longes, estar na intimidade de todos os raios de sol que a douram,

de todos os segredos da vegetação, conhecer a sua fauna e os costumes dos seus habitantes. Se Millet produziu essas magnificas paysagens que causam uma religiosa emoção, foi porque elle viveu em contacto com a natureza, anachoreta solitario, adorando a como uma emanação de Deus. Se Silva Porto pintou tão deliciosos e verdadeiros trechos de paysagem portugueza foi porque nos poucos mezes que, em cada anno, a sua missão official lhe deixava livres, elle corria a embrenhar-se ou n'uma aldeia do Minho, ou em qualquer logarejo da Extremadura, e, silencioso, absorvido na contemplação da natureza se deixava compenetrar do encanto da paysagem circumjacente, analysando-a e sentindo-a.

Depois pintava o que via simples e sinceramente em estudos executados sob a emoção viva que n'elle produzia essa contemplação intima.

Alguns dos seus discipulos que se extraviaram, como Ezequiel Pereira, promettiam bastante...

Galhardo mostra nas suas paysagens esse amor da verdade que dá a algumas tanto valor como no — *Portuzello* — lindo pedaço do Minho com a sua verdura fresca e mimosa, tão diversa da empoeirada vegetação da Extremadura. Que impressão tão nitida e sentida elle deu, n'aquella formosa téla, do delicioso ribeirinho que deslisa por entre a vegetação frondosa d'uma das mais lindas aldeias que conheço!

Porque me não produziu egual sensação a grande — *Payzagem de Lousa* — um dos mais formosos logares das proximidades de Lisboa, apezar de executada por um pintor de talento, como inegavelmente é Trigoso? Porque embora seja um bello quadro de magtifico effeito decorativo, não é sincero, não me deu a impressão que tenho sentido mais d'uma vez nas margens da sinuosa ribeira onde por alegres manhãs e tardes saudosas, tenho ouvido cantar as lavadeiras.

Da — *Matta de Carvalheiras* — d'outro artista tambem de merito, Alves da

Cunha, direi o mesmo, porque em vez da luz natural elle faz ali brilhar um ruidoso fogo d'artificio. Soffrem a influencia do temperamento do mestre, não se equilibrando na verdade, desatando em expansões ruidosas de verdes, violetas e vermelhos, que não satisfazem ainda a sua ancia e procuram obter pela espessura das tintas o relevo da pintura que só os contrastes do claro escuro devem darlhe.

Fazem-nos estes novos saudades dos velhos, e lá estão para nos consolar a visão as frescas, embora ás vezes futeis, télasinhas de Vaz, com a magia dos seus tons delicados, uma deliciosa pequena — *Paysagem* — de Marques d'Oliveira, o paysagista cuja maneira mais se assemelha á de Silva Porto; Condeixa, que, apezar do seu miudinho processo de pintura, agrada tanto nas — *Margens do rio Marne* — e na — *Praia do plano inclinado* — as paysagens minhotas de Galhardo, — *Portuzello* —, *Primavera* — e — *No Minho* —, um — *Iguarapé na floresta vir-*

gem — de Christino, e a estreia, como paysagista, d'Almeida e Silva com os seus formosos — *Arvoredos ao sol posto* — e outras pequenas paysagens da Beira, sinceras e sentidas.

IV

A pintura de genero superior na sua essencia, porque a figura ahi faz passar para o segundo plano toda a natureza morta e toda a paysagem, é cultivada por um grande numero de pintores.

Espirituosa, mas ligeira, porque não exige as altas concepções historicas e poeticas da grande pintura, todo o assumpto animado lhe serve, uns singelos amores de capoeira, quaesquer scenas da vida familiar recolhidas entre rusticos, ou nas intimidades elegantes das altas sociedades; um pequenino drama, como uma comedia, ou um entremez ridiculo lhe servem de assumptos.

E' a pintura que mais attrahe os olhos, pois é a melhor comprehendida.

Foram os hollandezes os primeiros que amorosamente trataram a pintura anedoctica e o nosso espirito que ás vezes se recusa a demorar-se nas magnificencias com que a grande printura na Italia e depois na Flandres nos deslumbra, vae sempre deliciar-se encantado em frente das numerosas telasinhas com que Teniers, Van Ostade, Dow, Terbury, Miéris e outros, durante o tão fecundo seculo XVII, povoaram o interior das habitações burguezes da Haya e de Amsterdam.

Apezar dos seus numerosos cultores, raro attinge a pintura de genero d'actualidade a graça e o encanto especial dos mestres hollandezes.

Entre os nossos artistas Malhôa e Souza Pinto cultivam distinctamente a pintura de genero, mas Souza Pinto vivendo em Paris nem sempre se occupa de assumptos intimamente nossos, e a sua paleta, delicadissima, menos meridional, é mais fria.

Malhôa apresenta na exposição da So-

ciedade Nacional de Bellas-Artes, a sua —*Lavadeira*—já vinda da exposição de Paris e—*As cebolas*—em que alegres raparigas com o typico trajar das lavradeiras minhotas, encabeçam aquelles productos da horta tão apreciados na cosinha.

É um quadro de bella execução com os longes bem estudados e cheios de frescura.

Bem pittoresco ainda outro quadro d'este pintor — *Uma desgraça* — em que um pobre casal de lavradores contempla compungidamente afflicto o seu porquinho, o bom animal que lhes daria fartura d'unto para o caldo e os ricos presuntinhos para o fumeiro, morto inutilmente pela doença.

Um artista que sem possuir as brilhantes qualidades de Malhôa tem recebido a inflencia da sua maneira, Henrique Pinto, apresenta quadros muito apreciaveis com verdadeira comprehensão da vida rural. —*A chegada da feira* —e a —*Sahida do rebanho*, —são dignos de menção.

Constantino Fernandes, discipulo de Salgado, é um dos novos que mais esperanças dá; procura inspirar-se no mestre, e a sua tela—*O amigo das creanças,*—recorda, pela tonalidade, o magnifico retrato em *plein air* do sr. Braamcamp Freire, primor d'arte que pela nossa incuria jaz hoje no fundo oceano.

Repelle alguem do mestre brutalmente
os louros cherubins de rostos finos.
—Mas o sabio Rabbi lhe diz, clemente,
«Deixae virem a mim os pequeninos»

Traz á lembrança estes mimosos versos de Gomes Leal, o quadro de Constantino Fernandes, e evidenceia um pintor novo ainda, não inteiramente senhor da sua arte; mas mostra tambem as suas serias qualidades, deixando prevêr o quanto o estudo lhe ha de fazer sobresair o talento.

A Gyrão, o querido velho artista, a quem podemos chamar o nosso Eugéne Lambert, ninguem aqui eguala na interpretação dos seus animaes favoritos.

Tão gracioso, tão sincero, sempre o mesmo, com a sua pontinha d'originalidade, qualidades proprias de factura e composição, devemos agradecer-lhe o não ter nunca abandonado o seu genero, o que nos dá o prazer de vêrmos na exposição quadros tão interessantes como: —*Em familia*, e — *Frente a Frente*.

Ribeiro Junior, um pintor novo, mostra na sua estreia, uma orientação segura, um pulso já firme, e visão clara.

Apresenta-se no nosso pequeno Salão altaneiramente, merecendo calorosos applausos com os seus — *Ferreiros*, — interior d'officina, que é um quadrinho adoravel. Desenho e execução correctos, justesa de valores, os planos muito bem definidos e uma tão bella distribuição de luz, que esta admiravel telasinha, parece d'um pintor já experimentado, e faz recordar a triumphal entrada de Ramalho no Grupo do Leão com o — *Chez mon voisin*. —

O sr. Ribeiro Junior, a quem não tenho a honra de conhecer, é ainda alumno

da Escola de Bellas-Artes; temos pois direito a esperar muito de quem tão cedo dá uma assim superior prova.

Constantino Fernandes apresenta tambem um quadro allegorico—*A peste expulsa os Castelhanos do cerco de Lisboa*—.

E' este trabalho ainda a obra de um pintor novo, que mostra a sua força e os seus instinctos, não é, e maravilha seria sel-o, uma obra perfeita.

O auctor pretende n'elle, por meio de symbolismo, fazer-nos comprehender a situação, mas não chega a suggestionar o horror do flagello que obriga D. João de Castella a levantar o famoso cerco de Lisboa em 1385.

Diz o nosso Fernão Lopes:

«Começou de se ateiar a peste tão bravamente em elles, assim por mar como por terra, que dia havia em que morriam cento e cincoenta e duzentos, assim mais e menos, como se acertava, de guiza que o mais do dia eram os do arraial occupados em enterrar seus mortos.»

D. João de Castella queria resistir ao flagello, mas, como diz o chronista:

«Em isto deram duas tramas á rainha por cujo azo el rei determinou partir do cerco e entonce levantaram seu arraial».

Partiram em desordem, começando á noite «todos de caminhar cada um como melhor podia de guisa, que se na cidade houvesse tantos de cavallo que se atrevessem a pelejar com elles, bem lhe poderam fazer grande nojo».

A expressão d'aquelles fugitivos que partem levando mortos em seus ataudes os seus melhores cavalleiros, é de um grande desalento, mas a figura alada da peste não inspira o espanto e o horror e elles partem em ordem, demasiadamente serenos, já longe do fumo do seu arraial em fogo.

Ha no quadro detalhes valiosos e esta obra manifesta claramente a seriedade de intenções do moço e talentoso artista.

N'aquelle—... *engano d'alma ledo e cego* —que tantas vezes arrasta á desventura, como o experimentou a bella e meiga

protogonista do verso de Camões, nos mostra Adriano de Souza Lopes um bello grupo na parte superior do seu quadro, que é uma allegoria magistral.

Em baixo os corpos das desilludidas que o desespero faz crispar, ou o desalento prostra, apresentam escorços bem executados.

O sol batendo em cheio no terreno movimentado, montanhas que se esbatem em successivos planos no horisonte, dá nos uma verdadeira impressão de plena natureza n'um banho de luz suave.

Interessa tambem o estudo do terreno, que parèce o jurassico da nossa Extremadura, e a maneira por que está interpretado faz pensar no quão complexa é a arte da pintura que nem a geologia ou a botanica podem ser desattendidas pelo artista.

Este trabalho colloca Souza Lopes n'um logar superior.

Luciano Freire, a quem pertence tão talentoso discipulo, é um artista que muito considero, e que tem um grande res-

peito pela sua arte, foi no—*Eterno escravo*—menos feliz no desenho das figuras.

A cabana em que se abriga a pobre familia tem bellos detalhes e a luz exterior contrasta bem com os reflexos quentes da fogueira em que a frugal refeição se prepara.

A idea do quadro é altamente philosophica, pois o homem é o escravo da sua propria existencia.

V

«Uma alma, um temperamento advinhado por uma intelligencia, expresso por uma mão habil que obedece ao espirito», tal é a definição que um moderno escriptor dá ao retrato realisado pelos grandes artistas.

E' o retrato uma das bellas expressões da pintura, ao mesmo tempo psycologica e historica, e occupa na arte moderna o mais superior logar.

Entre os artistas nossos que cultivam este genero alguns temos de verdadeiro merito, sem mesmo fallar de Columbano,

já devidamente apreciado, e que na exposição de Paris recebeu a distincção mais honrosa.

Na exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes vemos na sala consagrada ao superior artista, que foi Chaves, retratos magnificos como os das sr.as D.as Maria Emilia Osorio Cabral, D. Angela Bregaro de Bulhões e D. Mafalda Fuschini.

Malhôa, que ainda sente os applausos com que victoriaram os seus retratos na exposição de Madrid e que em Paris tem recebido da mais illustrada critica lisongeiras referencias aos seus trabalhos, expõe uma collecção de retratos de senhora, admiravelmente estudados e em que o capricho do artista nada rouba ao caracter do modelo.

O seu pincel fino tem adquirido grande vigor e maleabilidade, o seu talento, solidificando-se, accentuou qualidades raras, e Malhôa é hoje um artista de que devemos realmente orgulhar-nos.

A rapidez com que esta apreciação é escripta não me permitte tratar devida-

mente de cada um dos retratos que elle apresenta, todos de primorosa execução, de um realismo sincero e tão expressivo, que quasi diriamos qual a idéa que n'aquelle momento preoccupa cada um dos modelos retratados.

Salgado expõe exclusivamente retratos e d'entre estes póde distinguir-se pela soberana attitude o – *Estudo para um retrato de Sua Magestade El-Rei* — e pela sua execução, o do coronel Alves.

Ramalho, que tambem é um fino retratista, expõe um bom retrato do actor Ferreira da Silva.

Alguns outros retratos, firmados por varios nomes, tomam logar na exposição, e n'elles ainda se distingue o retrato de Caggiani, por Constantino Sobral Fernandes, em que este moço artista esperançoso mostrou mais uma feição do seu talento.

Caggiani que nós todos conhecemos, segura a sua querida rebeca e vae absorver-se na execução de algum trecho favorito, e o pintor colheu com felicidade

a attitude, a expressão do artista, os accessorios, realisando assim um bom quadro.

VI

A esculptura é nas pequenas salas apenas representada por alguns bustos, todos em geral de valor, interessando particularmente pela esperança que dão de mais um distincto e espirituoso artista, os de Motta, sobrinho, pelo esforço de modelação e graça de linha.

São esses bustos em gesso expressivos retratos, e demonstram talento e applicação ao estudo no joven discipulo do estatuario a quem devemos a grandiosa figura de Affonso de Albuquerque.

VII

A secção d'architectura merece especial attenção, tanto esta nobre arte está bem representada, o que é de grande alcance, pois todos quantos conhecem

Lisboa podem avaliar a falta d'arte dos seus modernos edificios, e o quanto importaria para a sua belleza o elemento artistico que lhe falta.

Varios discipulos do distincto architecto Souza Monteiro se fazem notar na exposição, mas o que permitte esperanças de vêr nas obras d'architectura reunido verdadeiro cunho artistico e feição genuinamente portugueza é Raul Lino.

Este architecto principiou os seus estudos em Londres, continuando-os no Hannover, onde teve como professor Albrecht Haupt, que o considerava um dos seus dilectos discipulos; tem apenas vinte annos e um nome já conhecido. Prometteu a si mesmo nada construir que não fosse portuguez, e para realisar este voto, tem estudado minuciosamente todos os motivos architectonicos dos nossos antigos monumentos, dos nossos velhos edificios, esforçando-se por interpretal-os sob uma forma moderna. Não os copia mas apropria-os por um esforço d'imaginação, apresentando projectos d'um

cunho d'originalidade pessoal inconfundivel.

Podem citar-se o bello projecto do Pavilhão de Paris em 1900, a casa de Rey Collaço, em construcção, uma outra no Estoril, mandada construir por J. Lino, um annexo á casa Roque Gameiro, na Porcalhota, e varios outros, como sanatorios, em que soube alliar duas cousas difficeis, as condições hygienicas indispensaveis em taes edificios, com o pittoresco que imprime ás suas obras.

Obteve tambem o 2.º premio no mausoleu do conde de Valmor, e na Sociedade Nacional apresenta cinco projectos architectonicos, que todos obedecem ao programma que o auctor se propoz, e pela variedade manifestam, a par do talento, creadora e fecunda imaginação.

VIII

Na aguarella o primeiro logar pertence a Ramalho com o actor Ferreira da Silva no papel do *Cardeal D. Henrique*.

É um trabalho soberbo; d'uma frescura e encanto de colorido inexcediveis, ma-

gistralmente desenhado, emfim uma obra prima.

Gameiro tem tambem nos — *Moinhos do penedo* — um magnifico trabalho.

A projecção das nuvens que vão correndo é n'esta aguarella uma surprehendente nota.

Moraes apresenta uma linda aguarella. — *Caes das Columnas* — que faz lembrar uma graciosa japonaria, e tem a frescura de tintas em que o seu pincel é inimitavel.

Pena é que o pouco volume das nuvens lhe roube perspectiva aerea.

Este genero de pintura estava numerosamenie representado, e se não faltavam trabalhos mediocres distinguiam-se alguns de bastante merito.

IX

No desenho occupa distincto logar Sua Magestade El-Rei com o grande pastel — *Antes da caçada* — caracteristico episodio da vida alemtejana.

A composição é muito interessante pelo bom agrupamento das figuras, mas estas

teem uma certa dureza, e o tom geral é crú. Impressiona menos vivamente do que os formosos estudos de paysagem com que Sua Magestade tem por mais d'uma vez honrado as nossas exposições artisticas, porque se desprende do conjuncto menos emoção, menos arte.

Ha tambem a notar no pastel uma graciosa cabecinha. — *Deolinda* — estudo de Adriano de Souza Lopes e o — *Retrato de minha irmã* — da ex.ª sr.ª D. Emilia dos Santos Braga.

Na caricatura, em que esta sala abunda, têem interessantes paginas Jorge Colaço e Arnaldo Ressano, um moço discipulo de Luciano Freire.

X

A arte applicada tem grande numero d'expositores, artistas já conhecidos alguns como D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, que expõe faianças e rendas; Leitão e irmão em lindas filagranas e outros trabalhos d'ourivesaria e cinzela-

dura em que tambem se distingue o professor Cristofanetti.

Obras de talha figuram na exposição, entre ellas uma formosa — *Moldura renascença* — do discipulo e amigo de Leandro Braga, J. A. Reis Pinto, e diversas faianças e bordados.

Notavam-se os varios trabalhos da Escola Industrial Affonso Domingues.

XI

Agora uma pequena censura á direcção da Sociedade Nacional.

Porque consentiu que a exposição d'obras offerecidas á *Assistencia Nacional aos Tuberculosos* fosse incluida na da Sociedade Nacional de Bellas-Artes, alterando os regulamentos?

Essa exposição, em que se encontram trabalhos já conhecidos do publico, e outros dos que se dão n'estes casos, mas que nem sempre os artistas se dignariam apresentar n'um concurso, devia ser inteiramente áparte, antes ou depois da

exposição artistica, ou então escolher-lhe outro local.

XII

Ao tratar da pintura a oleo não falei da natureza morta, genero apenas representado na exposição pelas formosas flôres de D. Josefa Garcia Greno, artis já bastante conhecida e festejada; mal diria que uma celebridade tragica iria envolver essas télas em que brilhavam as mais rubras e festivas papoulas e em que as rosas tinham sorrisos primaveris.

Adolpho Greno, sympathico artista que ha annos vinha cultivando a arte com indolencia e apenas expozera dois modestos retratos, revia-se nos trabalhos da esposa, sua discipula e durante longos annos companheira fiel.

Uma onda de sangue soprada por um extranho vento d'insania submergiu estes dois nomes estimados e queridos.

Adolpho Greno, victima da arma homicida de sua mulher jaz na indolencia eterna onde nem chegam as vozes de

sympathia que o lamentaram. Josefa Greno jaz, anniquilada tambem, sob o pezo da indignação d'uns e da compaixão miseravel d'outros. Pobres artistas!

E a Exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes que se abrira aos *toasts* festivos d'um banquete, a que Adolpho Greno assistira descuidado e sorridente, fechou ao dobre plangente de um funeral.

Maio de 1901.

A SEGUNDA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS-ARTES

I

Limitada mas de impressão agradavel se apresenta a 2.ª exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes.

Nenhuma grande composição de vulto, pequenas na sua maioria as telas, um ar intimo, attractivo, familiar, paysagens sentidas, pittorescos quadrinhos de genero, telasinhas em que a vista se demora com delicado prazer.

Ninguem pensou em reclamar a attenção, cada um traduziu mais ou menos harmoniosamente as vibrações da propria sensibilidade ante a maneira de ser das cousas entrevistas.

O goso que o artista deve experimentar realisando a sua obra, e que por um effeito sympathico se transmitte ao observador com tanta maior intensidade quanto mais profundamente o amor da arte o domina, póde egualmente apreciar-se ante a suggestão psycologica dos estudos de Columbano, o captivante delicioso das paysagens minhotas de Carlos Reis, e a amena complacencia d'uma dama que nos mostra, na adoravel intimidade d'uns raios de sol, os artisticos recantos d'uma escada senhorial.

A analyse das salas dá umas horas de bem estar quando feita em repousado silencio, na suavidade da meia luz. Não levanta o espirito a transcendentes alturas, não o dilata d'orgulho, mas tampouco o mortifica d'inquietações e desalentos.

Se a arte é a representante do seu meio, a exposição dá-nos idéa d'uma sociedade modesta, com habitos de trabalho regular, horas de sentimental devaneio, na qual se movem e pensam espi-

ritos de tendencias diversas, mas isemptos de grandes desvarios, indolentes de genio, tranquillos d'ambições.

Esta exposição tem a enobrecel-a alguns delicados trabalhos da nossa graciosa soberana, e a embellezar-lhe a harmonia do conjuncto varias obras de esculptura, cuja falta muitas vezes se tem feito lamentavelmente sentir em exposições precedentes.

O jury conferiu a medalha de honra a Columbano, é uma justa distincção ao talento elevado do original artista e cuja obra, apesar de lacunas que n'ella se encontram, será a honra da actual geração.

Expõe Columbano o seu—*Santo Antonio*,—tela de grandes dimensões. Quasi immaterial a figura do amoravel asceta, que n'um extasi contempla o infante divino a sorrir-lhe. Expõe tambem alguns dos seus admiraveis retratos, e entre elles a inolvidavel mascara de Eça de Queiroz, algumas pequenas telas d'um profundo estudo, entre as quaes é difficil dar a uma a preferencia.

Carlos Reis, que considerou sempre odienta e aleivosa a minha sincera critica a varias das suas incandescentes paysagens, commoveu-me deliciosamente este anno com as tão sentidas e sinceramente pintadas telas que expõe.

Como n'ellas se encontra o artista em amoroso convivio da natureza! Foi o coração e não a desordenada phantasia d'uma cabeça ardente quem lhe guiou o pincel n'aquelles pedacinhos rusticos tão bellos — *Manhã no Lima* — sentiu o pintor o fresco arrepio d'aquella bruma e pousou longamente o olhar nas longinquas montanhas d'um suave arroxeado.

Na — *Azinhaga da Cruz de Pedra* — captivou-o o encanto da gentil figurinha que põe ainda uma alegre nota na alegria dos verdes poderosos, que até conseguem tornar risonhas as denegridas pedras que a vegetação beija.

E' deliciosa de frescura a — *Senhora das Neves*, — alva capellinha, tão festejada com romarias em que o amor canta, e onde as galhardas moçoilas das mar-

gens do Lima, formosas como rainhas, triumphantes nas côres garridas do seu vestuario, vão pressurosas n'uma devoção de prazer. Foi provavelmente lá que o pintor encontrou — *A Roza* — de que n'uma outra telasinha nos revela a campesina graça.

No *Moinho dos Gaffos* a farinha está illuminada por cariciosa luz, e a pequena — *Latada do Pimenta* — rescende aromas; emfim o talento sempre innegavel de Carlos Reis, apresenta-se na actual exposição despreoccupado, sincero, e as suas paysagens representam bem mais que uma combinação de tintas, são verdadeiros pedaços da nossa terra que impressionaram a visão e a alma d'um artista.

II

Ramalho expõe apenas um retrato; sente-se a falta das telas d'este intelligentissimo e delicado artista, que tanto realce dão ás nossas exposições. Importantes trabalhos decorativos absorvendo-lhe

o tempo affastam do nosso certamen o seu brilhante concurso.

Salgado expõe os retratos de Ramalho Ortigão e de sua esposa, executados magistralmente; n'este ultimo a finura da pelle, a delicada modelação e a verdade com que o artista traduz a expressão caracteristica da sympathica senhora, formam uma obra prima.

Os outros dois retratos expostos por Salgado são tambem dignos do mestre. O de Silva Graça, de magnifica factura, é acompanhado d'accessorios que completam a feição psychica do modelo. Tem muita expressão a phisionomia do redactor do *Seculo*, a limpidez reveladora do olhar é admiravel, e toda a execução do retrato, em meio corpo, mostra a facilidade de pincel do artista.

Tratando ainda d'este genero de pintura, ha a notar os retratos expostos por Constantino Sobral Fernandes, um distinctissimo discipulo de Salgado, que se mostra no começo da sua carreira já um artista pouco vulgar. O retrato do sr.

Casimiro J. Fernandes, é uma das melhores obras da exposição, só um pintor de talento, de intelligencia superior e consciencioso no estudo o poderia apresentar.

Lembrando-nos ser este artista um rapaz que ainda ha pouco frequentava as aulas da nossa Escola de Bellas-Artes, é para admirar uma tal maestria de pincel, e para bemdizer o concurso, tão disputadamente ganho no Porto, que o levou para a frequencia da grande escola da arte moderna de Paris, onde as lições dos mestres e a presença das obras de grandes artistas, hão de completar-lhe a educação e abrir novos horisontes á sua lucida intelligencia.

Torquato Pinheiro envia-nos do Porto uma pallida e magoada cabeça d'artista moribundo, o retrato de Bernardino Reaes, esperançoso esculptor de que a morte destruiu o futuro, quando elle apenas surgia no mundo da arte a apresentar a sua primeira obra, que era uma promessa deslumbrante.

Alguns pittorescos e bem pintados estudos de paysagem, d'entre os quaes prefiro os de Villa Real, são tambem apresentados por Torquato Pinheiro.

Malhôa expõe o retrato do addido militar hespanhol D. Emilio Godinez, já vindo da exposição de Madrid; é um primoroso desenho a pastel com toques finissimos e perfeita similhança do modelo.

Dois retratos de senhora d'uma graça natural e simples nas attitudes, a carnação e os tecidos tratados com verdadeira maestria são ainda d'este artista.

No da sr.ª D. Palmira Feijão pode notar-se a macia flexibilidade do setim preto nas pregas do vestido.

Dos quadros do genero que o distincto artista apresenta agradam-nos superiormente—*Arte*—e o—*Barbeiro d'Aldeia*—*Na Volta da romaria*—não me dá boa impressão a perspectiva aeria e acho um tanto exagerado o rosto flamante do avinhado romeiro.

Alegre, pittoresco e caracteristico este

quadro mas inferior a alguns outros trabalhos de Malhôa.

Condeixa tem na exposição uns lindos — *Crisanthemos* —; não o sabia tão delicadamente apaixonado por flóres.

Além d'alguns pequenos e interessantes pedacinhos de paysagens expõe — *Um homem do mar* —, vigorosa figura, bello typo de velho marinheiro.

Almeida e Silva, o artista viziense apresenta no — *Manuel e Maria* — dois bons typos de aldeões da sua provincia, vestindo o brixe portuguez, e tão velhinhos que talvez algum d'elles se lembre da invasão de Junot ou da retirada de Soult.

Na — *Lareira* — tem Henrique Pinto um quadrinho bem pittoresco e com formosos efleitos de luz.

Christino nos — *Festeiros* — dá um lindo episodio das nossas populares romarias.

Sob a gravidade altiva e benevolente dos pinheiros que d'alegria, de rosas e d'amores!...

Galhardo n'uma grande melancholica

paysagem exprime intensamente saudades e amarguras da sua alma.

O pincel de Girão não envelhece e as suas queridas aves lá se apresentam ostentando arrogantes galhardias.

Já citámos entre as mais attrahentes télas da exposição os trabalhos de *miss* Kerry — *Escada da casa do visconde de Sacavem* —; uma outra dama, D. Virginia Santos, que mais de uma vez tem demonstrado possuir vigorosas qualidades d'artista, expõe um — *Estudo* — muito interessante.

Jorge Collaço apresenta trabalhos em que revela arrojo de pincel, mas que não são dos mais felizes do sympathico artista, cujos cuidados d'illustrador, desviando-o da pintura a oleo lhe não deixam adquirir solidez de factura.

Entre as marinhas de Vaz, seductoras pela suavidade d'atmosphera e transparencia das aguas, dou n'esta exposição a preferencia aos — *Effeitos d'outono* — no Sado, e ao — *Recanto do Tejo* — tão originalmente caracteristico.

III

Vaz expõe ainda algumas aguarellas, entre as quaes prefiro a linda — *Torre Manuelina* — de Setubal.

N'esta sala vê-se um grande e primoroso pastel, obra de sua magestade El-Rei — *Ao cahir da tarde* — no Tejo, no outono, d'um largo desenho e magistral justeza de valôres, que nos faz inclinar respeitosamente ante o regio artista.

Sua magestade a rainha, distincta amadora, apresenta copias a lapis d'alguns antigos quadros, aguarellas de plantas e de velhas joias preciosas.

Um grupo d'aguarellas d'uma admiravel pujança, se distingue entre todas, trabalho de mestre n'este genero delicado onde é tão raro conseguir-se alliar a levesa ao vigor

Casanova é realmente um notavel aguarellista.

Que admiravel *falaise* — *Na Ericeira* — batida pelas ondas espumantes. — *Paço*

d'Arcos — — *No cabo da Roca* — — *Na Guia* — quasi egualmente bellos; e que preciosidade de tons n aquella figura jovial de velho — *Dos bons tempos* — Sempre admiravel a virtuosidade do pincel de Casanova, de quem fui discipulo, e o reapparecimento do distincto aguarellista, ha tanto tempo affastado das nossas exposições, causou-me indisivel prazer. Pobre d'aguarellas estaria o pequeno salon se os seus formosos quadros não tivessem vindo tão aproposito preencher uma lacuna aberta principalmente pela falta de Roque Gameiro.

Notei ainda uma aguarella de Christino — *Mercado sob uma mangueira* — nos arredores do Pará.

O lapis de Condeixa deu-nos o retrato do grande e saudoso Silva Porto e um outro de Manuel de Macedo o erudito e distinctissimo illustrador.

São dois excellentes trabalhos do consciencioso artista.

A esculptura está excepcionalmente representada.

Motta expõe dois grandes e magnificos baixo-relevos, modelos dos que ornam o monumento a Affonso d'Albuquerque — *Tomada de Malaca* — e — *Affonso d'Albuquerque recebendo o rei de Bisnagá* —.

A rapidez d'estas notas que são mais uma enumeração das obras d'arte exposta do que uma critica, não me permittem apreciar devidamente o merito d'estes trabalhos em que ha tanto a admirar no estudo das figuras e valor historico da composição.

Motta sobrinho, sempre applicado e trabalhador expõe um bom — *Estudo* — Santos apresenta um interessante — *Gavroche* —.

Do Porto um artista de superior talento, já premiado no Salon de Paris e na exposição internacional de 1900, veiu enriquecer o nosso certamen trazendo uma valiosa bagagem. Todos os visitantes paravam na primeira sala a admirar a graciosa figura de ephebo que o cysne voluptuoso arrebata — *O rapto de Gany-*

medes — é uma estreia brilhante d'esculptor e. a confirmar o seu robusto talento, Fernandes de Sá apresenta os formosos bustos — *Desafio* — em bronze e uma — *Vélha* — — *Beija-Flcór* — preciosa cabecinha de creança, tão delicada e setinosa a sua tez de marmore que até apetecia beijal-a.

Alves Pinto um outro portuense, e Netto, discipulo de Simões d'Almeida, expõe retratos em busto.

O architecto Rozendo Carvalheira apresenta o projecto do magnifico — *Sanatorio de Sant'Anna* — já em construcção e tão grandiosamente delineado. Raul Lino tem alguns interessantes esboços e outros architectos apresentaram varios estudos dignos da analyse da critica illustrada.

Os estudos de architectura não offerecem grandes attractivos para a vista, mas deve sobre elles chamar-se a attenção, tão descurados teem sido os preceitos d'esta grandiosa arte pelos nossos constructores.

Na arte applicada sobresae uma *boiserie* estylo Luiz XVI, de Mayor, em que as grinaldas são tão mimosamente talhadas que parecem modeladas a dedo em pasta flexivel.

A Sociedade Nacional de Bellas-Artes reunindo os esforços da maioria dos nossos artistas para a defeza dos interesses da arte, empregando todos os meios de aperfeiçoamento, seleccionando as exposições, que são o mais poderoso meio d'instruir o publico e de captar-lhe as sympathias, presta importantes serviços.

A exposição terminou alegremente no accordo de todos os artistas em manifestar a Columbano, premiado com a medalha de honra, a alta consideração em que teem o seu talento, assim como já haviam feito a Malhôa. Estas manifestações de fraternal camaradagem realizadas no meio de festivos brindes são altamente sympathicas, firmam affectuosamente os laços que o interesse commum prende, suavisa rivalidades e dei-

xa as mais gratas e indeleveis recordações.

Uma exposição de Bellas-Artes no Brazil chama o concurso dos artistas portuguezes e para lá vão partir a maior parte das obras que o nosso publico teve occasião d'apreciar.

Que uma aura feliz lhes bafeje a viagem.

Maio de 1902.

A TERCEIRA EXPOSIÇÃO

DA

SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS-ARTES

I

A' esculptura coube este anno o logar d'honra na Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, onde admiraveis pedaços da obra extraordinaria de Teixeira Lopes fizeram vibrar d'emoção quanto em mim ha d'intellectual e d'artista.

A pintura nada apresentou de singularmente notavel, o que não significa escassez de trabalhos de valor, pois lá se encontravam representados os nossos melhores artistas, apenas ausente Ramalho, talvez porque, occupado em trabalhos decorativos, lhe esquecera dar o ultimo toque n'alguma d'aquellas lindas telas em que o seu pincel, tão fino como

a sua alma, cobre de tintas suaves os esboços vigorosos.

Pelo mesmo motivo, occupado em decorar o palacio da *Bolsa* do Porto, Salgado limita-se a apresentar uns retratos primorosamente executados, como aliaz o são todos os seus trabalhos.

Columbano, embora absorvido tambem o melhor do seu tempo com as decorações do museu d'artilheria, expoz um grupo das suas inconfundiveis telasinhas no qual se destacava pelo suggestivo extraordinario da expressão um retrato do conde de Arnoso.

Malhôa é incansavel; n'esta exposição como nas anteriores, os seus trabalhos são numerosos, de variados generos e de notavel merecimento. E' o pintor da luz da alegria; não vela o sol, e se adoraveis são os seus crepusculos não são menos bellos os trechos de paysagem ao ar livre em plena luz.

Que alegria radiante n'aquella—*Descamisada*—em que o sol doura o milho e as fulvas cabelleiras, e cobre de lumi-

nosa poeirada a polychromia da aldeia, aviva as côres dos lenços vistosos e esmalta o azul da athmosphera!

O—*Barbeiro da aldeia*—em *plein air* com os seus agrupamentos pittorescos, estudados, onde se encontram typos tão caracteristicos da nossa população aldeã, e uma tela de museu, e quão bem ella ficaria em algum dos nossos como perfeito quadro de costumes, para justa apreciação do talento d'este artista bem nacional.

Ao *Salon* de Paris enviou Malhôa este anno um formoso quadro — *A procissão* — que algumas das mais notaveis revistas d'arte francezas tem reproduzido nas suas paginas. E' a festa religiosa d'uma risonha aldeia, toda festões de verdura, e a procissão segue numerosa, os pendões desfraldados ao vento ao alegre estralejar dos foguetes. E que soberba figura a do fogueteiro á frente do cortejo em mangas de camisa, com as suas grossas botas de camponez, pousando firme e todo attento ao foguete que vae largar.

Mas se Malhôa leva no genero a palma a todos os outros artistas, subtil observador de gestos e costumes, e tendo por esta pintura singular predilecção é tambem um paysagista adoravel que nos delicia em trechos como a—*Manhã de verão*—*Crepusculo*—*Ao cair da tarde*—encontrando ainda emoções para transmittir-nos na paysagem maritima como na bravia—*Foz do Arelho*—e na linda bahia de—*S. Martinho do Porto*—.

No retrato muitas vezes primoroso como n'esta exposição o demonstra o de Madame M. B. pousado n'uma attitude cheia de distincção e refletindo na phisionomia a serenidade calma da edade madura.

Outro mestre se fazia notar no certamen, Carlos Reis. Raras qualidades, vigor e originalidade revelam o seu retrato de *Max van Ypersele de* Strion, muito interessante tambem a sua—*Mendiga*—que é pena não sobresair bem do fundo. Nas suas paysagens, mesmo n'aquellas em que mais expressiva fere a nota do

sentimento como no —*Poente d'abril*— eu encontro qnasi sempre, a meu pezar, esse não sei que de convencional que me rouba o prazer de gosar a suggestão viva da natureza em frente das suas telas.

Qualidades e defeitos do mestre encontramos como é natural nos discipulos, e Reis os tem talentosos; n'esta exposição dois d'elles Arthur Cardoso e José Leite foram justamente premiados, tendo apresentado retratos dignos de menção, mas quando tive occasião d'apreciar os trabalhos do grupo de rapazes que sob a direcção de Carlos Reis se dedicam particularmentes ao estudo da paysagem, procurando continuar a obra tão auspiciosamente iniciada pelo grande mestre Silva Porto, notei em alguns d'elles a procura d'effeitos brilhantes pela sobreposição de tintas que tanto me tem sempre desagradado nos processos picturaes de Carlos Reis. Um d'estes jovens artistas apresentou uns estudos de serras em que o terreno muito bem movimentado, e boa justeza de valores muito me agradaram.

De Condeixa estava exposta uma—*Cabeça d'estudo*—realmente admiravel, phisionomia de marinheiro em que cada ruga traduzia um pensamento e de que o olhar parecia sondar os extremes limites do horisonte.

Nenhum premio foi mais justamente conferido do que esse que honrou esta pequena tela.

Um grupo de paysagens completava a sua exposição.

Impresionou-me vivamente a linda e tão suggestiva—*Praia da Nazareth*—de Thomaz de Mello Junior, um artista, que porfiando longos annos no trabalho e no estudo conseguiu aperfeiçoar-se na comprehensão e execução da pintura, apresentando hoje trabalhos muito apreciaveis; ha em todos elles uma notasinha de bucolica poesia, e muita observação directa da natureza.

Sua Magestade El-rei, fino apreciador, adquiriu a—*Praia da Nazareth.*

Um outro trabalho se impunha ao louvar o—*Retrato do general Castel-bran-*

co—por Souza Lopes, moço artista de verdadeiro talento que tendo ganho o concurso á pensão Valmor está a esta hora em Paris preparando-se para entrar na Escola de Bellas Artes d'aquella capital.

E' um dos novos de que muito se espera Souza Lopes, discipulo da Escola de Bellas Artes de Lisboa e de Luciano Freire, a cujo espírito illustrado deve a direcção dos seus primeiros passos no caminho da arte. Mostrando desde creança vocação para a pintura, em Alcobaça, onde passou a infancia se entretinha copiando os velhos quadros das egrejas. Destinava-lhe a familia a profissão de pharmaceutico, a qual praticou e estudou até aos desesete annos. Foi o proprio director da pharmacia em que praticava, homem illustrado, quem comprehendeu que outros destinos bem diversos da manipulação de drogas, chamavam o atrevido e habil copista, e aconselhou Souza Lopes a seguir a natural inclinação. Auxiliado por amigos veiu o rapaz para

Lisboa, onde os primeiros estudos de desenho o descoroçoaram, tão mesquinhos pareceram a quem estava costumado a pintar em Alcobaça—*figuras grandes, inteiras* e *de alto a baixo*. Convenceu-o Luciano Freire para cujo *atelier* logo entrara, da indispensavel sugeição ao estudo e em breve se matriculou na Escola de Bellas Artes; feito o curso de desenho passou a estudar pintura historica sob a direcção de Salgado, sem deixar de frequentar o *atelier* de Freire.

O primeiro trabalho que expoz ao publico, logo o collocou em evidencia, o retrato do general Castelbranco, trabalho solido, confirma a sua extraordinaria aptidão para a pintura e intelligentissima comprehensão d'essa arte.

Da sua prova no concurso Valmor, sugeita ao thema difficilmo e ingrato que lhe coube no ponto; um complicado episodio da Illiada, saiu victorioso tendo apresentado um trabalho que demonstrou brilhantes qualidades. Ao voltar de Paris, completos os seus estudos, deve

occupar um posto eminente entre os seus contemporaneos.

Vaz está um grande preguiçoso, não porque deixe d'apresentar numerosas e bonitas telasinhas, das quaes dou a preferencia á—*Tarde d'outomno*—; mas porque parece mostrar tendencias para deixar-se adormecer á sombra dos louros colhidos.

Henrique Pinto praticando a boa acção de—*Dar de comer aos que tem fome* – realisou um pedacinho de pintura bem apreciavel.

Almeida e Silva foi este anno menos feliz a meu ver, apezar da distincção que obtiveram os seus—*Avosinhos d'aldeia*— que perderam um pouco deixando o cantinho do seu lar.

Entre as damas que concorrem habitualmente á exposição é este anno D. Emilia Santos Braga quem mais agradavélmente me impressionou com a sua —*Oração*—.

Christino apresentou alguns trabalhos, que eu não posso deixar de considerar inferiores á sua reputação e ao seu merito.

Gyrão, Rodrigues, Newton, velhos companheiros d'antigos certamens, lá estavam com as suas caracteristicas telas, Collaço com os seus habituaes arabes. Alguns discipulos da Escola de Lisboa exposeram varios quadros, em que se podiam notar pedaços de composição e execução dignos d'apreço.

O Porto muito bem representado por alguns dos seus artistas, e para distinguil-os bastava a attenção que attrahia a grande tela de Carneiro Junior—*Retrato do esculptor Teixeira Lopes*—na qual o encontramos no seu *atelier* em flagrante intimidade, natural e despreoccupado o gesto, no olhar expressa a concentração do pensamento alheiado do mundo externo. A composição é bastante original e o desenho pelo apagado dos contornos lembra a maneira de Carriére.

José de Brito tem uma grande tela —*A vaga*, - figura bem pintada, mas á qual preferimos os seus bons trabalhos a pastel.

Candido Cunha, com formosas impres-

sões de paysagens, Torquato Pinheiro com estudos de paysagem e o retrato de seu filho, Thomaz de Moura com os — *Carinhos de mãe* - e outros artistas portuenses, ainda, vieram com os seus trabalhos augmentar o interesse da exposição.

II

Não era escasso o numero d'aguarellas, e um aguarellista estrangeiro, Ianz, apresentava n'este genero varios estudos de paysagens deveras attrahentes, mas que perdiam bastante ao serem examinados com attenção pelos conhecedores que descobriam os fundos auxiliares do papel em que eram pintados. Mademoiselle Eisembart apresentou um vigoroso estudo de —*Fructos* — e Alfredo Moraes dois - *Costumes da Judéa* — primorosamente executados. Roque Gameiro só expoz um —*Retrato de El-Rei D. Carlos.*—

No pastel onde havia a notar um retrato de senhora por Malhôa e —*A Oração*—de José de Brito, distinguia-se como

sempre Sua Magestade El-Rei que expoz um formoso—*Effeito de luar no Sado* - além d'este trabalho em que manifesta a já tão conhecida e admirada proficiencia artistica, apresenta um outro estudo do formoso rio, executado pelo processo Raffaeli. O trabalho com estes lapis gordos não pode bem chamar-se pintura, pois pelo seu processo d'execução é um desenho a côres como o pastel. Não tem d'este o avelludado e a finura, mas eompensam-lhe estas qualidades o vigor e a solidez, e sendo Sua Magestade um eximo pastellista, resulta egualmente perfeito o seu desenho pelo processo Raffaeli.

Raffaeli, artista d'origem italiana, considerado como um dos mais notaveis pintores francezes, tem uma vasta e interessante obra, onde podem notar-se diversas paragens d'aperfeiçoamento, e este novo modo d'applicar tintas permitte-lhe juntar n'uma pintura a riqueza do pincel com a liberdade do lapis.

III

Em todos os nossos certamens de 1901 a esculptura triumphou, Teixeira Lopes absorve a attenção dos visitantes das salas da Sociedade Nacional de Bellas Artes com producções do seu talento, e só para vel-as se justificaria toda a concorrencia á exposição.

No concurso á pensão Valmor um artista ignorado ainda ha pouco, Francisco dos Santos, conquista com a sua soberba prova d'esculptor applauso geral, e tanta esperança dá que é para pedir a Deus o proteja, pois ao voltar com os seus estudos completos poderá ser ainda uma gloria da nossa arte. Este mesmo artista ganhou o primeiro premio no concurso para a capa do catalogo da exposição, com o desenho d'um lindo baixo relevo classico.

E' grande e gloriosa verdadeiramente já a obra de Teixeira Lopes; escolhido resumo d'ella se encontrava na terceira

exposição da Sociedade Nacional. Uma reducção da figura mortificada e tôrva do—*Cain*;—um ideal—*Santo Isidro* — formoso specimen d'arte chrisrã; o delicioso *Bebé*—lindo e adoravel pedaço de marmore, tenro á vista como uma carne mimosa, palpitante de vida; a cabeça da —*Viuva*—a recordar nos esse grupo que é um poema de saudade;—*Os velhos*— baixo relevo em bronze d'uma factura soberba, um encanto d'expressão colhida em intimos affectos. Varias reducções em bronze, magistraes como a encantadora velhinha—*Tia Joanna* e a cabeça de —*Velho*—pertencente a Sua Magestade El-Rei. Dois bustos em marmore— —*Creança napolitana*— e um retrato de senhora. Uma robusta—*Flora* - destinada ao monumento de Marques Loureiro; a grave figura de linhas sèveras que representará a—*Historia*—no monumento d'Oliveira Martins, triste e austera matrona que parece meditar na longa serie de crimes da fragil humanidade. A *maquette* em gesso para um tumulo,

em que se exprime bem sinceramente a dôr—*A apotheose de Garrett*—esboço em bronze.

O conjuncto d'esses baixo relevos, estatuas, bustos e cabeças tornava-nos orgulhosos a quantos comprehendiamos o valor d'essa obra d'esculptor insigne, orgulhosos d'esse grande artista que falla a lingua que fallamos, sente como nós sentimos, vive da mesma vida que nós vivemos, e honra o nome da nossa patria ante os estranhos que se curvam n'admiração d'esse talento e o applaudem.

Referimo nos acima ao concurso para o premio Valmor. Quando o visitei dias depois de fechada a exposição da Sociedade Nacional, senti me tomado de infinita gratidão para com esse grande espirito que occupou a sua vida servindo a causa publica do seu paiz e morreu instituindo o maior legado civico dos nossos dias. Auxiliar o desenvolvimento da arte nacional pensionando artistas para irem ás escolas superiores do estrangeiro aperfeiçoar os conhecimentos obtidos nas

academias patrias, onde a limitada concorrencia do nosso meio não dá azo a emulação para excepcionaes talentos; premiar obras d'arte; procurar desenvolver pelo estimulo do premio a descurada architectura das nossas habitações, são disposições que bastam para demontrar o quanto o nobre conde de Valmor se inquietava pelo atrazo em que via decorrer a vida artistica em Portugal e pensou nos meios de a esse mal remediar.

Em prol das pensões concedidas pelo legado aos artistas estudiosos, fallava essa a prova d'esculptura apresentada por Francisco dos Santos, tendo por competidor um moço tambem talentoso, Simões d'Almeida, sobrinho, cujo trabalho era digno d'attenção. O baixo relevo de Francisco dos Santos com a sua elevada comprehensão historica, a expressão tão natural dos sentimentos nos personagens, o estudo correcto das figuras, a boa ligação e harmonia dos grupos, era uma obra notabilissima para um rapaz de poucos annos, ante cujo aspecto timido

e modesto, ainda mais se admira a robustez d'intelligencia que revela.

IV

Offerecia interesse mesmo para os profanos a exposição d'architetura, encontravam-se lá alguns bons projectos como o d'um — *Club militar* — por Alexandre Soares, o projecto para o — *Mausoleu de Garrett* — 1.º premio do concurso de Tertuliano Marques, rapaz muito novo que tambem foi o segundo classificado no concurso Valmor; um — *Casino* — de Couto e uns esboços d'habitações de Raul Lino que continua empregando toda a sua vontade e todo o seu talento em reconstituir uma architetcura apropriada ás exigencias das construcções modernas, com feição verdadeiramente nacional.

Embora a nossa epoca não seja o reinado da architetura esta arte prima sempre em importancia, e ao desprezo dos seus preceitos estheticos devemos o char-

ro aspecto das nossas povoações urbanas, tão banaes e insignificantes construcções lhe pejam as ruas. Nem a todos é dado levantar moradias grandiosas como a que obteve para o architecto Bigaglia o premio Valmor, porem mesmo ás pequenas habitações é devido um pouco d'arte e isto valorisa os trabalhos de Raul Lino, que procura essencialmente alcançar esse resultado.

Quanto aos edificios publicos que estão sob a alçada directa do estado, e que são os grandes representantes de todas as artes da sua epoca, deve sempre presidir ao seu levantamento a mais escrupulosa attenção artistica.

Relativamente a este assumpto devemos congratular-nos da iniciativa tomada pelo conselheiro João Franco quando ministro do reino, por occasião do incendio que devorou a camara dos deputados, encarregando o architecto Ventura Terra da apresentação immediata d'um projecto de construcção para uma nova camara.

É sabido que apresentado no fim de

duas semanas esse projecto, o conselho d'obras publicas deu parecer desfavoravel, propondo se abrisse um concurso internacional, alvitre acatado pelo então ministro das obras publicas, conselheiro Campos Henriques.

Concorreram numerosos artistas nacionaes e estrangeiros, mas foi o projecto de Ventura Terra, apresentado a instancias do conselheiro João Franco, o que ganhou o concurso.

Adjudicada a construcção a este architecto, encontra-se hoje quasi completo o grande trabalho, todo incumbido a distinctos artistas portuguezes. A construcção architectonica e o desenho da mobilia da sala das sessões e galeria pertence a Ventura Terra. Os grupos decorativos em esculptura, que ornam as tribunas, foram incumbidos a Moreira Rato e Teixeira Lopes, sendo tambem d'este notavel esculptor a estatua d'el-rei D. Carlos que está na presidencia. A parte decorativa em pintura foi confiada a Velloso Salgado.

Ventura Terra anda concluindo um projecto para a nova fachada do palacio das côrtes, o qual completo ficará sendo um edificio digno de representar o nosso moderno desenvolvimento artistico.

Por esta sua obra felicitamos Ventura Terra, o notavel architecto cuja biographia escolar é só por si um glorioso brazão.

Sendo um dos illustres filhos da academia portuense, possue essa força de vontade e esse amor do trabalho que caracterisam a nossa gente do norte. Pensionista do estado em Paris, discipulo de André e de Victor Leloux, o seu curso é assignalado por todas as distincções, e estas lhe permittiram tomar parte no concurso para architectos de primeira classe, diplomados pelo governo francez, sociedade escolhida a que ficou pertencendo e que é o maior grau a que podem aspirar os architectos em França.

O seu — *Projecto para o palacio da justiça de Lisboa* — de cuja execução está encarregado, alcançou-lhe ainda um honroso diploma e depois da sua volta

para Portugal tem aqui confirmado a extraordinaria reputação que o acompanhou do estrangeiro.

Nenhum trabalho seu se encontrava na terceira exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes, mas fallando da architectura não podia deixar no olvido o illustre artista que está actualmente levantando um monumento tão honroso para o seu nome como para o bom credito da arte nacional.

V

Na arte applicada notavam-se pelo seu cunho artistico as *boiseries* de José Maior; D. Maria Augusta Bordallo apresentava um leque das suas lindas rendas; de M.elle Eisembart e suas discipulas via-se grande numero de bonitas porcelanas mais ou menos artisticamente pintadas; a cinzeladura estava apenas representada por duas boas fivellas; uns guardaventos e uma imitação de Gobelins de Ianz completavam esta secção que é muito para

attender, pois sem a applicação da arte aos objectos sumptuarios não póde ter existencia uma epoca artistica caracterisada.

A arte deve penetrar na vida intima educando o gosto, não desprezando meio algum d'insinuar-se: os mais completos artistas foram os da renascença, e elles não se dedignavam de tocar em objectos d'uso commum, enobrecendo-os pela alliança divina da arte.

Julho de 1903.

INDICE

Parte I — Perfis

	Pag.
Ferreira Chaves	3
Manuel de Macedo	17
Ernesto Condeixa	29
Christino da Silva	41
Fernandes de Sá	53
Arthur Loureiro	65

Parte II — Notas e impressões

Carta de Fialho d'Almeida	77
A estatua do Coração de Jesus	85
O monumento a Sousa Martins	95
Ainda o monumento a Sousa Martins	105
Projecto de um novo monumento a Sousa Martins	111
O novo monumento a Sousa Martins	117
A estatua de Affonso d'Albuquerque	125
A volta do Castanheiro	135

Pag.
A baixella Barahona..... 139
A espada d'honra 147
Decorações de Antonio Ramalho..... 155
O quadro historico do centenario do descobrimento do caminho maritimo da India 165
O monumento ao Infante D. Henrique.... 175
O esculptor Bernardino Reaes e a sua ultima prova escolar..... 187
Santa Maria de Belem..... 194
Architectura jesuitica..... 203
Questão d'arte..... 209
Exposição extraordinaria do Gremio Artistico..... 215
A nona exposição do Gremio Artistico... 245
A primeira exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes..... 259
A segunda exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes..... 289
A terceira exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes..... 305

ACABADO DE IMPRIMIR

NA IMPRENSA DA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

aos 25 dias do mez de agosto

anno

M CM III

FINE ARTS LIBRARY
3 2044 034 786 459

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.